

Contos de Nebulom

A Flor e o Gigante

Cain Wolf



CONTOS DE NEBULOM

A FLOR E O GIGANTE

CONTOS DE NEBULOM

A FLOR E O GIGANTE

DE

Caim Wolf

Para Bal.

Uma breve apresentação

Os contos de Nebulum relatam as aventuras de uma civilização com características peculiares. Seu registro foi feito em uma biblioteca chamada de Nebularium. Tudo o que se conseguiu ser salvo da voracidade das gargantas do esquecimento estão escritos nos volumes que compõem o Nebularium e aqui serão transcritos na medida do possível. Segue, então a tradução dos textos.

Nebularium

O Nebularium se trata do conjunto de escritos salvos da grande biblioteca de Cadastron, e dos registros dos povos dos mundos de Nebulom. Ambos foram resgatados da sala onde outrora frequentaram os grandes historiadores e sábios das eras distantes. Tenta, então, ser um registro de características das racas, culturas, tipos de ambiente, filosofias dos mais variados seres que participaram dessa incrível civilização.

Além de conter mapas, inclusive do sistema solar, gravuras, símbolos e fatos curiosos acontecidos e quase perdidos na noite dos tempos, também possui em suas páginas a cronologia das eras.

Inicialmente escritas pelos Atunis, recebeu a contribuição de Mantaneiros e Litorâneos, bem como, dos povos não humanos, tais como Tatunos, Suniis e Roedores Brancos.

Sugere-se pela escrita original que os livros foram escritos por reis, sábios, estudiosos, degenerados, e até por crianças. Sua força se mostra incomparável a medida em que se lê e se mergulha naqueles mundos maravilhosos, descritos desde sua primordial

construção e organização feita pelos Semeadores. Sendo esse o povo que sonhou primeiro com tudo aquilo que deveria ser feito, será por eles que traduziremos esse trabalho.

Uma visão geral

Podemos dizer que o universo foi imaginado pelo criador dentro de um conjunto de leis para que existisse. As leis que foram escolhidas para reger o universo e seu comportamento, dando-lhe forma e demais características, foram denominadas de leis naturais. Porém, havia também a criação e a transformação que poderia ser originada fora dessas leis. Alterando o natural e o refazendo, mutando formas, consistências, alterando a energia que une as partículas mais pequenas da matéria se poderia imaginar um outro universo, ou vários deles. Outras formas de existir e de interagir além do que as leis naturais poderiam oferecer. Essa era a luta entre o natural e o inatural.

No início das traduções do Nebularium, vemos o texto que fala da grande nebulosa. Esse era o tempo em que as primeiras raças que surgiram após a criação do universo, atingiram a compreensão de suas leis, a ponto de aprender meios de viajar entre as estrelas. Será verdade se dissermos que nesse tempo, não havia um número grande de raças que viajavam pelo cosmo. Mas, as que havia já se interagiam umas com as outras. Conheciam, pois, a nebulosa gigante, onde pouco se sabia além do que os olhos podiam ver. Alguns curiosos viajantes haviam aceitado voluntariamente o convite de entrar na Nebulosa para admirar o seu conteúdo energético. Porém, nenhum deles voltou para contar como era ali no interior daquele grande acúmulo de energia e gás. Nunca tinham sequer mandado uma mensagem de socorro. Ficando com o passar do tempo, toda a área da grande Nebulosa,

evitada até mesmo pelos mais aventureiros que dela tinham conhecimento. Vez ou outra, por acidente, uma nave voltava a desaparecer em suas entranhas, sem deixar vestígios como era de costume. Um desses acidentes ocorreu, justamente, com uma grande nave dos Semeadores. Tais quais seus antecessores, a nave da sábia raça criadora de mundos, desapareceu e nunca enviou uma única palavra de pedido de ajuda.

Por sua vez, da parte dos registros dos Semeadores, já sabemos que inúmeras tentativas de comunicação com o exterior da nebulosa foi feito, sobretudo nos primeiros anos após a sua chegada. Sim. Embora ninguém de fora da nebulosa soubesse do verdadeiro destino dos Semeadores, eles sobreviveram a entrada mortal. Registraram suas primeiras deduções sobre o novo ambiente no qual se encontravam, e assim escreveram:

“Quando, enfim controlamos nossa nau, sendo porém, tarde demais para se evitar o choque com a superfície do planeta, pudemos nos reorganizar para um levantamento do que poderia ser reaproveitado. Sabemos que o grande veículo era comparável a um média cidade de muitos povos, e que por isso, e por nossa natureza adaptável a extremos, deveríamos seguir com nossos propósitos.

Foi de imenso valor quando descobrimos que a grande e temida nebulosa, se tratava de um aglomerado de restos dos elementos naturais que criou a estruturas que vemos no universo. Sabemos que isso existia em incontáveis locais do cosmo, mas, aqui, o que foi descoberto foi que, no seu centro oco, a nebulosa ocultava para os que estavam fora dela, a presença de um novo e desconhecido sistema solar. Devia ser jovem, porém, já bem formado, sem nenhuma esperança de desenvolver vida por si próprio.

O mistério de nunca ninguém ter retornado foi rapidamente solucionado graças as novas informações que tivemos sobre o que acontecia do ponto de vista de quem estava dentro da nebulosa. Além, da grande velocidade de gigantescos detritos em sua composição, a grande nuvem girava produzindo titânicas explosões de energia pura, que não somente eram destrutivas por si só, como também criavam escudos térmicos com a temperatura de muitos

sóis juntos. Para quem conseguisse ultrapassar esse primeiro e, quase intransponível, desafio, havia ainda os grandes planetas que estavam logo a frente, que além de girarem em suas órbitas, mortais para um desavisado, possuíam tremendos campos gravitacionais que funcionavam como grandes monstros sugadores que levavam a uma morte certa em suas superfícies.

Até onde sabemos, fomos os primeiros a conseguir a façanha de um pouso de emergência com sobreviventes e condições de manutenção de vida. Nós batizamos o gigante mundo de Cadastron, e dele voltamos nossos olhos para os outros mundos da nebulosa. O primeiro planeta era quente e agressivo. Um apaixonante desafio para os mais afoitos de nós, que gostavam de criar vida em mundos extremos. O segundo era acolhedor para os que de nos se dedicavam a vida simples e bela. O terceiro era um mundo mais típico, considerado excelente para uma grande multiplicidade de vida. O quarto foi visto pelos mais importantes entre nos, como um lugar especial, onde algo especial deveria ser colocado. Nos estávamos no quinto e gigante mundo, agora chamado Cadastron. Além desses mundos, havia um planeta gigante de gelo, com uma linda lua, de grande tamanho, o orbitando. Os outros estavam muito próximos das influências da parede interna da nebulosa. Nos contentamos com o cultivo dos mundos que já foram citados e, nos pusemos a trabalhar em nossas ciências. Chamamos os mundos, a partir do sol que orbitavam, de Planeta Fogo, Planeta Jardim, Planeta Floresta, Cadastron e Planeta Gelo. Nomes simples para mundos ainda simples, praticamente mortos.

Criamos um calendário, sendo o ano zero iniciado a partir de nossa queda em Cadastron. Boa parte dos aprendizes se dedicaram a construção de nossa cidade, durante o primeiro ano, sendo ela chamada de Amorie. Durante os próximos cinquenta anos, viajamos até os mundos, os estudando de perto, minuciosamente como sempre nos exigiu nossa cultura de Semeadores.

Foi na primeira metade do ano 110 que aconteceu algo que nunca foi esperado por nosso povo, em nenhum momento de nossa antiga história. Um de nos, chamado de Cienf,

apresentou no grande debate, a possibilidade de se criar um sistema solar que não seguisse as leis da natureza. Ele defendia que todo o universo fora da nebulosa fosse feito sob as leis naturais. Porém, agora, tínhamos tido a única chance de descobrir um conjunto de mundos que estavam ocultos, livres dos julgamentos tradicionais dos outros povos estelares. Sabíamos que leis que poderiam ter sido utilizadas nesse universo foram retiradas do “projeto” do criador, guardadas e nunca usadas até onde sabemos. Mas, que conhecíamos como eram aplicadas, mas, nunca nos sentimos propensos a usá-las, pois seria ir contra a uma sabedoria infinita, que em sua completude, preferia aboli-las.

Apesar de seus argumentos, Cienf foi considerado um traidor das leis naturais, principalmente, devido a sua irredutibilidade nas ideias de usar os mundos da nebulosa para seu novo propósito. Recebeu a pena máxima que foi o exílio para o Planeta Gelo, onde passou a ser rigorosamente monitorado.

Finalmente, duzentos anos após nossa chegada, o relatório final listou todos os projetos em andamento, incluindo a criação de oceanos, vegetações, animais e todas as raças inteligentes que habitariam os maravilhosos mundos, ainda adormecidos. Quando tudo estivesse vivo, entraríamos no que chamamos de “tempo de aprendizagem”.

Era o começo de tudo.

Por Anik, um "semeador de mundos.”

Assim se inicia a tradução dos raros textos que sobreviveram feitos pelos Semeadores. Muito do que se resgatou são fragmentos de, outrora, grandes e minuciosos registros, ricos em informações descritas cheias de sentimentos e dedicação ao que consideravam a maior dádiva que um povo do cosmo já recebeu: a criação da vida.

Numa das partes dos registros mais sofrida pelo tempo em sua integridade ainda mostra os importantes fatos que sucederam ao que foi escrito pelo Semeador Anik. Consta claramente que o avanço da aplicação dos projetos nos mundos, e sobretudo o período em que se dedicaram a nomear e a ensinar os seres inteligentes sobre o mundo que os cercavam, ocupou os Semeadores de tal forma que não perceberam o que acontecia no planeta gelo. Cienf continuou também seus estudos do “inatural”, as leis abolidas pelo criador, avançando assustadoramente na criação da arte da “inatureza”, conjunto de técnicas que não criavam a vida, mas, as “inaturava” em sua essência e matéria. Se faz necessário destacar, que no coração de Cienf, ele não cultuava raiva, ódio por seus irmãos Semeadores, muito menos algo que se aproximasse de vingança. Não existiam tais coisas nessa idade do universo. Queria, simplesmente, mostrar sua ideia aos outros, na certeza que eles também iriam se maravilhar com seus feitos, e terminar a dor que sentiam por seu afastamento. Cienf, no característico zelo infinito da raça a qual pertencia, criou seus próprios seres a partir de projetos de seres desenvolvidos pelos Semeadores-mestres. Unindo seu conhecimento da Inatureza, na qual se tornou mestre, e das sementeiras, Cienf criou um povo para seguir sua ideia primordial e cultuá-la. Também, construiu no Planeta Gelo, uma incrível cidade subterrânea para os que denominou Inaturos. No mesmo tempo da aprendizagem das outras criações, Cienf ensinou as suas crias sobre tudo o que sabia, e até, o que teorizava sobre algumas coisas. Ele possuía hipóteses de uma grande corrupção dos seres vivos, com o passar das eras do universo. Os inaturos se tornaram dominadores das técnicas não-naturais abominadas pelos Semeadores. Assim começou a divisão entre as criaturas de Nebulon.

A FLOR E O GIGANTE

A sombra na água.

A lua se mantinha visível no céu noturno, embora estivesse prestes a ser engolida pelas nuvens pesadas que trouxeram a forte chuva que acabara de começar. Para os homens na embarcação, a luta contra as forças da natureza já começara há cerca de duas horas. Tratava-se de pescadores do povo litorâneo, criados por toda a vida no mar, e, graças a sua cultura, desse mesmo mar se sentiam como uma parte viva e autoconsciente. Definitivamente, eles o cultuavam. Das cores do grande oceano, retiravam seus mais básicos conceitos de beleza e estética, que influenciavam sua arquitetura, suas vestes, seus conceitos de saúde, e até o desenvolvimento de seus corpos, cuidados e trabalhados graças ao contínuo contato com o mar, onde desenvolveram entretenimentos e exercícios corporais diversos que, por fim, os deixavam com características físicas bem peculiares do povo litorâneo, como a cor da pele e a ampla largura dos ombros. Graças à herança dos Atunis, dos quais descendiam os “Litorâneos” e toda a sabedoria que possuíam, também respeitavam o grande equilíbrio que era visto nas leis naturais e em todos os filhos da natureza. Sua barça não fugia à regra, sendo dotada de uma tecnologia peculiar que, apesar de complexa, a tornava administrável por alguns poucos tripulantes. Possuía, como o costume, um casco que afinava incrivelmente em direção ao mar, tendo aparência laminar à primeira vista.

Anir, o líder do grupo na embarcação, tinha todo esse conteúdo cultural, sendo, como esperado, um hábil navegador e construtor de barças laminares, bem como um incrível

meteorologista e astrônomo de navegação (embora seu céu tivesse poucos pontos fixos de luz, pelos os quais se utilizaria para se guiar). Era um homem sério, firme, mas, mais sereno do que rude. Embora acontecesse que, entre alguns povos, os litorâneos fossem vistos com certa estranheza por serem o único povo que se alimentava de outro ser em todo o planeta floresta (já que se alimentavam de alguns seres que habitavam o oceano e todos os outros povos encontravam na vegetação e suas variações a força que necessitavam para manter sua energia vital) muito da sabedoria deles era admirada no mundo que se estendia além de suas fronteiras. Anir era, pois, um mestre do mar, sendo um grande conhecedor da experiência histórica de seu povo a respeito do oceano e de seus contos.

Porém, naqueles tempos, haviam surgido muitas histórias confusas, como as de alguns navios que não voltaram para casa, existindo agora, uma tensão diferente e crescente entre o povo litorâneo. Mesmo cientes de relatos estranhos, a pequena tripulação de seis homens procurava se concentrar em suas atividades de navegadores, já que conheciam bem os desafios que a natureza obrigava os litorâneos a dominar diariamente entre as ondas e espumas do grande oceano, reconhecendo que, por si só, tais desafios já os levavam a aventuras que bastavam aos seus corações.

Agora a chuva já açoitava com força a embarcação. Anir, o líder, tentava coordenar seu pequeno e eficiente grupo que corria, chegando a parecer mais numeroso do que realmente era, ao longo do convés do barco. Gritava comandos a todo tempo, enquanto segurava no direcional da embarcação.

- Força, bravos! Já podemos retornar agora. Mudar o caminho do vento! Depressa!

Num movimento coletivo, como que ensaiado, os cinco homens que auxiliavam o líder correram para pontos diferentes e a embarcação virou numa súbita guinada no topo de uma onda. A frente, com o infinito movimento do mar revolto pela forte chuva, abriu-se um grande vale de água que caberia uma pequena montanha inteira dentro dele, e Anir prontamente, seguiu manobrando o barco para dentro. Ganhando velocidade, a única reação vista na

tripulação foi a de gargalhadas diante do entusiasmo com aquela aventureira situação e com o incrível ângulo de descida que a onda que formava o abismo na água criara. Nem haviam percebido que a noite chegara rápida, banhada por um azul escuro intenso, e contaminada pela distante luz da lua que se mantinha visível aos tripulantes no barco, resistindo sua exposição entre as pesadas nuvens que a cercavam. Súbito, o barco bateu em algo que, aparentemente, estava sob a água. Anir caiu sobre o controle e, rapidamente procurando retornar a sua posição anterior, tentou olhar em volta, analisando o que acontecera. Mas, agora, todo o barco rodopiava a média velocidade, ondulação abaixo.

-Mestre Anir! Que houve? O líder ouviu a voz de seu ajudante. Porém, antes que pudesse responder, o barco batera em algo outra vez e mudara o sentido da rotação, fazendo alguns utensílios e cargas se soltarem no convéns, parando em seguida e começando a descer de lado para o abismo de água a sua frente.

Anir ouviu outro de seus homens berrando apavorado: Vejam! Vejam! Abominável! Nossa condenação chegou!

O líder da embarcação se ergueu diante do controlador do barco e viu algo escuro que emergia da água. Em um primeiro olhar, o que estava surgindo entre as vagas do mar lhe pareceu serem rochas negras, porém alguém gritou:

- A sombra d'água! A sombra d'água!

Ao fundo da grande vaga que se abriu, surgiu uma gigantesca criatura em forma de serpente, que mirava fixamente a embarcação, com uma bocarra aberta, ainda escorrendo a água marinha que antes a escondia dos experientes olhos de navegante de Anir. E entre trovões, então, os homens ouviram uma voz que arrepiou seus espíritos duros de aventureiros de nascimento:

- Eu sou Nama!

A voz se distinguia em poder entre o ribombar dos trovões que pareceram mais intensos como se quisessem fortalecer a voz da criatura. Então, ergueu a imensidão de seu corpo

serpentiforme e mergulhou sobre o barco com grande força. Com o peso do ataque, a embarcação sumiu completamente sob a água, ressurgindo um pouco à frente de um dos lados do corpo da criatura. Nama já fazia um movimento semicircular com a parte que dela se via na superfície, e imediatamente, movendo seu corpo lá e cá, iniciava uma grande curva em direção ao barco dos Litorâneos.

Com a típica força dos descendentes dos Atunis, o grupo de homens no barco já havia se reorganizado outra vez, e com olhar de coragem encaravam o monstro a cada movimento que executava. A criatura, inabalável em seus propósitos, se dirigiu direto para a embarcação e mergulhou ao se aproximar da mesma. Dava, porém, para perceber seu corpo negro escurecendo a água, tal qual se falava nos relatos dos sobreviventes de supostos ataques sofridos pelo povo Litorâneo nos últimos meses. “A sombra d’água”. Lembrou Anir. Então, sofreram um novo golpe. Este vindo de baixo. Nama havia levantado de súbito, a parte de seu corpo que ainda passava sob o barco, e violentamente, o arremessou para cima, o tirando totalmente do contato com a água, fazendo-o bater de volta, segundos depois, com força na superfície do mar.

- Pobres e frágeis criaturas... Assim a natureza os fez... Por si, condenados! Disse Nama com uma voz poderosa carregada de desdém.

E voltou a se erguer na água, ficando a exhibir a imensidão que formava seu ser, erguida com parte de seu corpo fora d’água. Não se soube precisar se um trovão voltou a reforçar sua voz, mas, o que se viu foi todo o barco tremer com o som saindo de sua enorme boca:

-Agora, por fim... Pereçam!

Soltou um grunhido assustador que se espalhou pelas ondas selvagens que a tudo testemunhavam. Então, Anir se preparou para o choque terrível de sua embarcação com o corpo da criatura. E pensou que essa poderia ser a última de suas aventuras. Corajosamente, levantou seu rosto mais uma vez para encarar os olhos de Nama, sendo então, que nesse momento, aconteceu algo inesperado. Sua atenção se voltou para uma pequena e distante luz

que apareceu por trás da cabeça do monstro. Embora ainda parecesse distante aos olhos do Litorâneo, a misteriosa luz se aproximava com incrível velocidade. Nama, que nada percebera até ser tarde demais, foi surpreendida com o intenso clarão que a golpeou por trás e, que mesmo virando-se, a atingiu tão violentamente que deixou escapar um ensurdecedor grito de dor. Da embarcação, nada mais se pode ver em detalhes. A luz se tornou tão brilhante, que os homens nada viram, passando apenas a proteger os olhos com as mãos. Logo, em meio a luz que tudo envolveu, sentiram uma grande pancada produzida pelo corpo de Nama no barco, avariando visivelmente, partes da lateral da nau. Os homens puderam, então, ver a sombra do monstro se afastando sob a água, enquanto a luz a seguia ganhando lentamente altitude, até subir no infinito do céu, de uma hora para a outra.

Anir acompanhou tudo, lado a lado de seus companheiros, mantendo-se no meio deles a também olhar o céu, ainda com muitas nuvens, porém, com a chuva já bem mais calma.

Movendo-se com ligeira dificuldade, ouviu a voz baixa de um deles:

-Mestre Anir... Veja!

E, voltando-se aonde o homem apontava, estava uma grande porção de pele de serpente, de textura rígida como as de seres perigosos e agressivos. Aquela era a primeira evidência material da existência de Nama, a “sombra d’água”. Agora, os boatos haviam se transformado em fatos.

Foram nesses tempos, mais precisamente, no ano de 1412 da Terceira Era, que Nama viveu e aterrorizou o povo Litorâneo da grande ilha Alin. Situada sob o domínio do povo do mar, A ilha era um ponto muito conhecido entre os amantes do oceano, sobretudo, o povo Litorâneo, que como se sabia, a guardava, agora sob a governância do corajoso Bravo-líder Lenar, filho de Olen. A capital do território se chamava Gohta, desde os tempos antigos, e se situava as margens de um magnífico golfo, cheios de ilhas ao centro, tendo logo após a sua saída, seguindo mar adentro, a Ilha Alin.

A ilha era habitada por uma comunidade de pescadores, e era formada por uma vasta região de terra e rocha, sendo seu litoral constituído por uma grande cadeia de montanhas, que protegia uma densa floresta situada ao centro, tendo esta, porém, dois acessos por terra, direto para praias, em pontos extremos e opostos. Foram nesses acessos que o povo da ilha Alin construiu seus portos e suas duas pequenas vilas. Ali viviam uma vida tranquila, mas, com boas aventuras no mar. A floresta do centro não era muito explorada, devido a cultura dos litorâneos voltada para a vida marinha, de onde tiravam todo seu sustento, estilo de vida, e, até entretenimento. Como também navegavam mais do que andavam (tendo por isso um andar característico como se sempre estivesse se equilibrando no chão, devido a habitual exposição do balanço do mar), a aventura de andar por 4 dias, para o interior do centro florestal para se chegar de um porto a outra da ilha, não parecia aos Litorâneos que ali viviam, algo muito atraente de se perder tempo. No máximo, conheciam fontes de água doce, e um ou outro ponto para passeios e descanso, onde algumas famílias costumavam levar os filhos nas horas de lazer e aprendizagem.

Os litorâneos era um povo forte e que se vestiam, costumeiramente, de forma simples. Suas roupas possuíam poucos adereços e, quase sempre, eram um peça única e justa que vestia todo o corpo, inclusive com um pequeno capuz removível, que pendia para as costas. Tal indumentária os deixava prontos a cair na água a qualquer momento, e nadar em boa velocidade, sem que suas roupas os atrapalhassem, ao mesmo tempo que protegiam a pele da força do sol. Além disso, criaram tecidos que rapidamente enxugavam, ficando, na maior parte do tempo, bastante confortáveis em seus corpos. Assim eram os Litorâneos tanto das cidades praianas do continente, como da população insular.

Há oito anos, porém, boatos e histórias imprecisas falavam de uma “sombra na água” que atacava as embarcações nas imediações da ilha Alin. Entretanto, nos últimos meses, a coisa parecia fora de controle, já começando a provocar um esvaziamento das habitações da ilha e um êxodo desvairado dos tradicionais ilhéus pescadores, rumo ao continente. Mesmo os mais

bravos e resistentes a abandonar os portos de Alin já partiam, pois o mar estava ficando sem seus frutos a oferecer, por razões igualmente misteriosas. Então, os líderes-heróis, que tinha na essência de seus corações, cuidar dos povos, já procuravam levar informações verossímeis aos ouvidos do Bravo-líder Lenar, tendo todo o cuidado em separar os fatos críveis dos visíveis boatos contaminados com distorções de conversa e emoções transformadas em temor. Foi, então, que souberam da história do mestre-pescador Anir e sua, agora famosa, “prova irrefutável” do que seria a “sombra na água”.

Resgate em Onibur

A grande tempestade que caía nas terras habitadas pelos litorâneos se estendia desde o alto-mar, passando pelas ilhas, além da entrada do grande golfo. Açoitava mais que isso, alcançando a terra do povo-irmão dos Litorâneos, os Mantaneiros. A grande tormenta já durava quase cinco dias tendo mudado a vida cotidiana das populações atingidas.

Na região de Onibur, ficavam sedes de estudos do saber Mantaneiro, e alguns grupos se encontravam isolados por correntes de água. O volume de água havia aumentado tanto na região que os líderes-mantaneiros resolveram pedir ajuda do domínio e conhecimento das águas que os Litorâneos possuíam. Obalum, um líder dos mantaneiros muito admirado em sua época, aguardava com alguns de seu povo o grupo de apoio formado pelos litorâneos.

- Lá estão eles, Obalum. Avisou um mantaneiro. - Estão subindo a encosta da represa.

Obalum teve pouca dificuldade em reconhecer o grupo cinco de homens esguios que caminhavam na subida íngreme em direção ao ponto que seu grupo os aguardava. O líder-mantaneiro tinha muito a se preocupar. Nem todos os grupos de populações estavam confirmadas a salvo, e a grande represa de Onibur parecia estar com sua horas contadas,

resistindo como um colosso ferido a força das águas que continha. A gigante represa estava as costas e acima do Grupo de Obalum.

Mais abaixo os litorâneos caminhavam rápido mas em dificuldade. Traziam mochilas de variados tamanhos e alguns instrumentos com pontos luminosos que oscilavam em suas cinturas. Suas roupas, tipicamente coladas aos corpos, quase não se tornavam úmidas, e pareciam à primeira vista não possuir aberturas. Protegendo a cabeça, traziam um curioso capuz, um pouco amplo demais para o restante do traje. A escuridão gerada pela tempestade deixava os seres sem cor, fazendo suas silhuetas, por vezes iluminadas pelos raios, parecerem de cor negra azulada. Além dessas características, os Litorâneos estavam usando grandes óculos de lentes arredondadas e escuras, com arestas para se acoplar a máscaras que lhes garantia uma reserva de ar, se necessário, que balançava um pouco solta abaixo de seus queixos.

O Litorâneo que ia a frente ergueu o rosto liso e fino observando a represa. Fez um gesto e o restante do grupo parou. Todos que o acompanhavam ficaram mais atentos. Procuravam tentar observar o que o líder examinava. Veio uma sequência de raios e trovões. E depois outra e outra. Então, o grupo retornou a marcha em passo ainda mais acelerado apesar do riacho com forte corrente que atingia seus pés e descia desafiadoramente pela encosta da represa gigante.

Enfim, os grupos se encontraram.

-Saudações, líder litorâneo e meu irmão! Falou Obalum com voz em tom forte manteneiro, porém, de maneira receptiva.

-Saudações, líder Obalum. Sou Atanir, e trouxe meu grupo conforme a solução de seu povo ao meu Bravo-Líder Lenar.

-Me conhece, Atanir? Já nos encontramos antes? Admirou-se Obalum por ter sido tão logo tratado por seu nome.

- Seria um despreparo de minha parte não conhecer suas grandes viagens e histórias mantaneiras, Obalum. Sua coragem vai mais além do que tem conhecimento. Respondeu Atinir com cordialidade.

Era isso o que líderes Litorâneos, Mantaneiros e Antigos faziam como dever. Viviam e, muitas vezes, morriam por seu povo e a segurança destes. Ora, habitavam realmente um tempo que não conhecia guerras, sendo a única exceção, pequenos focos de batalhas territoriais na época da grande chegada dos povos de Atunis ao planeta floresta. Mas, as lutas contra as grandes forças da natureza eram traiçoeiras e cruelmente assassinas de líderes e bravo-líderes. Essa era somente mais uma que caía sobre os ombros de Obalum.

- O que tem para nos ensinar hoje, Atanir? Perguntou o líder mantaneiro. Muita destruição até o mar? Alguém ficou para trás?

- Não viemos do mar, Obalum. Corremos junto com grandes de seu povo, sob a força dos lombos de Mantas, e fomos muito a frente da região da represa nos últimos dias. Vimos as montanhas que formam o rio que aqui é detido pela grande represa. Elas formam o caminho para as chuvas que descem e se encontram aumentando o volume na correnteza. Explicou Atanir em tom muito sério. – O grande perigo na verdade não está nas águas que passaram, mas, a que nesse momento caem do céu. Em nossa opinião, grandes nuvens continuam vindo do poente, se acumulando sobre nossas cabeças, e acima do rio e além. Cairão, com certeza, abruptamente, todas de uma vez. Por isso, contornamos ao chegar aqui, e descemos para observar a represa. Ela está condenada, Obalum.

Subitamente, um dos Mantaneiros chamou a atenção de seu líder: - Eles chegaram e estão se posicionando, Obalum.

- Ótimo! Bem a tempo. Respondeu com um pouco mais de ânimo Obalum e continuou a falar com Atanir: - Acreditávamos que condenariam a represa, por isso, pedimos reforços de Mantaneiros e material para reforçar os pontos de maior comprometimento da estrutura por mais algum tempo.

Obalum se aproximou e tocando o ombro do líder litorâneo falou em tom triste: - Meu irmão Atanir, precisamos encontrar um grupo de setenta de nossas crianças que estavam numa sala de estudos e, junto a construção desceram rio abaixo. Daqui até o mar, o rio é praticamente inacessível para nós. Tenho certeza, porém que a construção, até certo tempo, pode proteger o grupo desaparecido.

- Entendi a situação, grande Obalum. Respondeu Atanir. – Dois de meu grupo ficarão com você e os seus e lutarão pela resistência da grande represa. Eu e os outros dois desceremos o rio em agulhas e localizaremos as crianças.

E assim os grupos se formaram. Obalum rapidamente se dirigiu ao grupo de mantaneiros que chegara com material e com o apoio dos dois Litoraneos e os outros de seu povo se puseram a trabalhar. A chuva continuava tão forte quanto nos últimos dias, e Atanir já estava a beira do rio que rugia a sua frente como que o chamando para o embate até a morte.

-Atanir! Atanir! Ecoou a potente voz de Obalum. – Traga os pequenos!

De onde estava Atanir já não avistava o líder mantaneiro e os outros, mas, respondeu afirmativamente com a cabeça mesmo assim.

Um dos que o ladeava era de menor altura e menor porte, pois era o mais jovem. Sob o peito da sua roupa negro azulada estava um risco fino amarelado, símbolo dos aprendizes litorâneos. O outro não parecia um adulto de meia idade, mas, não era nem da idade de Atanir, nem tão jovem quanto o aprendiz. Ambos observavam seu líder analisar rapidamente as corredeiras.

-Saquem suas agulhas! Falou firme Atanir sem tirar os olhos do rio.

Ele e os outros tiraram da mochila que traziam nas costas uma espécie de prancha negra metálica. Em seu comprimento, mal cabiam os dois pés de cada litorâneo. Segurando pelo lado, as posicionaram sobre a água sem deixar a tocar e bateram levemente com o punho na superfície superior, surgindo uma lâmina que, tocando a água foi se aprofundando nela. Tal movimento deixou a prancha mais fina a medida que se esticou para baixo. Com um salto,

Atanir caiu com os dois pés sobre o que chamavam de “agulha” e saiu se movendo em rápida velocidade, rumo a parte central do rio. Mesmo com o peso dos litorâneos, por terem grandes quilhas, as agulhas ficavam com metade da parte que entrava na água e fazia a função de leme à amostra. Isso os deixava um pouco acima do nível da água, proporcionando mais manobras fechadas e rápidas.

Atanir foi seguido todo tempo por seus dois companheiros de desafio que o acompanhavam como alas, um em cada lado. Aqui e ali, faziam inacreditáveis manobras para se desviar de árvores e pedras que eram arrastadas pela correnteza assassina. Os óculos que usavam, protegiam da força com que os pingos de água batiam sobre seus rostos.

- Ponham as máscaras! Gritou Atanir. – Há pedras à frente!

Os dois seguiam fielmente o líder em silêncio, observando os rápidos detalhes que os cercavam.

-Não se distanciem de mim.

Mal falou Atanir, e uma grande árvore surgiu de dentro da água, assemelhando-se a um monstro coberto de folhas com um galho, como um grande braço estendido como que tentando alcançar o pequeno grupo. Numa manobra instintiva o aprendiz a desviou, se distanciando dos outros dois.

- Não o perca de vista, Zinar. Orientou com calma Atanir. – Deixe que cuida do nosso caminho a frente.

-Ele está voltando, líder Atanir.

E o aprendiz vinha a toda velocidade a média distância da direita dos dois. Na grande velocidade que alcançaram, o aprendiz não teve tempo de desviar de uma rocha lisa inclinada, a fazendo de rampa improvisada, que raspou na parte da agulha que normalmente ficava, parcialmente, dentro da água. O movimento o fez voar sobre os seus companheiros o ejetando a frente deles. No meio do salto porém, algo brilhou a frente em uma das laterais do rio muito a frente.

O aprendiz olhou para trás e falou: - Líder Atanir, há algo à frente preso nas rochas da lateral esquerda. Talvez seja a construção do Mantaneiros.

Atanir confirmou que havia entendido com a cabeça e acelerou junto com Zinar, rapidamente aproximando-se do aprendiz. Com calma, retirou um artefato do cinto e acoplou em uma das lentes de seus óculos. O líder litorâneo agora pode, com uma imagem ampliada do que tinha a frente, reconhecer a construção presa nas rochas.

-É ela, sim. Mas ainda estamos distantes. Acelerem mais. Não sabemos quanto tempo ainda temos. Falou fortemente Atanir, acelerando ainda mais sua agulha.

Ainda passou-se algum tempo até os três litorâneos chegarem até a construção mantaneira. Já conseguiam ouvir até vozes de comando e gritos de crianças, embora a correnteza rugisse como um estouro de uma manada de feras. Os três respiravam rapidamente, pois, haviam sido testados ao máximo em suas habilidades nos últimos minutos. Zanir se lembrara das palavras com as quais Obalum tinha usado para se referir ao rio nesse trecho. Se autoavaliava agora, pois tinha pensando como os grandes Mantaneiros tinham conhecido um local intransponível para eles. Agora entendia.

Atanir foi o primeiro a tocar nas paredes externas da construção. Contornou e subiu sobre as pedras que impediam que tudo descesse o rio. Em silêncio percebeu que ninguém que estava lá dentro poderia sair, já que todas as saídas estava do lado que a construção se apoiava nas rochas e, portanto, se encontravam inacessíveis. Sem contar que no momento estavam sob o nível da água. Atanir não apresentou nenhum sinal de descontrole. Prontamente, continuou subindo as pedras, e percebeu várias silhuetas que o observavam de dentro das janelas acima. Então, ficando no topo das rochas que seguravam a construção inteira diante da força descomunal do rio, começou a observar o que estava mais a frente. Logo se viu mais uma vez acompanhado dos dois que o seguiam. Com a voz calma de sempre, explicou: - Estão vendo aquele grande acúmulo de rochas a frente? Precisamos deslocar a construção até lá.

Tanto Zanir quanto o aprendiz prestavam atenção a idéia do líder litorâneo, em silêncio.

Atanir apontando para as rochas abaixo do rio, continuou: - Vejam como elas se continuam como uma ponte até a margem esquerda. Usaremos essa ponte natural para tirar todos que estão ai dentro.

- Como faremos para levar a construção ate la, Líder Atanir? Falou um pouco abaixo Zanir, aumentando a voz, pois a tempestade fazia ventar mais forte naquele momento.

- Vamos explodir essas. Respondeu o líder olhando abaixo das rochas. Eu colocarei as bombas mais potentes no meio e você, Zanir, as mais leves nas laterais. O aprendiz vai dar um jeito de entrar na construção.

E voltando-se para o rosto protegido pelos óculos e mascara do aprendiz, continuou: - Não vai, aprendiz?

Ambos detiveram o olhar por um instante, e o aprendiz consentiu com a cabeça imitando o modo como o líder sempre fazia. Desceu as rochas correndo, saltou alto e ativou sua agulha com um leve golpe, já caindo sobre a agua em pé no veiculo portátil e se afastando em altíssima velocidade. Um cortante zumbido se ouviu e, já descendo a encosta Atanir pode ver o aprendiz caindo em pe na parte do teto da construção mantaneira. Olhou para Zanir e continuou descendo com cuidado.

O aprendiz guardou a agulha na mochila em suas costas e foi para a beirada da construção, onde avistara as janelas anteriormente. Seus cálculos estavam certos uma delas estavam logo abaixo, de onde se ouvia os gritos das crianças. O jovem litorâneo se agarrou na borda e jogando o corpo passou pela abertura da janela que estava muito danificada com a tempestade. Mal sentiu o solo aos seus pés, seguido de uma dor fina em ambas as pernas, pois a observar ao redor. Surpreendido, constatou a presença de um grande mantaneiro, de estrutura forte, a observa-lo.

- Que a sabedoria dos Atunis tenha o trazido aqui, jovem litorâneo. Falou o homenzarrão com voz forte. E estendeu a mão.

O aprendiz ficando de pé o perguntou: - Onde estão os outros?

-Venha! Disse o grande mantaneiro. – Estão aqui. Eu sou o mestre deles. Estou com mais dois e as crianças. Os colocamos na outra extremidade por achar que poderiam estar mais seguros.

Os dois cruzaram duas portas abertas, e o aprendiz as foi fechando conforme as ultrapassava. Rapidamente viu onde estavam todos os outros. Mais dois mantaneiros adultos e a multidão de pequenos. Estavam sentados no chão, parecendo muito disciplinados, embora tinham a inocente ansiedade em seus infantis olhares. O aprendiz virou-se para os mestres e explicou o plano. A ultima porta ainda foi reforçada para evitar que rochas atingissem alguém durante as explosões. O Aprendiz colocou a mascara e ficou pronto.

Do lado de fora, Atanir terminava o ultimo dos três explosivos que tinha na mochila. O aspecto físico da bomba não era de impressionar. Não era maior que uma mão fechada. Zanir se aproximou e preparou sua agulha para sair junto com seu líder. Atanir fez seu sinal afirmativo com a cabeça e os dois partiram em grande velocidade, deslizado sobre a agua que continuava com correnteza tão selvagem quanto antes.

As explosões foram bem sucedidas, quando os dois litorâneos em suas agulhas retornavam em direção a construção, ainda caíam pedaços de rocha do céu. Eis que a grande construção se deslocava como planejado, embora um das suas paredes laterais estivesse desabando, caindo fortemente, quase inteira dentro rio. Balançou, oscilando perigosamente, mas, ainda não havia ganho muita velocidade quando se chocou nas rochas a frente. Perdeu, sim varias partes de sua estrutura externa, mas, corajosamente resistiu ao novo confronto com o rio e suas pedras.

- Deu certo, líder Atanir! Comemorou Zanir.

- Vamos. Temos que encontrar o aprendiz e as crianças. Gritou o litorâneo. E se puseram a ir em direção as rochas que agora seguravam a construção mantaneira e formavam uma ponte natural até a margem esquerda do rio.

A parede onde antes ficavam as aberturas da construção havia desabado totalmente, e o aprendiz e os três mestres mantaneiros já desciam as crianças para a rocha. Atanir e Zanir saltaram da água, segurando e desativando suas agulhas. Logo o grupo estava todo junto. Saudando rápido, mas educadamente, os mestres, Atanir falou: - Vamos não percamos mais tempo. Não sabemos como essas rochas foram afetadas com o choque. Todos para a margem! Um dos mestres mantaneiros pegou algumas crianças nos braços e foi guiando as demais que corriam atrás com os outros. Por último vinha o aprendiz conferindo como as rochas se soltavam com a força da corrente. Os primeiros já haviam conseguido chegar a margem quando o inesperado aconteceu. A rocha onde Atanir estava sendo seguido pelo grande mestre mantaneiro e duas crianças e o aprendiz não resistiu e virou com a força da correnteza assassina. Durante a queda, os litorâneos ativaram suas agulhas de maneira reflexa quase impossível, caindo sobre as mesmas na água. Atanir agarrou uma criança mantaneira com um dos braços e foi arrastando o mestre mantaneiro que fora segurado pela mão, mas, mantido dentro da água. Com grande dificuldade, os três se dirigiam para a margem onde os outros assistiam a tudo desesperados. Com o rosto contraído de dor e força, Atanir sentiu o alívio quando Zanir se aproximou em sua agulha e ajudou a levar o mestre mantaneiro, o agarrando pela outra mão. Desesperado, embora se visse salvo com um litorâneo em cada mão, o mantaneiro gritava: - Um dos pequenos caiu na água. Ele caiu na água!

Atanir, que ainda protegia uma criança no outro braço, apertou ainda mais a mão que segurava o mestre e disse: - O aprendiz foi buscá-lo!

Poucos minutos depois, os dois litorâneos chegavam com os que haviam resgatado, sendo recebidos pelos outros que estavam já seguros na margem. Neste momento, surgiu da vegetação adiante, um veículo com aparência desgastada pelo tempo, mas, que ao primeiro olhar se percebia que era de origem dos Antigos, o outro povo irmão dos Litorâneos e dos Mantaneiros. Além dele, Mantaneiros montados em seus mantas formavam a caravana de apoio ao resgate, que por ordem de Obalum estavam em grupos variados, procurando o

destino da construção e dos litorâneos que partiram ao corajoso resgate. Mais um tempo se passou, e o mestre mantaneiro foi falar com Atanir e Zanir que ainda observavam o rio sentado nas pedras. Respeitosamente, porém, com tom de desesperança na voz, o grande mantaneiro falou: - Estão todos já se recuperando graças a vocês, meus irmãos. Mas, o nosso pequenino? E o aprendiz como vocês o chamaram?

Atanir se levantou e olhou sério para o mantaneiro: - Eles voltarão, caro mestre..

Mal havia falado e Zanir levantou-se apontando a silhueta do aprendiz com a criança em seus braços. O pequeno vinha com o punho fechado e com o rosto como se estivesse encarando sua situação com bravura. Um típico semblante que celebrava a coragem de seu povo. Conforme foram se aproximando, todos foram percebendo e rindo com o resgate bem-sucedido e a reação mantaneira da criança. O aprendiz saltou da sua agulha e caminhou até o mestre mantaneiro que recebeu a criança em seus braços. Logo vieram outros, e levaram a criança para receber cuidados. O mestre voltou-se para os litorâneos, sendo observado por outros curiosos com a cena.

Então, o mantaneiro falou: - Seu mestre tem total confiança em você, caro litorâneo aprendiz.

O jovem tirou a máscara e respondeu com elegância: - Ele confia em seus ensinamentos, mestre mantaneiro.

Atanir sorrindo, se aproximou ainda mais dos dois e com orgulho falou: -Confio nas duas coisas. Tire os óculos e mostre seu rosto, aprendiz. E assim fez o jovem.

Aumentando o tom de voz Atanir vendo Zanir apertar o ombro do colega, bradou: - Eis Olidio, filho de nosso Bravo líder Lenar! O espírito de Atunis está com ele!

E olhando ao redor, Olidio viu que todos saudavam sua coragem.

Nos salões de Lenar e Esa.

Lenar era, pois, o Bravo líder dos Litorâneos, sendo, juntamente com sua Brava-líder Esa, admirados por seu povo. Nesse tempo, um de sua linhagem não necessitava criar obrigações ou impor o seu modo melhor de levar a vida para administrar um reino. Reconhecia-se, sobretudo, a soberania do povo, sendo a própria perpetuação da linhagem de seus líderes, uma visível reação do orgulho que os povos tinham destes. Sabia-se o que era bom e o que gerava frutos e paz para si e para os outros. Não se abria mão do bom senso. Entendia-se, entre o povo, o quanto o outro completava a vida e o mundo em que se vivia. O Bravos líderes, então, era heróis que organizavam opiniões, evitavam acidentes naturais, incentivavam o estudo da sabedoria de outros povos e o intercâmbio de culturas. Nos momentos difíceis, porém, iam à frente de seus bravos, caso a vida dos seus protegidos corresse perigo, não sendo rara, a morte de um grande líder desses em favor da sobrevivência de muitos de seu povo e de sua cultura. O Bravo líder Lenar e Esa não eram exceção a essa tradição. A chama dos Atunis brilhava neles, como era quando os Semeadores trouxeram o primeiro bravo líder Atuni para o “primeiro povo”, no “primeiro mundo”. Nessa sabedoria, Lenar e Esa haviam convocado todos os líderes-heróis para debater a respeito do caso da Ilha Alin. Até mesmo seu filho Olídio e seus dois amigos, filhos de alguns líderes-heróis litorâneos, estavam presentes no salão real, destinado as conversas públicas. Estes, porém, sendo mais jovens, observavam o que a sabedoria dos mais velhos apontaria como caminho. “Ainda não era nossa glória, mas, a deles, a que brilha nesses dias”, pensavam seus espíritos jovens. O Rei Lenar que se encontrava numa parte mais alta do salão, visivelmente, evitando qualquer formalidade de cerimônia, tomou a frente e iniciou a discussão:

- Bravos Litorâneos! Falou ele fazendo com que todos se voltassem para a parte mais alta onde se encontrava, ladeado pela rainha Esa e mais alguns poucos.

– Chegam novamente tempos em que a paz de nosso povo é ameaçada, deixando indivíduos como nós inquietados pelo chamado heróico do dever. Nossa herança dos antigos Semeadores, que corre nas veias do sangue dos filhos dos Atunis, cultua a paz e abomina

qualquer agressão a vida. Porém, pelo que já foi levantado, o ser que nos tira a serenidade, Essa criatura chamada de Nama, há muito negou a pura natureza em que nasceu, e por isso, vem a nos golpear na surdina, como em momentos de eras passadas. Sim, bravos, eu me refiro a existência de uma criatura que fere as leis da própria natureza, e, somente em ter existido, agride a essência do universo e o Criador. Aceitemos logo o chamado que nos leva ao mar. Nos leva a Ilha Alin, onde foi, finalmente, provada a existência da lendária fera que, já há alguns anos, ceifa a vida dos pescadores que levam seus dias a trabalhar no mar .

O rei se dirigiu a um homem com roupas de nado-pescador e portando um escudo de características atípicas a cultura litorânea, e que se encontrava entre os poucos homens que ficaram ao lado do rei na parte mais alta do salão.

Então, o rei Lenar continuou:

-Adiante, bravo mestre-pescador por nome de Anir(semente de Alin em litorâneo popular). Falou com voz forte o rei Lenar, enquanto o homem se aproximou para a frente, detendo-se ao lado do líder Litorâneo que o acolheu com a mão em seu ombro.

-Senhores, esse homem tem afirmado ter enfrentado a misteriosa fera, sofrendo diversos ataques numa mesma noite, aparentemente, sem ter provocado motivo algum, ou mesmo acreditado, anteriormente ao acontecido, na existência do monstro dos boatos de seus companheiros de profissão. Tem para nós, entretanto, um estranho relato a contar.

Anir, então, contou o que acontecera a ele e a sua tripulação, e como, depois de ter achado que estaria diante de sua condenação final, se viu salvo por uma estranha luz que enfrentou e feriu a criatura.

– O monstro se intitulou de Nama. Foi ferida pela luz que vimos. De sua forte pele, um grande fragmento foi encontrado após sua partida em dor. Confeccionei esse escudo, momentos depois da mesma mergulhar ferida sendo seguida por seu algoz misterioso. Venho servi-lhes de testemunha com minha história, de admirador com o escudo que trago para presenteá-los e de penitente que restou do triste povo da Ilha Alin.

O rei Lenar assumiu de novo a explanação:

-Precisamos finalizar essa maldição, outrora imaterial, e agora um fato. Típico, porém, para os quais nascemos e existimos para enfrentar. A ilha já está sendo evacuada e agora já é considerada campo de batalha oficialmente. Tão logo as embarcações de bravura estejam prontas, partiremos para o nosso destino que se denominou Nama. Para tal resolução deste desafio, conto com oito de vocês, os quais a união de minha mente e coração escolheu no último final de tarde, refugiado no silêncio.

Um dos ajudantes do rei se adiantou e desenrolou uma pequena bandeira de luz com os nomes escolhidos, sendo cercado pelos líderes-heróis ali presentes. Estavam agora todos ansiosos para saber em que momento e local participariam da convocação real.

- Aos que não estiverem na lista, dou a igual nobre missão de permanecerem na região costeira mais próxima, em duas embarcações de bravura, zelando pelo povo da ilha que está sendo recebido pelos Litorâneos do continente, ali mais próximos. Entre eles ficarão, porém, prontos a realizar uma ofensiva reforçada, caso falhemos, com fins de nos vingar e concluir o que, talvez, não tenhamos conseguido. A rainha Esa coordenará a parte continental e a ela estão já sob as ordens que a logística nos impõe. Partirá, pois, o mais rápido possível com os bravos que ela convocar e todo o pessoal de apoio necessário, incluindo os mestres em ervas-irmãs, pois, soubemos que alguns estão doentes e feridos após a verdadeira fuga que ocorreu da ilha. Vamos iniciar nossa luta, meus irmãos. Disse o rei Lenar com a voz firme, porém, sem entusiasmo, devido a preocupação que estava vivendo, principalmente, a respeito da vida do povo da Ilha Alin.

Todos, então, se preparavam para deixar os aposentos do grande líder Lenar, quando a rainha Esa, chamou a atenção de todos. E com a pureza da força infinita das rainhas Litorâneas, ela falou a Lenar como o coração a ordenou:

- Lenar, meu amor semeado, devo trazer a todos antes que partam, o desejo pela ida de Olídio, nosso filho, e seu grupo na missão salvadora da Ilha Alin. Pois, o dever que levantou

reis, o incomoda como a ti agora em igual intensidade, assim como foi em todos os seus antepassados nos momentos de dor do nosso povo. Mesmo sendo uma luta o que sinto em meu espírito materno, deixe contaminar-se com o que o coração de seu filho inquieta-se ao vê-lo com seus bravos se aprontar para a sina de heróis.

Lenar e os bravos presentes se voltaram para o jovem Olídio e seus dois amigos que a tudo observavam no canto da sala. O rei olhou o filho enquanto descia da parte alta onde se encontrava, chegando logo, após alguns passos, junto a ele. E pondo a mão no ombro de Olídio, perguntou:

- Chegou mesmo esse chamado em teu jovem coração, filho meu?

Olídio fitou nos olhos do pai, mal conseguindo verbalizar o que sentia. Porém, Lenar já havia sido inundado pela misteriosa força que fluía através de seu braço que tocava o ombro de Olídio. O rei conhecia aquela força. Sentiu, pois, a energia vital dos Atunis em seu filho, e nisso, suspirou. Ainda com o semblante preocupado, deixou formar um leve sorriso em seus lábios, e falou:

-Para um pai, essa hora não deveria chegar tão rápida. Falou Lenar. – Pois ainda ontem, você era tão pequeno e frágil em meus braços. Prepara teus amigos para seus destinos, meu filho. Iremos juntos ao encontro de Nama.

E virou-se o líder indo em direção a sua rainha Esa, que o recebeu com um semblante firme. Todos deixaram a sala, menos Olídio e seus amigos.

O filho de Lenar, era conhecido por sua serenidade e, nunca tinha sido um jovem soberbo, nem cheio de empolgação desproporcional a sua capacidade de enfrentar desafios. Predominava sempre sua sensatez, manifestada em um rosto sereno, que também, nem mesmo por um estranho, se confundiria com rudez. Havia se dedicado a habilidades físicas e ao conhecimento natural mantido em nível “nobre”. Havia deixado sua infância há 6 anos, já apresentando um corpo forte de um jovem do povo Litorâneo. Tinha o cabelo branco, característico daquele povo, tendo deixado os fios crescer até os ombros, formando uma

moldura ao rosto forte de pele cor de bronze de seu povo. Estava com seu traje formado por pele de derunos, grandes animais aquáticos que ao morrer surgiam nos litorais das terras de seu povo, deixando entre seus restos o material incrivelmente resistente e leve o suficiente para não fazer lastro, jamais levando quem os usasse ao fundo do mar. Nem por isso o povo Litorâneo caçava derunos para obter o material, pois, somente em morte, um jovem conceberia receber o presente final de um deruno. Ocorrendo, porém o achado, poderiam dela usufruir em seus atos de bravura, pois, assim fora ensinado pelos Semeadores aos Atunis, a obra-prima, e por sua vez aos povos descendentes deles, sendo sabido que outros povos também conheciam a grande verdade dita a todos os seres dos mundos semeados: “Não colocas no coração do outro, o que nunca quiseste ter em teu coração”. Essa era a base da lei de todos os povos conhecidos até aquela era.

Com Olídio estavam seus dois grandes amigos Nartir e Polinor, que com trajes identicamente típicos, acompanhavam o filho do rei em sua formação de bravura. Nartir tinha uma constituição um pouco mais magra em relação aos outros de sua idade, porém, a mesma ordem que o fez mais esbelto, a vez também mais hábil e ligeiro entre os seus. Deixara também os cabelos brancos tocarem seus ombros, sendo acompanhados pela presença de uma discreta barbicha de mesma coloração na ponta de seu queixo. Era bem-humorado e de riso fácil, tendo fama de um inteligente brincalhão, que ao mesmo tempo, levava a sério as coisas sérias com as quais se envolvia. Já Polinor era o mais velho e pesado entre os três jovens. Gostava de estudar pedras e portava nos treinamentos sempre armas pesadas. Companheiro leal, estava sempre pronto a ajudar a vizinhança onde vivia. Os dois amigos estavam olhando empolgados para Olídio desde o momento em que seu pai Lenar ouvira o chamado do coração do filho.

-Para as ondas iremos firmes! Gritou Polinor.

- Quero um escudo daqueles de pele de Nama pra mim! Disse Nartir empolgado.

Olídio já conhecia a animação daqueles dois desde seus iniciais dias juntos na primeira infância litorânea. Conhecia a história das cicatrizes que seus amigos e, até ele próprio, possuíam graças ao exagero e empolgação dos dois. Desde sempre dividiram suas vidas, inclusive nas horas em que não estavam na aprendizagem de suas formações como bravos.

-Espero que a posse desse escudo pra vc não me custe pedaços de meu corpo, Nartir. Disse Olídio em tom de brincadeira.

Saíram, então do grande salão, ainda encontrando alguns pequenos grupos de bravos conversando nos jardins de Lenar. Todo o local ficava numa parte alta da encosta de frente para o mar. O grande salão era um prédio próximo a outras edificações com fins de administração do povo Litorâneo. Via-se vizinho, a grande biblioteca, com duas sedes formadoras de bravos ao seu redor. Logo adiante, os portos de comércio e portos de vigília, onde, entre outras, se destacava a barcaça real, na qual já se percebia de longe o movimento de pessoas, preparando a partida, recentemente anunciada para a ilha Alin. Os três amigos observavam do jardim elevado, também, as inúmeras casas que se espalhavam pelos campos terras adentro. Até onde se sabia, nenhum povo do planeta Floresta vivia em grandes acúmulos de casas, formando centros urbanos. Buscavam a vida rural, com casas afastadas, tendo suas cidades para propósitos de encontros, festas, tratamento de enfermidades e, principalmente, comércio. Havia logo, a grande feira dos Litorâneos, onde povos distantes, surgiam em busca de toda variedade de produtos que possa existir. Era sentido, também, que esse estilo de vida adotado por todos os povos conhecidos, despertava no indivíduo a valorização do outro. Cada breve encontro, podendo até mesmo ser apenas a passagem de uma outra pessoa pela estrada, despertava uma vontade forte de se desejar algo de bom para o passante naquele dia, e vice-versa. No centro administrativo, porém, via-se de tudo. Mantaneiros e suas montarias, portadores de sua cultura errante(também descendente dos Atunis), cheios de aventuras a contar para os interessados que sempre os circundavam dedicando grande atenção. Suniis com seus incríveis instrumentos sonoros e suas mais

variadas aplicações. E até mesmo o distante povo dos Tatunos estava sempre presente, muito embora, não se mostravam de muita abertura para conversas, não tendo isso, porém, nada a ver com sua aparência animalesca, com olhos negros redondos e de rosto longilíneo, bem maior e mais fortes fisicamente, que qualquer homem. Havia, além das casas comerciais, grandes e médias hospedarias, e também o templo, onde se ouviam de historiadores, toda a aventura da criação de mundos deixada pelos Semeadores aos Atunis. Além desses locais, muitos adoravam ir se divertir nas casas de chá e néctar, onde a variedade de bebidas e alimentos causavam admiração até ao mais aventureiro dos Mantaneiros.

Evidentemente, nos dias normais, a população que mais frequentava as ruas do grande centro e se responsabilizava por sua limpeza e manutenção era a guarda litorânea. Em pontos diferentes do grande centro, haviam os quartéis formadores, sempre cheios de alunos ocupados e veteranos que mantinham as tradições. Dessa população específica, se podia ver residências em lotes organizados em volta de cada quartel. Ali vivia também o grande líder Lenar e sua família, bem como, os líderes-mestres e seus parentes, porém, sem nenhuma grande ostentação ou privilégio visível, a não ser somente pela presença da guarda pessoal, destacando a residência real.

Em poucos minutos, os três jovens bravos litorâneos cruzaram o que antes observavam do alto e chegaram em suas residências. Olídio se despediu dos outros, em frente a sua residência, e entrou, rapidamente, em seu quarto, pondo-se a separar o que pensou ser útil para levar em sua viagem. Abriu seu reservatório de peças de sua formação da Escola de Bravos e começou a admirá-las enquanto as separava. Pegou sua caixa de armas, e abrindo-a viu logo seus pares de luvas de luz. Uma arma elegante muito utilizada por todos os povos daquela era. O domínio da luz era uma herança também antiga, mas, a forma de como porta-la e como fabrica-la era variável de povo para povo. Havia também lâminas de uso variado, fabricadas de formas também bem diversificadas. Armas, porém, tinham um papel muito bem definido nos corações do seres vivos que seguiam o que foi ensinado no início dos tempos, e

não eram antagônicas com o restante da cultura que adorava a vida. A função letal sempre existira devido aos ataques vindo dos seres que cultuavam a inatureza, ou a desobediência às leis naturais. Essa era a grande batalha e o grande inimigo comum entre os seres vivos que Olídio conhecia. Se sentia, logo, um honrado guardião da vida, portando com orgulho as armas letais que a ela serviam e protegiam. Enquanto se ocupava, imaginou como seus amigos estavam animados, também organizando seus objetos para a grande batalha que os desafiara. Por isso, sorriu.

Naquela noite, muitos pensamentos visitaram a todos os envolvidos, sobretudo os mais jovens e inexperientes. O sono, entretanto, chegou logo a todos, promovendo o descanso necessário ao dia que nasceria.

Rumo a Ilha Alin.

O sol apenas começava a deixar o céu vermelho no porto, porém, o movimento de pessoas havia sido a madrugada toda. A rainha Esa acabara de chegar ao lado de seu esposo, onde já eram esperados pelos outros chefes de grupos. Todos os mestres-líderes estavam cientes do plano geral e de como agiriam coordenadamente, caso algo necessitasse ser modificado a proporção que os fatos iriam acontecendo. Esa olhou para o rosto de Lenar e o abraçou.

-Esta muito ansiosa, Esa? Perguntou Lenar. -Sua missão não será fácil, principalmente no que se refere a conter a vontade dos mestres em ir ao encontro de Nama. Também sei do conflito em que seu coração está quanto a Olídio participar da luta.

- Não quero me deixar dominar por tal angústia, meu querido. Que mais queria eu? Não sempre foi esse o destino de reis e rainhas de nosso povo? Olídio está preparado para o

desafio. Está protegido no caráter que cultivou e no treinamento que enfrentou por toda sua vida, mesmo sendo tão jovem.

Mudando o semblante a rainha falou: -Optei por levar mestres-construtores. Se nada der certo como planejamos, teremos que achar um novo lar para os habitantes da ilha. Já levantaram os locais com materias para construção, nas redondezas costeiras daquela região.

Lenar concordou com a cabeça e voltou a abraçá-la em silêncio. Em seguida a beijou e sorriu e seguiram cada um rumo as suas embarcações.

Após a chegada de Lenar, não se demorou muito até o passadiço ser erguido e as âncoras serem levantadas. A luta também era contra o tempo. A barça do Bravo líder era seguida por outras duas de perto, sendo comandadas, cada uma, por seus bravos líderes. Seguiam abarrotadas de suprimentos, embora também carregassem uma boa variedade de “armas”. A exceção era, justamente, a de Lenar que, com o propósito de ser leve, seguia com seus oito escolhidos, acompanhado de seu filho Olídio e seus dois amigos Nartir e Polinor.

Horas depois, já era no fim da tarde quando os barcos estavam saindo para o pleno oceano, embora todos tenham iniciado os preparativos de embarque e partida logo após as primeiras horas com o sol do dia. Apesar de grande, a barça não exigia o corre-corre no convéns narrado nas tradições litorâneas antigas. As grandes naves eram muito fáceis de controlar, permitindo poucos homens administrá-las durante uma viagem. Por isso, além do time do líder, haviam quatro homens embarcados somente para mover o grande barco e levar sua equipe a salvo até a Ilha Alin.

Após algumas horas, a embarcação que ia mais a frente das três souu um alarme de som grave, clássico dos momentos de encontro no mar. Todos os tripulantes dos barcos olharam para o mar e rapidamente encontraram o motivo do alarme. Uma pequena embarcação se aproximava da frota de Lenar, com rota sugestiva para o continente. Tinha uma aparência de ter passado maus bocados nas últimas horas, percebendo-se alguns consertos improvisados

em várias partes que a mantinha sólida. Logo se viu alguns de seus ocupantes acenando de braços abertos, movendo-os para cima e para baixo rapidamente.

Quando Lenar chegou a murada de seu barco, se espantou com o estado miserável nos quais pessoas e embarcação se encontravam a sua frente. Olídio também se adiantou ladeado por seus amigos.

-Mas, o que foi que lhes aconteceu, meus irmãos? Gritou o grande líder Lenar, com a testa contraída em preocupação e compaixão.

- Somos os últimos sobreviventes da ilha Alin, Grande Líder. Falou o mais velho, porém, forte homem, que se encontrava numa espécie de cama improvisada no apertado convés do barco.

-Os últimos? Perguntou Olídio ao homem, enquanto as outras duas embarcações que acompanhavam a barcaça de Lenar chegavam bem próximas a cena, podendo, até mesmo, ouvir a conversa.

-Sim, meu bravo. Respondeu o homem, enquanto tentava se sentar. Pegando um pouco de água e tomando rapidamente um gole, continuou com voz alta e firme: -Todos partiram antes de nós. Lá ficamos por achar que, por ser nosso lugar, ali se valeria lutar e morrer. Mas, o que deixamos a nossas costas a contravento, na última madrugada, não podemos mais chamar de lar, pois, toda a maldade, da ilha fez morada, e agora convoca a deturpação da natureza, como o vento que chama a tempestade para em Alin residir. Se os senhores são salvadores, não vão até lá, pois na ilha, a última coisa agora que pode existir, é a salvação para algo.

Lenar levantou os olhos e viu seus líderes a tudo acompanhando das outras duas naus. Sem precisar chamá-los, os mesmos já o olhavam esperando como agir.

- Acolham esses homens e seus pertences, bravos-líderes. Confortem-os em suas embarcações e sigam para o litoral como combinado. Lá, aguardem nosso sinal. De agora em diante, estaremos com vocês somente em coragem, pois nossa carne agora seguirá sozinha até o nosso destino. Disse com firmeza Lenar distribuindo o olhar com os líderes dos barcos, e

voltando-se mais uma vez ao homem ferido, o falou: -Se ficaram por último, são certamente os mais valorosos, sendo por isso, ideais para ouvir nosso manifesto. Pois se antes lutávamos pelo povo da Ilha Alin, agora também, nos inspiramos em sua coragem que se apresenta em sua forma mais refinada, e nela fechamos nossos corpos, no juramento que daremos nossa vida pela devolução do lar de vocês. Repitam nosso manifesto aos que na terra firme aguardam seus bravos. Agora vão!

E dizendo isso , Lenar chamou os escolhidos e se dirigiram para a parte interna da embarcação, enquanto os homens dos outros dois barcos se preparavam para recolher os sobreviventes e seus poucos e maltratados pertences. Enquanto era levado, o homem ferido, fitou Olídio que saía, e fez um breve cumprimento com a mão, sendo respondido com a cabeça pelo jovem bravo litorâneo.

Chegou a noite, e a embarcação real cruzava o mar enegrecido pela noite, banhado pela lua. Tudo estava calmo, no hipnótico balançar das ondas, que eram cortadas pelo corpo da embarcação. Era típico dos Litorâneos navegar a noite utilizando pouca luz para iluminar os ambientes internos da nau. Somente os locais onde os quatro homens da administração do navio estavam, mantinham as luzes em seu ambiente de trabalho mais intensas. Em um dos ambientes internos destinados ao conforto e diversão dos tripulantes, estavam reunidos os célebres passageiros. Lenar e os escolhidos permaneciam em silêncio, cada um em um canto isolado, presos a pensamentos, na “meditação que produz a verdadeira visão”, famosa na tradição de seu povo. Em respiração lentíssima e profunda, ficavam tão centralizados em seus pensamentos, que se moviam lentamente, de maneira quase impossível de se perceber aos olhos de outros que os observassem. Diziam que “o bem e o mal se dilatavam em suas mentes, e de tanta grandeza, se mesclavam, desmascarando o que a matéria julgava pelos sentimentos, de forma serviu a dicotomia do universo. Ali, o bravo encontrava a si e ao seu papel no ponto da história dos mundos, o qual agora encenava. Concluía o caminho e voltava

a prisão do corpo, na qual a mente estava condenada”. Assim estava na literatura desde os Atunis descrito.

Súbito, Lenar saiu de seu estado profundo e pôs-se a caminhar encurvado, sendo silenciosamente, acompanhado pelos oito que escolhera, que se levantavam de onde estavam, conforme o líder passava, e o seguiam numa marcha sinistra. Olídio, Nartir e Polinor ainda não haviam terminado sua formação, e por isso, somente observavam até aquele instante, de forma curiosa, a marcha daqueles homens, que passavam entre os três como se não os percebessem, como a água que corre, indiferentemente, entre as pedras de um rio. Havia um murmúrio baixo e grave, como um cântico que não se definia, saindo dos lábios dos homens, e, quando o dorso do último cruzou a porta que os levava de volta ao convés, Olídio os seguiu com seus amigos, ainda em silêncio. Deram uns dez passos a frente e se sentaram no chão em forma de um grande círculo, e como, que ensaiado, fora deixado o espaço para os três mais jovens. Vieram estes, pois, e ocuparam seus lugares. E ali permaneceram de cabeça baixa, ouvindo que a respiração dos bravos ia lentificando, junto ao murmúrio “cantado” que já cessava.

Subitamente, Nartir quebrou o silêncio, ousada e inseguramente:

-Qual a sensação, meu bravo líder?

-Nartir! Repreendeu Olídio. –Ainda estão voltando...

Um sorriso foi se formando no lábio de Lenar.

- Está tudo bem, meu filho. Nartir, você conhecerá por seu próprio destino. Todos percebem a nobreza de espírito que você sempre possuiu, já tão jovem como é. Ao mesmo tempo que sentir também irá descobrir o motivo pelo qual não descrevo a sensação, não respondendo agora sua pergunta.

E voltou a sorrir Lenar para os jovens.

Passou-se mais um curto tempo, quando dois dos homens que cuidavam da embarcação, que já observavam o grupo, se aproximaram de Lenar. Um deles se agachou e o falou algo que de

onde Olídio estava nada conseguiu ouvir. Lenar levantou os olhos e falou aos seus bravos: - Vamos comer e beber. A mesa está posta e nos esperando. E levantando-se foi seguido por todos. Porém, o segundo homem se dirigiu ao grupo em passos rápidos e gritou: -Grande líder! Olhe! E apontou uma estranha luminosidade no horizonte, bem a frente do barco que tinha ficado, a essa altura, nas costas do grupo. Todos se voltaram e viram a luz que ficava oscilando com mais força. Olídio perguntou ao pai o que seria aquela luz, e o mesmo respondendo, falou: - Nunca vi algo assim, e acho que ninguém vê algo do tipo desde tempos que nem escrevemos. Porém, pelo que interpreto, nos aponta a direção da Ilha de Alin com precisão. Creio, pois, que, seja o que for, pode ser nossa aliada.

Voltou-se para um dos homens e falou: - É sábio não tirar os olhos dessa luz enquanto seguimos viagem. Voltou-se para os outros e continuou: - Vamos nos fortalecer. Essa luz é apenas o primeiro de alguns mistérios em nossa empreitada.

Ainda era antes da metade da noite quando a embarcação de Lenar já costeava em silêncio e sob total vigilância a grande Ilha Alin. Haviam se aproximado a meio caminho das extremidades dos portos que ficavam em cantos extremos e opostos da ilha, pois, sabiam que tais locais seriam os mais ideais para se esconder um inimigo, e com certeza, ser o caminho de entrada e saída de Nama. Até o momento, nada de estranho havia acontecido, e Lenar e seus seguidores, estavam aguardando o ponto certo para descer até a ilha. Sobre eles, um magnífico céu os cobria, testemunhando a grande aventura que se iniciara. Lenar se voltou ao mais experiente de seus escolhidos e falou: -Velho amigo Not, nos conte a história do céu, estamos numa ótima oportunidade de reouvir você e sua maestria em contar a tradição, bem como o conteúdo sempre será fundamental aos nossos mais jovens aqui presentes.

Not se aproximou sorrindo ainda pegando um caldo de algas com um copo contendo um néctar de sua preferência, e se sentou com os outros no convés. Tomou um gole e temperou a garganta, e falou: Assim nos contou os Semeadores, quando sobre tudo nos ensinou,(pigarreou de novo e falou baixinho:-Maldito o que adicionar ou subtrair qualquer

verdade) que o pano do fundo de nosso céu foi feito como uma muralha, a parede da grande nebulosa, a qual foi nomeada de Nebulon. Em noites escuras, podemos ver as luzes de suas rajadas elétricas, que destroem os viajantes do infinito, que se aproximam dela pelo lado de fora. Aqui vivemos em seu interior, fazendo parte de seu mistério. Muitos pereceram durante a tentativa de conhecer o interior de Nebulon no passado. Porém, um povo sobreviveu a entrada na nebulosa sendo eles os que chamamos de Semeadores. Quando aqui chegaram, encontraram os mundos esféricos, mortos e frios, e se puseram a semear. E assim, entre tantos seres irmãos, criaram com amor os Atunis. Vejam o longínquo cinturão de pedras no céu, que um dia foi o grande mundo de Cadastron, habitado pelos semeadores e onde aconteceu a grande guerra entre a natureza e a inatureza, estudada por Cienf, o semeador opositor do natural. Ali no canto vem para nós, o mundo vermelho de Atuna, onde viveram nossos antepassados. Esta noite, não se faz presente o planeta de fogo, o mais próximo de nossa estrela mãe, nem o planeta jardim dos Semeadores. Sim, meus irmãos, nesse nosso céu já viveram os que nos semearam, sob as regras do grande criador de tudo, e também, seus opositores, como o semeador Cienf e seu exército de Inatuross, bem como entre eles, Entok, o Inaturo que tomou a frente de tudo que acontece nos mundos de Nebulon que fere a obra do cosmo. Entre guerras e tréguas, terminamos hoje por olhar sempre esse céu, e lembrar que nele há sangue dos que por nossa vida lutaram e morreram. Cabe a nós também enfrentarmos tudo o que fere a natureza e garantir o mundo dos que, de nós, virão a vida.

Todos ficaram em silêncio, olhando para céu noturno, como ouvissem a sinfonia perdida das esferas, e imaginando cenas dos fatos que Not contara. Porém, os dois homens da administração do navio se reaproximaram e comunicaram a atual situação.

-Líder Lenar, estamos no ponto ideal para o desembarque. Se formos mais adiante, ficaremos muito próximos do porto de onde os últimos sobreviventes partiram.

Lenar se ergueu, sendo seguido por todos, e foi na murada observar a ilha.

- Muito bem, desembarcaremos aqui, com um bote como planejado, e subiremos a montanha que forma todo o litoral. Durante a subida, não seguiremos verticalmente. Ao invés disso, iremos pela lateral até ser observável o porto. Vamos em frente.

Como tudo já estava pronto e organizado, os homens entraram logo no grande bote e seguiram até a ilha, remando em total silêncio e com os olhos em todas as direções possíveis. Mas, nada ocorreu. Tudo estava anormalmente inerte. Até o mar parecia calmo demais para aquela região da ilha cheia de pedras. Usaram-se do labirinto de recifes, para, navegando entre eles, se sentirem mais ocultos e protegidos do que quer que encontrassem em Alin. Atrás deles, a barça se afastava já tendo ganho grande distância de onde os tinha deixado. Foi Lenar o primeiro a pisar na ilha e prontamente começou a puxar o bote até um local seguro, enquanto os outros se dividiram em ajudá-lo e a formar uma frente de vigília, tratando também de improvisar um esconderijo ao bote. Logo reagrupados, viram a imensa montanha a frente, pintada pelo negro da noite, numa espetacular tonalidade de rochas pretas sempre banhadas pelo brilho do céu noturno. Dois batedores foram a frente, e Lenar e os outros os vigiavam e seguiam mais na retaguarda, e assim, ficaram até atingir o ponto lateral de onde se via que, após alguns passos, poderiam observar de forma privilegiada o porto de onde os últimos bravos de Alin partiram. Lenar juntou seu grupo e passando algumas últimas informações e ouvindo opiniões, seguiu em frente. Passava entre as rochas se utilizando de muito equilíbrio, pois, em alguns pontos, eram ladeados pelo grande abismo que terminava banhado pelo mar. Dali, viram a imensidão do oceano a noite, e isso encheu seus espíritos de força. Rapidamente, haviam alcançado o local previsto e já observaram o que sobrou do porto, agora em total ruína. Mais uma vez, Lenar reaproximou-se de seus experientes bravos, quando subitamente, ouviram um som terrível. Parecia um grito fino envolto em mil trovões da mais terrível das tempestades.

- Nama! Falou Not, entre os outros. Se entreolharam e foram observar o vale do interior da ilha que surgia atrás das ruínas do porto. Mais uma vez toda a ilha foi castigada com outro terrível grito da criatura.

-Vejam, na vegetação distante, lá embaixo. Parece que a criatura está no meio da floresta. Disse Olídio.

Lenar desceu um pouco mais entre as rochas e concordou:

- Está certo, Olídio. Agora sabemos onde Nama está e pra onde se move. Parece penetrar na mata, se distanciando de nós. Vamos descer até as ruínas do porto e da vila e lá improvisar nossas defesas.

O líder dos litorâneos iniciou uma rápida descida e foi seguido por todos, rapidamente atingindo o local onde moraram os pescadores. Olharam um pouco a região, e adentraram o que teria sido um antigo portal da pequena cidade. A destruição era nitidamente total diante dos homens, mas, embora tivesse ainda sinais de sangue, nenhum corpo de homem ou animal foi avistado. Havia pertences de outros povos, inclusive, que do porto se utilizavam para espalhar o comércio e suas sabedorias. Mas, nada além disso.

Não demorou muito, e o grupo foi apresentado com os primeiros raios de sol. Já haviam empurrado pedras, espalhado toda sorte de material para vigilância e combate ao redor de onde estavam, tendo, na prática, improvisado um forte com as ruínas do porto. E o fizeram em um local onde descobriram um acesso a um grande salão subterrâneo, de onde, se cercados por Nama, poderiam oferecer uma resistência maior.

-Muito bem! Disse Lenar. -Vamos nos dividir e fazer um reconhecimento da área que nos circunda. Temos que observar possíveis pontos fracos e prováveis locais de ataque do monstro. Olídio, Nartir e Polinor ficarão aqui de sentinela, enquanto nós nos dividiremos em três grupos. Dois virão comigo em frente, e os outros vão em três um de cada flanco do acampamento. Nos vemos em três horas. Se algo acontecer disparem a luva de luz para o alto.

E assim foi. Olídio ficou totalmente a contragosto, vendo apenas os grupos sumirem atrás dos escombros que os serviam de muralha. Olhou para seus dois amigos que sentados o observavam, sentido sua inquietação com a missão que receberam.

Ruínas e floresta.

Lenar já caminhava com seus dois bravos há meia hora mata adentro e, apesar de tão pouco tempo ter transcorrido, já estavam abismados com o que tinham encontrado. Percebia-se que toda a natureza da ilha estava deteriorando-se. As leis naturais haviam sido desobedecidas como os mais sábios do salão real cogitavam ao ouvir sobre Nama. O próprio monstro não poderia ser catalogado entre as espécies conhecidas e naturalmente surgidas na natureza de todo o mundo conhecido. Haviam considerado que, por existir áreas inexploradas, até mesmo pelo povo aventureiro mais audacioso, ou seja, os Mantaneiros, poderiam existir espécies ainda não estudadas e estranhas aos olhos, mas, que não feriam as leis naturais ensinadas pelos Semeadores. Porém, a maioria acreditava que Nama era um ser Inatural, oriundo da arte dos Inaturos. Lenar mesmo observou durante a trilha que estavam fazendo, plantas pequenas se movendo ritmicamente sem vento algum as espalhar. Em outro momento, viu um besouro que voando ao redor do grupo de maneira desengonçada, terminou por se chocar em um tronco de uma árvore, se fazendo em vários pedaços no chão. Ao cair, porém, não demorou muito, e seus pedaços se juntaram como que por magnetismo, o remontando completamente, que, após, uma rápida sacudidela no corpo e nas asas, prontamente retornou o seu vôo por entre as árvores. Olte, o bravo que dedicara sua arte em observar os seres e plantas do litoral, além de ser um habilidoso criador de lâminas, e que estava um pouco a frente de Lenar, ao ver o besouro se distanciar, tocou uma pedra próxima aos seus pés e logo depois, voltou as pôr a ponta dos dedos em um forte tronco de árvore. Olhou para Lenar e falou:

- Vejam. Toquem. Dá pra sentir seu sofrimento. Tudo parece vibrar em uma espécie de estado febril. Estão degenerando, perdendo sua natureza, meu líder.

Lenar se aproximou e tocou a árvore. E completou: - A arte dos Inaturos dominou a ilha, sendo Nama sua cria mais poderosa. Devem colocar a posse dessa ilha em algum plano maior.

Parece que nossa missão aqui está tomando uma dimensão que ninguém poderia imaginar.

Subitamente, eles ouviram um estranho ruído baixo. E, a partir daquele momento, passaram a se comunicar por olhares e gestos, se dividindo para formar um cerco triangular. Então, eles

se moveram rumo ao local de onde parecia vir o som. Lenar, foi afastando os galhos a sua

frente, quando percebeu que o ruído já estava bem próximo. O líder dos Litorâneos parou e

ficou admirado com o que estava vendo. A sua frente um inseto de tamanho muito maior que

o normal, mas, que mal atingiria sua cintura, parecia terminar uma refeição de folhas. A

criatura nem imaginava que estava cercada e sob a mira de precisos inimigos, voltando sua

total atenção a sua refeição que acabava por terminar. Para o espanto dos homens, ao engolir

sua última folha, o inseto se colocou de maneira bípede e começou a andar como um homem,

de forma firme e hábil. Lenar fez um sinal aos outros dois que a deixassem seguir seu

caminho sem que fosse atacada. E mesmo sem estarem juntos, mantiveram a passada, não

perdendo o inseto de vista. Correram com ele por quase vinte minutos, sem que seguido

ou seguidores demonstrassem sinais de cansaço. De repente, o inseto desceu uma clareira, e

Lenar e os outros puderam reagrupar e acompanhá-lo a uma distância maior. Porém, foi dessa

posição mais alta e, certamente privilegiada, que os homens puderam ver o destino para onde

o inseto se deslocava. Seguia agora, em companhia de dezenas iguais a ele, para o ponto

central da clareira, onde insetos se distribuía ao redor de um elevado central, como se

aguardassem algum líder.

Not, que estava ao lado esquerdo de Lenar, bateu em seu ombro para alertá-lo, quando se foi

percebido que os sons desordenados dos insetos mudara. Tornou-se sincrônico, ininterrupto,

como se batessem ritmicamente em altíssima velocidade suas antenas. Na outra extremidade

da clareira, percebeu-se então, que um vulto saía da floresta e avançava por entre os insetos, que abriam caminho com sua aproximação. Então, o ser subiu na parte mais alta central, a utilizando como um parlatório. E, levantando os braços, causou uma reação de silêncio imediato entre os insetos que o cercavam, pondo-se a falar: - Oh, grande exército de Nama! Eu, Gar, aquele quem Nama escolheu para liderá-los, traz novas ordens da grande serpente. De onde o grupo de Lenar observava, não apenas podiam ver os seres na clareira, mas, já se percebia também, a certa distância, que os dois outros grupos de litorâneos, haviam atingido o mesmo ponto de investigação, e observavam em silêncio o que acontecia. Para espanto de todos, o ser que se intitulava de Gar era um reptiliano, seres que sempre formaram uma força-tarefa dos inaturos desde que o planeta havia se tornado lar dos descendentes do Atunis, após o êxodo de Atuni, o planeta vermelho, hoje morto. Reptilianos foram combatidos por muitos antepassados de Lenar, e representavam um inimigo muito forte, mesmo se fosse apenas um deles a habitar a ilha. Porém, o pensamento de Lenar que raciocinava todas essas informações, enquanto colhia outras ditas pelo degenerado Gar, teve que ser cessado, pois um dos grupos de bravos fora descoberto, e os insetos, sob gritos de comando do reptiliano, subiam em correria em direção aos três litorâneos. O grupo de Lenar e o outro também se mostraram, iniciando um ataque a distância com as luvas de luz. Em poucos instantes, os três grupos de litorâneos estavam correndo em fuga juntos, em direção ao forte que improvisaram no porto em ruínas, sendo seguidos por centenas de insetos, animados pelos irritantes gritos de Gar. Longe de toda confusão, e alheios ao que os outros grupos passavam, Olídio, Polinor e Nartir terminavam a organização do forte improvisado. Coube a Nartir toda a separação de alimentos e armas, principalmente. Estavam agora Olídio e Polinor observando o trabalho do amigo e o “incentivando” com brincadeiras.

-Sinto que as tarefas não foram bem divididas. Reclamou Nartir empilhando uma caixa de suprimentos. -Mas, o descanso será proporcional ao trabalhado feito por cada um. Confio na justiça do nosso grande líder Lenar mais do que na boa vontade de vocês.

O aborrecimento do amigo só fez aumentar a diversão dos outros dois. Polinor se virou para Olídio e no meio de um sorriso, seus olhos congelaram olhando fixamente sobre o ombro do jovem litoraneo. Refletido nos olhos do amigo, Olídio pode ver uma estranha luz proveniente de onde Polinor olhava. Nartir também observava com curiosidade. Olídio se virou e percebeu o incrível brilho que saía de dentro da entrada que levava ao subterrâneo da vila. Cada um acendeu uma luva de luz e desembainhou sua lâmina. Olídio deu três passos a frente.

- Cuidado, Olídio! Alertou Polinor. – Talvez tenha sido isso que Lenar saiu a procurar. A coisa os despistou e veio até nós.

- É a mesma luz que vimos no mar, Polinor. Só está menor em tamanho. Mas, veja como se comporta e ilumina de forma semelhante.

-Você está certo, Nartir. Concordou Olídio. – Vamos nos aproximar um pouco mais.

Com a aproximação dos três rapazes, a luz começou a adentrar na ruína, iluminando o grande salão subterrâneo. Continuando a segui-la, os jovens litorâneos chegaram ao centro do ambiente, onde a luz parou. Nisso se ouviu uma voz formada por muitas vozes que falavam ao mesmo tempo:

-Olídio!...Olídio!

Os três olhavam quase sem piscar e Olídio tomou a frente do grupo novamente.

-Que queres de mim? Quem me chama?

A luz permaneceu imóvel, somente variando sua intensidade, enquanto a voz enchia tudo o que a cercava.

-Quem sou, no momento não se faz importante, Olídio. Mas, sim o que vocês vieram fazer aqui. Precisam derrotar Nama. Precisam muito mais do que podem perceber. Pois, aqui está presente tudo pelo o qual os Atunis lutaram, e pelo imortal sonho dos Semeadores. Precisam ser guardiões dessas coisas maravilhosas, pois elas são parte viva do coração do Criador.

Os jovens baixaram suas armas e ficaram numa visível posição mais tranquila, porém, em silêncio. Então, da luz, a voz continuou:

-As leis da criação estão em toda a parte como notas da grande canção que formou o universo. Se comportam harmonicamente entre si, uma mantendo a existência da outra. Assim foi a natureza do cosmo desde seu início. Os que se dizem Inaturos sempre viram esse conjunto de mundos ocultos em Nebulom como uma chance única de iniciar um novo universo. Os Atunis foram alvo de toda essa pretensão pela degradação do que já havia sido criado, e deles vocês vieram com os privilégios do sangue da “obra-prima” dos Semeadores, mas, também, com os deveres que isso exige. O sonho dos que criaram as sementes de toda a vida de Nebulom, foi que até mesmo aqui, dentro da nebulosa, as leis originais fossem mantidas, e a isso devem jurar a lealdade até o fim, Filhos de Atuni. Saibam, pois, que a grande serpente Nama, não apenas é um fruto da inatureza, como também, já foi um mestre inaturo, que de tanto desprezar a forma humana originalmente lhe dada, resolveu mudar para a forma em que o povo fugitivo da ilha Alin se deparou em seus momentos de pesadelo. A ilha agora é seu ninho e aos poucos se transforma numa pequena amostra de como ficará todo o mundo ao ser dominado pelos Inaturos. Os que vieram com você agora já descobriram que Nama formou um exército no estilo antigo para a servir em seus propósitos. Porém, eu deixarei algo com o qual passarão a ter uma vantagem que, unida a surpresa, poderá destruir para sempre a criatura.

A luz diminuiu bruscamente sua intensidade, e os três litorâneos puderam perceber que havia algo sólido em frente a mesma. Algo que estava no chão, não sendo possível se concluir se havia acabado de aparecer no local ou se estava ali todo o tempo protegida na força da luminosidade. Tratava-se de uma espécie de vaso, que se apresentava totalmente lacrado. Não era grande, mal chegando ao joelho de Olídio.

O jovem se aproximou do objeto e o tocou. Porém, a voz continuou:

-Mesmo de posse desse artefato, Olídio, a missão não será fácil. Deverás lutar com Nama, e atirar em sua boca esse objeto. O efeito na criatura será devastador. Seu peso será aumentado, criando múltiplas gravidades em seu ser, todas juntas com um mesmo propósito que será o de

esmagar Nama com o peso de seu próprio corpo. Porém, mais um aviso...Enquanto estiverem com o vaso, Nama sentirá o que guarda o seu interior, podendo concluir, se demorarem, o risco que essa arma representa a sua vida. Apressem-se. Nama farejará o perfume que traz sua morte e virá procurar o portador para destruí-lo junto com o vaso.

Nisso a luz perdeu sua intensidade totalmente, deixando os três amigos dentro do grande salão, próximos do pequeno vaso. A única luz agora era a que entrava pela abertura de onde vieram. Os jovens ainda ofuscados pela luminosidade misteriosa, agarraram o vaso e saíram para o local onde estavam antes de ver a luz.

- Amigos, eu vou improvisar algo para levar isso preso as costas. Enquanto isso, juntem o que puder de galhos grandes caídos e os distribuam em pequenos tantos. Disse Olídio deixando transparecer pelo tom da voz o líder que um dia acordaria de dentro de seu ser. Pegou pedaços de sacolas e tiras recém-improvisadas e as uniu com nós envolvendo o vaso e deixando formar duas hastes por onde passou seus braços, fazendo o misterioso artefato ficar repousando em seu dorso comodamente. Ergueu-se rápido e se uniu aos dois amigos que já traziam muitos galhos para o que foi planejado. Ao fim, deixaram várias tochas acesas e duradouras(como sabiam fazer antigamente no meio do mar, em alguma emergência que ficassem sem as luzes de bordo) em locais estrategicamente espalhadas na murada da fortaleza improvisada.

Não demorou muito tempo, puderam ouvir os gritos de alerta na voz do grande líder Lenar:

-Aos postos de defesas, jovens! Nos cubram em nossa chegada!

Cada um dos três amigos já estavam em pontos espalhados, e de lá dispararam suas luvas de luz derrubando as tochas que acenderam criando um reforço maior de proteção, formando instantaneamente, uma muralha de fogo sobre os muros de pedra da ruína do porto. Tudo isso foi sincronicamente feito, assim que o último bravo litorâneo cruzou em segurança para dentro do forte. Só então, Olídio, Nartir e Polinor puderam ver o que seguiam seus

conterrâneos. Um exército de insetos sob o comando de um lendário reptiliano que não parou um único instante de gritar vozes de comando.

- Não temam! Cerquem-os! Eles estão ali! Gritava Gar com força, mas, com o semblante cheio de preocupação.

Dentro das ruínas, Not se voltou para Olídio e disse: - Já nasceste um herói e um líder, jovem Olídio.

Polinor, porém, gritou em alerta: -Vejam! Estão chegando mais deles!

Nesse momento, os homens viram as copas das árvores sendo lotadas de insetos de tipos variados, chegando a curvar e balançar pra a frente e para trás as árvores mais grossas com o peso. Num cume de uma delas, umas das mais altas, estava Gar, agora, olhando de costas para os homens, como que fitando o horizonte de onde vieram. Então, se voltou para as ruínas e pôs-se a soltar uma gargalhada cheia de ironia e desprezo, demoradamente.

- Aguardem a surpresa que esse maldito réptil preparou para nós, bravos. Falou Lenar sacando sua lâmina real e acendendo as luvas de luz de ambas as mãos.

Uma turba de ater de antenas e outros ruídos se formou e dominou o ambiente. Subitamente, o exército inimigo paralisou, como se uma ordem de uma voz inaudível tivesse gritado por silêncio. Gar voltou a rir com mais desprezo que antes. Nisso se ouviu um terrível grito no meio da floresta a retaguarda do exército de insetos. As milhares de pernas articuladas voltaram a se mover freneticamente em direção aos homens. E Gar, como se tivesse enlouquecido, gritou a plenos pulmões: -Nama! E gritava, demoradamente o nome do monstro ao qual servia, repetindo sem parar, e sem parar, dominado de uma louca devoção. Mas, o fogo ainda estava alto e os insetos tiveram mais dificuldade do que esperado para escalar o muro, sendo atingidos a todo tempo por disparos de luvas de luz dos Litorâneos. Do alto dava pra ver que toda uma infinita porção de floresta estava balançando, parecendo que Nama vinha rastejando, por toda parte, por entre as árvores. E um outro horrível grito se ouviu. Lenar voltou-se para os seus e falou em voz alta para que todos o ouvissem:

- Homens, nossa fortaleza não oferecerá resistência por muito tempo, nem ao exército inimigo, e muito mesmo a Nama. Precisamos seguir com o plano original e subir as montanhas. De lá, não apenas estaremos privilegiados, como teremos o reforço do canhão de luz do nosso navio. Com certeza, os barcos já se aproximaram do porto com os sons e toda essa luz e fumaça das nossas labaredas.

Então, os homens olharam para o grande vulto que começou a surgir acima dos muros e das fogueiras. A princípio, viram o grande par de olhos mirando direto para Lenar que falava.

Quando o líder se virou, outro grande grito se ouviu, acompanhado de uma baixa gargalhada de Gar. Quando a grande serpente mergulhou destruindo os muros e espalhando imensas pedras para os lados com uma terrível força, os insetos a seguiram invadindo as ruínas.

Porém, Lenar e os litorâneos já estavam em uma marcha a passos largos rumo a subida de uma das montanhas do litoral da ilha e que, em sua base, tocava o que antes tinha sido o Porto de Alin. Com uma incomparável habilidade, o líder dos Litorâneos e seus bravos, rapidamente, saltavam por sobre o que sobrou de grandes construções de armazenamento, uma infinidade de telhados semidestruídos e residências do povo de Alin. Vez ou outra, tinham que dobrar o impulso para saltar por sobre uma rua ou um beco da antiga vila dos pescadores. Atrás deles, vinha Nama enfrentando pouca resistência da cidadela em ruínas, destruindo tudo em seu caminho. Seguida, então, por centenas de insetos que corriam no encalço dos homens. Na velocidade que vinham, os bravos saltaram e dispararam rajadas de luz de mãos fechadas em direção ao solo e ganharam alguns bons metros de escalada na rocha. Mesmo assim, a proporção que se impulsionavam, terminavam o salto e já caíam subindo a rocha com rapidez.

Bem abaixo do grupo, também seguindo em sentido vertical, entretanto, com um pouco mais de dificuldade, se podia ver a bocarra da serpente aberta. Daquela altura, se via o tamanho da quantidade de insetos que já saíra da floresta. Mas, nem assim se visualizava o fim do corpo

de serpente de Nama. Nesse momento, a poderosa voz da criatura encheu a encosta e o vale onde os dois grupos rivais seguiam sua sorte.

- Eu sou Nama! O maior entre todos os Inaturos aprendizes! Futuro grande-mestre Inaturo...Nama! E encheu a ilha com uma estrondosa gargalhada. Tomou fôlego forte e prolongadamente, e continuou: - Eu abominei a minha forma humanóide desde o momento que compreendi a alma dos homens. O seu trágico destino é repugnante como seu espírito. Adoradores do natural...Trairão e serão traídos pela natureza e seu louco censo de justiça. Vocês foram chamados de obra-prima. Eu digo que são a obra-prima da passionalidade. Nasceram para, ao longo dos séculos vindouros, se corromperem. Nisso que falo, estou sendo certo. Ouçam, filhos de Atunis!

Os homens não tinham como não ouvir a poderosa garganta da criatura. Mas, tal fato não os impedia de continuar subindo a montanha que os separavam do mar, e que, no momento, representava uma esperança de resistência para Lenar e os outros Litorâneos.

Nama estava parada muito abaixo deles, mas voltada ao que tinha a dizer. Posto isso, continuou:

-Quando os seres que hoje seguem e protegem as leis naturais começarem a degenerar, trocarão o aprendizado pela suposição, descobrirão que é muito difícil adquirir o conhecimento, e será muito fácil seguir crenças. Sim...O conhecimento, hoje inato, esfriará. E chegará o tempo que a primeira discórdia virá por causa de alimento. Depois, chegará a exploração do outro, até que um dia, a vaidade será o único propósito. E os homens adorarão a matéria de muitas formas.

Dito essas palavras, a titânica serpente avançou verticalmente, numa incrível velocidade, diretamente, para onde Lenar e os seus estavam. Porém, se ouviu um grande assobio cortando o céu, causando no grupo de homens a sensação que o som era de algo que se aproximava. Nos últimos instantes, entretanto, eles reconheceram aquele som. Nama acabara de ser atingida na cabeça por um tiro do canhão de convés da barcaça real, que tinha acabado de se

posicionar próximo ao antigo porto, tendo de lá um ponto privilegiado para alvejar não somente a serpente, como também seu estranho exército. A bola de luz disparada atingiu, mais precisamente descrevendo, a face direita da grande criatura a fazendo cair sobre a encosta da montanha. Olídio e outros quatro dos bravos estavam na porção que sofreu maior tremor com o impacto e caíram alguns metros, conseguindo, entretanto, se segurar de novo nas rochas, graças a força das luvas de luz. Acima, Lenar havia evitado a queda do fiel Not, e ainda o segurava por um braço. Ambos olhavam onde os outros que caíram haviam se segurado, conferindo se estavam bem.

- Vamos, subam! Voltem rápido enquanto Nama se recupera! Gritou Not ainda agarrado ao braço de Lenar.

Porém, Nama havia ficado muito desorientada e jogava a cabeça, soltando gritos, descontroladamente, parecendo um tentáculo balançando no ar. Num vai e vem feito com toda a força que seu corpo possuía, terminou por voltar a bater na parede da montanha, causando a queda de rochas e, entre elas, Olídio que havia se segurado até o momento. Enquanto caía, ouvindo os gritos de seu pai e dos seus companheiros de batalha, Olídio sacou o pequeno jarro que recebera da luz misteriosa nas ruínas, e vendo que Nama, quase recuperada do golpe que sofrera, subia em sua direção com a imensa boca aberta. O príncipe atirou o estranho presente que recebera em direção a goela da criatura. O lançamento não poderia ter sido mais preciso. Ao engolir o pequeno vaso, Nama fechou a boca e os olhos, nem percebendo que Olídio não só caíra na porção posterior de sua cabeça, como também, ali permanecera agarrado, como estava antes nas pedras da montanha. Para o jovem, tudo não passou de um presente do acaso, pois ao bater na cabeça da criatura, saíra rolando, ate se agarrar em porções da grossa pele de réptil.

Acima, os homens ainda chamavam Olídio. Dois deles seguravam Lenar, temendo que o líder, por emoção, se atirasse no precipício em busca do filho. Abaixo, tentando uma descida

desenfreada, os amigos Polinor e Nartir voltavam velozmente na tentativa de resgatar seu nobre amigo.

Nama apresentava os primeiros sinais do que quer que estivesse dentro do vaso, começando a ter tremores e espasmos, ficando com os olhos opacos, quase fixos, olhando para frente. Nisso falou com uma voz trêmula:

-Você que me feriu, ouça! Ouça o que já caiu sobre você, inimigo desleal! Não morrerás! Não lembrarás nem de ti! Em teu corpo serás como de mil anos de sofrimento, até o fim do pouco tempo que tens em vida, para sempre, uma fera serás! Que estas palavras fiquem nas pedras por testemunhas.

Então, o que se viu foi Nama soltar o maior de todos os gritos já ouvidos naquela grande ilha de Alin. Como se estivesse num estado alterado de sua consciência, a serpente começou a ficar erguida, subindo verticalmente, sem parar, como se fosse até chegar o momento no qual se equilibraria na ponta de sua cauda. O monstro era tão imenso que quase ficou do tamanho da montanha, subindo sua cabeça, muito acima de onde estava Lenar e os outros. Sua terrível imagem foi avistada pelos homens do barco que a tudo acompanhavam à distância de tiro. A forma como a cabeça olhava o céu com a imensa boca aberta, causou temor até em seu próprio exército de insetos bípedes, já cheio de desespero pelo que estava testemunhando. Nisso, uma imensa sombra da serpente se estendeu pelo centro da ilha. Como se tivesse vida própria e outra serpente fosse, continuou se desenhando nas copas das árvores até se perder de vista em direção ao outro extremo distante da ilha. Então, Nama tombou para trás, levando consigo rochas que formaram uma avalanche sobre muitos insetos, e Olídio preso em seu dorso. Os homens ficaram congelados vendo a queda da criatura que, ao tocar o solo da floresta, soltou uma luz alaranjada muito intensa, denunciando a escapada de todo o seu poder de uma única vez. E um fenômeno inaturo aconteceu em frente aos que estavam presentes. O titânico corpo de Nama, agora praticamente formando uma reta, começou a afundar no solo, e a desencadear algo que lembrou uma imensa rachadura no solo da ilha. Mas, não era apenas

isso. Como se o chão fosse um pano colocado entre duas mesas, que ao ser pressionado começa a afastá-las e preencher o espaço entre elas, assim foi se formando um desfiladeiro profundo que engoliu a serpente e tudo ao seu redor, inclusive a floresta. Toda a ilha sacolejou e sua porção central começou a ser puxada para dentro do desfiladeiro que se formava. O fenômeno continuou causando uma aproximação entre as duas cadeias de montanhas que formavam o litoral da ilha. Quando tudo enfim terminou, a ilha havia se tornado muito longilínea, quase linear, onde outrora, era amendoada em sua forma, ainda cercada, porém, pelas mesmas montanhas que agora, envolviam o desfiladeiro recém-formado e, que em suas paredes, por muitos quilômetros, apresentava florestas agarradas, em muitos pontos tocando as copas das árvores de um lado, com as do outro. Sob esse novo e incrível cenário, ainda se ouvia os gritos de desespero do líder litorâneo Lenar, chamando por seu filho Olídio. Sendo banhada pelos ecos de sua dor, uma grande pedra, logo abaixo, próxima as ruínas da vila, apresentava as palavras de Nama gravadas em sua superfície.

Festas e competição

Sete longos anos se passaram e a Ilha Alin permaneceu desabitada desde o confronto dos bravos de Lenar e Nama e seu exército. Apesar do tempo, poucos fatos aconteceram após o evento, como uma batalha ocorrida no outro extremo da ilha, mais precisamente, no outro porto dos antigos habitantes, onde um pequeno grupo de remanescentes dos insetos que seguiam a serpente, surgiu e enfrentou um grupo de Litorâneos que foram lá, embora bem armados, com fins de pesquisar os níveis de agressão as leis naturais presentes na ilha. Após esse fato, e por exigência de alguns povos aliados, toda a região foi colocada em isolamento, sendo providenciado um programa de readaptação para os antigos habitantes da ilha, em um

novo local de suas práticas de pesca. Porém, o trauma experimentado pelos sobreviventes, apesar do desfecho que acontecera com a criatura, sobreviveu, e se transformou em contos, relatos e até lendas, durante os poucos anos que separavam o ocorrido. Alguns diziam que o sangue inatural de Nama, ainda presente no desfiladeiro que se formara quando de sua queda para o leito de morte, não apenas alterou toda a natureza da ilha permanentemente, mas, também atraiu criaturas estranhas para as profundezas da floresta vertical amaldiçoada. Falavam que o local agora era “tal qual como quando tiramos entulhos e velhas tábuas que deixamos muito tempo em um canto qualquer e vira lar de seres que vivem no lodo e na imundície”. Por outro lado, a data da derrota de Nama era comemorada todos os anos, bem como o momento da memória do sacrifício de Olídio, o filho bravo, não apenas pelo povo Litorâneo proveniente ou não da Ilha Alin, mas, por muitos povos que vinham especialmente para os eventos da data comemorativa. Suniis do Extremo Leste Poente preparavam apresentações apoteóticas com o milenar domínio das ondas sonoras que serviam para todas as necessidades de seu povo. Os Mantaneiros criavam competições, e contavam suas histórias, que eram também encenadas para as crianças, em alguns momentos. Faziam também exposições de artefatos, armamentos, e outras coisas curiosas que encontravam em suas infinitas viagens. Tatunos também mostravam artes realizadas em vários materiais típicos de suas regiões, bem como culinárias, misturas de ervas-irmãs para curas mais precisas e complexas, e apresentações musicais, sobretudo, os famosos corais das fortes e belíssimas vozes dos Tatunos. Ao mesmo tempo, líderes visitavam o Rei Lenar sempre sendo discutida a preocupante situação da Ilha Alin e da herança horrível que ela guardava. Sabiam que a inatureza estava evoluindo e seguindo seus passos de vida inatura livremente nos fundos da floresta da ilha. Surgiam possibilidades horríveis do que poderia surgir de lá com o passar dos anos, e se analisava o perigo que ela poderia prover aos povos do planeta inteiro. Havia o momento, que na verdade se repetia bem mais rotineiramente de forma não-oficial, em que Lenar e a Rainha Esa iam até a Ilha Alin, sendo seguido por muitos barcos que o ladeavam,

simbolizando o dia da partida para a batalha, e desciam na praia, indo até o porto e a vila destruídos. Lá, Lenar chamava por seu filho o mais forte que podia, por quantas vezes seu coração mandasse. Então, voltava, geralmente, cabisbaixo, em um luto que ainda não passara em seu peito, voltando com todos ao continente. Somente um lugar não era lembrado. Um grande pedra já quase toda coberta por vegetação, ainda registrava as palavras ditas por Nama antes de morrer: "Em teu corpo, serás como de mil anos de sofrimento. Até o fim do pouco tempo que tens em vida, para sempre, uma fera serás! Que estas palavras fiquem nas pedras por testemunhas".

No ano de 1420 da Terceira Era, durante as comemorações da libertação da Ilha Alin, como seria esperado, a cidade de Nova Alin, surgida do magnífico empenho dos povos litorâneo e circunvizinhos, em socorro aos exilados da ilha, se encontrava linda e animada. As decorações estavam em todos os prédios e ruas, crianças vestiam trajes infantis com os personagens da batalha, podendo se ver quem escolhesse se fantasiar de reptiliano ou de inseto bípede, e até mesmo, grupos que se juntavam e vestiam uma grande fantasia de serpente Nama, e saíam a correr, e a encenar momentos do marcante embate. No grande espaço livre do centro da cidade, foram colocadas longas mesas, com pratos das mais variadas regiões e culturas dos povos conhecidos. Palcos foram espalhados para apresentações também muito aguardadas, sempre novas e mais caprichadas a cada ano. No porto, dezenas de embarcações, além das locais que já tinham seus ancoradouros, disputavam um local, de onde se pudesse assistir as festividades, e também ficar bem posicionado para a partida de Lenar acompanhado por admiráveis líderes convidados para segui-lo até a Ilha Alin e o "Momento de Olídio". Porém, o rei litorâneo Lenar, como de costume, viria no último dia, data exata da batalha de Alin. Até lá, por terra e água, as festividades não tinham hora para terminar. Havia entretanto, uma barcaça que chamou a atenção dos outros barcos, pois trazia nela símbolos Mantaneiros, e até onde se sabia, Mantaneiros não eram navegadores. Mas, lá estava ela se aproximando do Porto de Nova Alin à média velocidade. De repente, um dos tripulantes se

mostrou na parte mais dianteira do convéns, e seus trajes eram claramente do povo errante Mantaneiro, descendente direto dos Atunis, como os Litorâneos daquela região. Parecia ser o líder do barco, mas, por se tratar de sua aparência de guerreiro errante não se esperava que em sua prática diária estivessem as técnicas que levam um homem ao domínio da navegação oceânica.

Quando a barcaça se aproximou mais um pouco, o homem começou a acenar seu forte braço, e foi respondido por um bom bocado de indivíduos que estavam a observar a curiosa aparição. Era, pois, Uramur, um mantaneiro muito conhecido na região, e que também mantinha a fama de organizador das típicas competições do dia da libertação de Alin. Trazia competidores distantes, com habilidades de níveis imprevisíveis, tanto em capacidade física, quanto em destreza com armamentos variados. Também, sua fama se devia por organizar competições de força, muito mal vistas, entretanto, pela sociedade local. Na verdade, a prática de competições como essas somente eram admiradas pelo incentivo a saúde que proporcionava nos povos. Nunca porém, ultrapassava esse propósito, até mesmo para Uramur. Não havia o “melhor dos melhores”, ou um grande prêmio ao final das competições. Tratava-se mais de uma brincadeira de adultos. Não mais que isso. Um típico formato dessa saudável forma de competir estava, por exemplo, no Manta mais bem cuidado. Esses fortes e velozes animais que há milênios tinha feito praticamente uma simbiose com os descendentes dos Atunis que os admiraram no passado, chegando a criar a denominação de seu povo a partir da relação que tinha com os Mantas, daí surgindo o termo “mantaneiros”, eram encontrados aos montes, guardados em locais reservados por seus donos, ou ao lado dos mesmos desfilando por entre os festeiros indivíduos durante o evento.

Tão logo Uramur desceu da embarcação, seguiu cortando a multidão em direção ao palco maior da grande área central da cidade. Atrás dele, vieram muitos indivíduos de povos variados, bem como um grupo de litorâneos, que, se podia dizer, se tratava da verdadeira tripulação que regia o grande barco de Uramur. Entre os mais fortes que seguiam Uramur,

estava Otolian, seu filho, um jovem Mantaneiro como seu pai. O grupo era ovacionado pela platéia que já estava a acompanhar os eventos executados no palco. Os gritos alegres, viraram uma repetição do nome Uramur, quando esse fora recebido com festa pelos que estavam sobre o palanque. A figura do Litorâneo já de certa idade, conhecido por Fit, que apresentava os eventos centrais todos os anos, já era cultuada e considerada parte essencial da festa.

-Aqui está ele, meus amigos de Nova Alin. Nosso Organizador mais criativo e desafiador.

Disse Fit com empolgação, sendo auxiliado por um instrumento de ampliação de voz bem conhecido na cultura sunii. Passando um braço sobre o ombro de Uramur, o apresentador continuou: -O que trouxe para nós esse ano, Uramur, meu velho?

Uramur estava sorridente, como se guardasse um grande surpresa para a festa. Atrás dele estavam alguns indivíduos que haviam descido com ele do barco e o acompanharam até o grande palco. O mantaneiro pegou o ampliador de voz e falou:

-É um grande prazer está aqui novamente para trazer algo de divertido para todos nós. Já é bem-sabido por todos, que eu, Uramur, passo todo o ano buscando novos conhecimentos, bolando novos desafios para trazê-los, proporcionando assim, a velha filosofia dos Mantaneiros, de ir até onde outros não foram, e ver o que outros não viram, aprender o que os outros não alcançaram, e trazer para todos o que adquiriu. Sempre nós, os amigos dos Mantas, estaremos a cumprir nossa missão. Por isso recebemos nossa força e resistência. Por isso nos foi dado essa vida. E a cada ano, durante as festividades do dia da libertação de Alin, viemos depositar diante de vocês o fruto de um ano de viagens e desafios. Estivemos aqui sempre trazendo fatos, costumes, e espécies observadas por nós. Descrevemos a observação de eventos raros da natureza. Investigamos lendas, boatos, e, acima de tudo, vigiamos a presença dos Inaturos e sua arte, sedentos de nossa paz e de nosso mundo.

A platéia soltou gritos de admiração e de aprovação as palavras do Mantaneiro. E ele continuou:

- Dessa vez porém, trouxemos algo totalmente novo para vocês. Um grande desafio que até hoje nenhuma mente foi inspirada a criar, embora a idéia estivesse ali, bem a nossa frente, sempre nos chamando a enfrentá-la.

Fit, o apresentador, olhava Uramur num misto de apreensão, cuidado e curiosidade, buscando pensar mil coisas absurdas, como se tentasse adivinhar o desafio de Uramur para aquele ano.

O Mantaneiro ainda ao seu lado, teve agora sua vez de devolver o braço sobre o ombro de Fit, esboçando para ele um sorriso, como quem sabia que ia fazer algo polêmico.

-Convidados de Nova Alin! Continuou Uramur animando a multidão. – Trago aqui para os senhores alguns dos mais valorosos seres que conheci nesse último ano. São litorâneos como alguns de vocês, outros mantaneiros como eu, Tatunos como este que está ao meu lado, e até mesmo um Antigo, nosso irmão mais nobre e puro entre o sangue dos descendentes dos Atunis. Entre esses corajosos, está um que faz meu coração se encher de Orgulho. Hoje trago para vocês, meu filho Otolian, já um Mantaneiro pronto apesar da pouca idade.

Todos os que estavam ao fundo do palco, os quais Uramir se referia, levantaram os braços com força, cumprimentando a animada platéia. E Uramir continuou:

- Esses valorosos estão aqui hoje para aceitar diante de vocês a competição maior para esse ano. Daqui há dois dias, o time irá até a Ilha Alin, onde irão se submeter a uma prova de velocidade e de resistência, correndo sobre e sob as árvores mais externas do desfiladeiro do centro da ilha. irão partir do porto da antiga vila, até chegarem dois ou três dias depois, se forem velozes como espero, no porto do outro extremo, onde serão recebidos com glória e admiração.

Fit ficou esbranquiçado ao lado do Mantaneiro. O olhava fixamente, retirando a mão de Uramur de seu ombro, e se afastando, como quem vira uma criatura inatura.

-Está louco, Uramur? Esta totalmente sem noção do que nos trouxe? Falou Fit.

A multidão em parte gritou em aprovação, mas, o que teve predomínio foram os sussurros logo após a declaração de Uramur, como se todos começassem a dizer sua opinião própria para quem estava ao lado.

Uramur ainda de posse do ampliador de voz, continuou:

-Esse será o desafio desse ano. Espero que além dos valiosos que trouxe comigo para participar, apareçam outros locais ou não, para enfrentar o desafio que lancei. Estou agradecido a todos.

O mantaneiro entregou o ampliador de voz a Fit e começou a descer do palco com o grupo que estava com ele. Fit, por sua vez, deixou o palco junto com os outros e começou a chamar por Uramur.

-Uramur! Uramur! Velho, pense um pouco sobre o que vai fazer. O risco de transformar a festa numa nova tragédia é enorme. E o bravo-líder? Acha que Lenar concordará? Voce sabe que ele não foi o mesmo desde que seu filho deu a vida por nós. Ele tem o local como o túmulo de Olídio, Uramur.

Uramur voltou-se para o amigo e o respondeu: - Nobre Fit, eu sei a oposição que a idéia poderá ter. Porém, Lenar não proibirá a competição baseando-se em sua tristeza. Sei que irá me chamar ao grande salão para ouvir de mim a idéia e meu propósito. Eu irei ter com ele. aguardo a convocação. Você pode adianta-la? Faça isso.

E seguiu deixando Fit as suas costas e sumiu na multidão.

O apresentador viu seu amigo Mantaneiro se retirar com seu grupo em direção a grande mesa da festa. Com o semblante preocupado, seguiu para falar com um Bravo-líder do grande salão real.

Era já no fim da tarde, quando Uramur chegou aos portões do Grande Salão. Se apresentou a guarda que já o esperava, e foi conduzido até onde estava Lenar. Logo ao entrar, viu o líder dos Litorâneos, próximo a Rainha Esa, conversando com dois Bravos-líderes já idosos. O guarda que o conduziu anunciou o nome do convidado:

Bravos-líderes e bravos-mestres presentes! Eis aqui Uramur, o Mantaneiro, convidado de Lenar para esse fim de tarde no Grande Salão. Anunciou o guarda Litorâneo, fazendo um sinal que Uramur caminhasse em direção ao centro da grande sala. Mal chegando diante do líder, Uramur ouviu seu cumprimento:

- Eu o saúdo, Uramur, Mantaneiro e herói do nosso mundo. Uma pena tê-lo somente desta vez em nossa nobre sala.

- A honra é minha, Líder Lenar. Respondeu Uramur, o saudando com a cabeça, repetindo o mesmo ato para Esa e os bravos líderes que os ladeavam.

-Sou conhecido por um líder que não perde tempo com cerimônias típicas dessa casa, Uramur. Então gostaria de ir direto ao ponto, sem parecer desmerecê-lo. Disse Lenar descendo do nível mais alto onde estava, e ficando em frente a Uramur.

- A seu pedido, fomos comunicados através de Fit, apresentador e organizador dos festejos de Alin, sobre a idéia que trouxe para esse ano. Um desafio sobre a floresta vertical da ilha maldita.

- Sim, admirável Lenar... Concordou Uramur firmemente.

-Sabemos sua reputação exemplar em muitas terras. E o quanto suas idéias tem ajudado comunidades mais isoladas, nobre Mantaneiro. Inquestionavelmente, sabemos que Uramur se trata de um vigilante valoroso da nossa paz, e grande contribuir da divulgação da sabedoria para a melhor vida de todos. Disse Lenar, enquanto arroteava Uramur. E no que falava aos outros presentes, se notava facilmente, a verdade do que sentia sendo transformada em palavras ouvidas por todos.

- Me diga, então, Nobre Uramur. Por que a idéia da competição na floresta vertical?

Questionou Lenar o olhando nos olhos.

-O túmulo de nosso valoroso filho Olídio. Falou alto a brava-líder Esa ainda na parte mais alta da sala, porém, bem a frente de Uramur.

-Nobres Litorâneos...Falou Uramur com a voz carregada de sentimento e sinceridade. – Eu bem sei de como a dor os deve ter visitado todos esses anos. Também sei do significado do chamado “momento de Olídio” nas festividades que participei em momentos já vividos. Meu coração sempre se uniu ao de vocês durante aquele silêncio que se repete, quando os senhores ali descem e clamam o nome do nosso héroi, sem resposta. Ora, também tenho um filho valente, embora muito jovem, o qual me permite formar uma noção do que seria estar na situação de vocês. Brava-líder Esa, Bravo-líder Lenar...O que lhes trouxe esse ano não são simples indivíduos cegos pela aventura e amantes da energia dos gritos da multidão das festas. Eu uni um grupo de valentes dos povos onde andei, desde que a idéia me veio a mente. Permita-me levá-los como uma considerável tentativa de achar algo de novo sobre o destino de Olídio, e que ainda não sabemos.

Esa desceu até o lado de Lenar e o pegou pelo braço, o aproximando do seu corpo. Ambos olhavam o brilho no olhar de Uramur, que continuou a explicar seu propósito.

- Sei das inúmeras expedições e do poder que elas ofereciam no intuito de achar qualquer coisa nova de seu filho. Pensei nos riscos, e não os permitirei que se aprofundem na floresta que ficará abaixo de seus pés, mas, sei que ao atravessar a ilha durante a competição, seus olhos estarão bastante atentos ao que está nas profundezas escuras e nos grandes vales de terra morta se formam nas regiões centrais da ilha onde as cúpulas das árvores ficam mais distantes. Os garanto que os competidores que vieram comigo são nobres em seus propósitos também, trazendo em seus objetivos durante a corrida, a vontade de conseguir alguma informação nova sobre o que aconteceu ao jovem Olidio.

Esa, pensativa, interrogou: -Está arriscando a vida de seu filho entre os desafiantes?

-Sim, Brava-Líder. Respondeu Uramur.-Meu filho é um dos desafiantes. Podemos nós inibir essa chama em nossos filhos como se os desejassem sempre em forma de crianças? Não foram para nós que nasceram, infelizmente...

Lenar o olhou mais uma vez e subiu de volta a parte mais alta da sala. Olhou para os presentes e voltou a falar com Uramur.

-Pode ir, Nobre Uramur. Receberá sua resposta ainda esta noite. Espero que a aceite independente de estar ou não em acordo com sua vontade.

-Será dessa forma, grande Lenar. Respondeu Uramur, cumprimentando os presentes, e voltando a ser guiado pela guarda até a saída principal.

Já se falava em toda a cidade a permissão dada por Lenar ao curioso desafio. Uramur e seu pessoal de apoio estavam eufóricos, tocando os preparativos o mais rápido possível.

De uma das magníficas sacadas do prédio principal, Lenar e Esa podiam facilmente perceber a forte movimentação que a notícia tinha causado.

-Compreende a minha desaprovação pessoal, apesar de ter permitido a realização da idéia de Uramur, Esa? Quebrou o silêncio o líder Litorâneo.

-Sei que para nos, aquela ilha se tornou o túmulo de nosso amado filho. Que também ainda é a terra natal de tantos dos nossos que para aqui e outros locais tiveram que migrar. Respondeu Esa em voz calma. - Há também as inúmeras expedições de bravos que nunca voltaram...

-Quantas vezes deixei meu local de líder para gritar o nome de nosso filho naquelas praias mudas, Esa? Quantas vezes?...

Num suspiro Lenar continuou: - Mas, concordei, sobretudo para que um novo ciclo nascesse, e as regras do desafio de se deterem a porção externa da bizarra floresta vertical que lá fez morada, acalmou meu coração. Deixa estar...Que comecem logo as festividades do desafio de Uramur.

e saiu da sacada, puxando suavemente Esa pelo braço.

Foi chegado o momento. A ilha há incontáveis noites, nunca esteve tão cheia de manifestações de alegria. Suas famosas cordilheiras litorâneas, que contornavam toda ilha como muralhas naturais de rocha cinza escura, serviam de arquibancadas improvisadas para famílias, e pequenos aglomerados de amigos que acompanhavam atentos a largada daquela que poderia ser a nova tradição das festividades. O "Desafio de Uramur". E o organizador já estava em seu local, e após os cumprimentos formais ao líder Lenar e a todos presentes, voltou-se aos competidores. Sua voz era ampliada com perfeição na região onde se iniciaria o desafio:

- Temos aqui, meus nobres convidados, os heróis competidores do desafio que idealizei. Oito competidores irão lançar-se nessa prova, onde enfrentarão seus desafiantes e a resistência de seu próprio corpo. A sua frente vemos a floresta da Ilha Alin, que daqui a poucos metros a frente vai se contorcendo e entrando no abismo misterioso que se formou na ilha. Abismo esse que em suas paredes, mantém a floresta crescendo bizarramente na vertical, fechada e escura, onde como teto chega a apresentar a visão da outra parede em seus pontos mais distantes de abertura do abismo. Nossos competidores deverão correr na linha do horizonte que agora nos temos. Ou seja, sobre a dura vegetação que limita a floresta no início de suas cordilheiras. Velocidade, concentração, agilidade e equilíbrio deverão ser as características que levarão o competidor a vitória. Não podemos precisar os dias de duração da prova.

Sabemos que seria difícil acompanhar os competidores todo o tempo. Se essa for a primeira de outras competições na ilha, teremos muito a melhorar. Mas, vamos aos nossos desafiantes! Oito corajosos representantes de nossos povos! Temos dois Antigos, dois Litorâneos, cinco Mantaneiros e um Tatuno.

Os aplausos e gritos de torcida tomaram conta do local. Uramur continuou: - Não esconderei o meu orgulho de ter meu filho participando da prova.

Uramur deixou escapar um sorriso para seu competidor especial, fazendo também alguns mais próximos acharem engraçado e rirem também.

No momento da largada, os competidores saíram lado a lado. Corriam a plenos pulmões na pequena parte onde a floresta era normalmente horizontal. Com o avanço, Mot, o tatuno que ia levemente a frente, saltou e acompanhou a lateralização dos troncos da densa floresta.

Poucos minutos depois, todos já corriam sobre os troncos verticalizados. Ou seja, que se apresentavam deitados sob seus pés. Aos saltos que variavam em leves e de grande esforço, já se podiam ver a imensa dificuldade da prova. Todos sabiam que somente no início do vale as copas das árvores da parede da direita tocavam as da parede da esquerda. Porém, com o avançar na misteriosa ilha, as paredes se afastariam e corredores poderiam optar que parede seguir. Mot manteve a liderança seguido de muito perto por Otolian, filho de Uramur e Astor, um antigo. O quarto lugar era uma mantaneiro que, após quase desequilibrar em um galho, parou e voltou caminhando em direção a onde ficara a largada.

Após a primeira hora, os competidores da frente já não avistavam se havia atrás deles algum desafiante que continuasse na prova. À frente, já se via distante onde a floresta iria se separar com o afastamento das paredes laterais do abismo central da ilha. Embora bem avançados na prova, os competidores ainda observavam, aqui e ali, pequenos grupos de espectadores nas montanhas laterais. Eles provavelmente, só estariam ali até o momento que a floresta se dividisse. Depois disso, a corrida seria solitária.

Otolian estava em segundo, seguido de perto por Astor, mas, sorria, se perguntando se estava realmente, naquela distância, sentindo o cheiro das guloseimas dos espectadores, ou seria apenas sua mente de caçador mantaneiro. E foi no meio desses pensamentos divertidos que ao dar um salto de um galho a outro, seu pé prendeu e parte da energia do impulso se perdeu. Otolian caiu numa fenda entre as árvores que se deitava aos seus pés, desaparecendo rapidamente na escuridão. Ainda soltou um ecoante grito. Por reflexo, Astor, o antigo, que vinha atrás ainda saltou e tentou segurar os calcanhares do jovem mantaneiro, mas, só o viu sumir diante de seu braço estendido. Mot, que já ia a uma boa distância à frente, se virou ao ouvir o grito, e soltando um urro típico de seu povo de origem. Veio em grandes saltos em direção ao local da queda, e viu quando Astor também caiu na fenda. O gigante tatuno fez mais força nas pernas e saltou outra vez, já caindo com força pela abertura onde os outros haviam sumido. Sentiu galhos se quebrando com seu peso a proporção que caía. Fechava e abria os olhos negros, por reflexo, enquanto examinava o que poderia estar a sua frente. tentou ir se agarrando em algumas árvores, querendo diminuir a sua velocidade de queda. Abaixo do tatuno, estava Astor debruçado num último galho, antes de uma grande escuridão abaixo dele.

- Ele escorregou aqui, Tatuno! Grito Astor de olhos arregalados para o ser marrom que vinha em sua direção. O Antigo mal terminou de avisar e pulou em direção onde vira Otolian sumir.

Mot alcançou rápido o local, e parou na borda por alguns segundos, raciocinando como faria à partir dali. Soltou outro urro e seguiu o Astor na escuridão.

Do lado de fora, os espectadores nas montanhas ficaram silenciosos, emudecidos com o que acontecera aos competidores. Pelos lados, dezenas de mantaneiros eram liderados por Uramur, que gritava o nome do filho. Em pouco tempo, um pequeno grupo deles se aproximava do local do desaparecimento.

No fundo, Mot e Astor haviam trocado a descida a toda velocidade por movimentos mais estudados e sorrateiros. Mot ia farejando, quando ouviu a respiração de alguém. Enquanto analisava o que ouvia, não pode deixar de mostrar a Astor os galhos das árvores que os cercavam, e como esses estavam alterados e mantidos vivos por alguma arte "inatural". Um pouco abaixo, então, eles viram o jovem Otolian, ferido preso entre galhos, semiacordado e se mexendo lentamente. O que aconteceu em seguida os deixou sem reação. Da vegetação próxima ao mantaneiro ferido, saiu um grande vulto de um homem que envolveu o corpo de Otolian nos braços. Tratava-se de um gigante, de aparência camuflada, ou ao menos com porções de vegetação presas ao corpo e vestes. Possuíam um rosto de um homem velho, com um grande barba, mais cinza-esverdeada que branca. Tinha longos cabelos de aparência semelhante a barba, e em contraste ao envelhecimento de seu rosto, o homem era um colosso em estatura e musculatura. Praticamente, se vestia com vegetação e restos de uma roupa já gasta e suja demais. Astor e Mot continuaram observando o gigante e o que ele fazia com Otolian. O estranho havia colhido algumas das ervas-irmãs do sangue do Atunis, usadas em curas variadas pelos povos conhecidos, e as colocava num ponto de sangramento do mantaneiro. Súbito, a estranha figura voltou o olhar aos seus dois observadores. Antes que Astor e Mot pudessem reagir, o Gigante se moveu em direção aos dois que estavam acima, colocou Otolian sobre um galho grosso e foi em direção aos dois. Cada um saltou em uma direção, se livrando do suposto ataque, porém ao se voltarem, viram o gigante agarrando uma serpente quase de seu tamanho, que estava prestes a atacar os dois observadores. Um forte embate começara diante dos olhos dos curiosos competidores. Mot deslizou para o lado de Astor e, ambos viram a serpente e seu opositor desaparecerem entres as folhagens.

- Me ajude a pegar o Mantaneiro. Não podemos perder essa chance. Disse Mot com a voz forte típica do Tatunos.

Sem perder tempo, os dois pegaram Otolian e subiram apressadamente, ouvindo ao fundo os pavorosos sons da luta cega que deixaram para trás.

- Que terrível povo surgiu nessa medonha floresta? O que foi aquilo que vimos? Perguntou Astor respirando forte.

Em pouco tempo viram a luz que vinha da abertura onde haviam saltado e os contornos dos que esperavam do lado de fora jogando cabos e escadas . Tão logo saíram, foram recebidos aos gritos de alegria pela equipe liderada por Uramur, que logo correu e abraçou o filho que começava a despertar sorridente.

Um dos mantaneiros resgatistas se dirigiu até Mot e Astor que estavam na borda da abertura, olhando para dentro da escuridão. Observavam em silêncio seu interior, quando viram o velho gigante se movendo e voltando o olhar para os dois. Houve um momento silencioso eterno entre aquela troca de olhares. Nenhum músculo das faces dos envolvidos se contraiu. O instante foi quebrado pelo resgatista que ao olhar o que prendia a atenção do tatuno e do Antigo gritou:

- Pelo Criador e seus Semeadores, que criatura é aquela?

Mas, não havia mais nada. O gigante desaparecera nas profundezas da floresta vertical de onde tinha surgido.

Então, todos voltaram aos seus lares. Não havia mais sentido na competição..

Cinco anos se passaram, e o relato sobre a malfadada competição da Ilha Alin já começava a ganhar características de uma nova lenda. Se contavam coisas como o monstro Nama não ter realmente perdido a vida e ainda habitar a ilha em forma de um velho gigante, Ou que o jovem Olídio estaria lá encarcerado, tendo como carcereiro um horrendo povo gigante. De fato, a Ilha Alin passou a ser relacionada a coisas ruins, principalmente quando o assunto era pesca. Cada vez mais evitada, aos poucos , foi se tornando apenas um distante ponto de referência de rotas litorâneas perdido no mar. Nem mesmo Lenar voltou a visita-la em

memória de seu filho. Preferiu adotar uma citação simples no dia em que ocorreu a batalha, nos anos que sucederam a competição de Uramur. O próprio Uramur também já não organizava festividades com tanta impulsividade. Realizava, porém, festividades que agradavam a todos, mas, sem exageros. A experiência também o havia mudado. No mais, tudo caminhava tranquilo.

Um dia, uma embarcação oficial Litorânea semidestruída chegou ao porto da capital. A guarda Litorânea fez os primeiros levantamentos e passou tudo para o salão do Líder Lenar. A origem da nau era de uma das principais cidades mantaneiras, a filha de Doran, da guarda de Atilonius, o mantaneiro, agora Líder, por ter se casado com Ina, filha de Tonde, havia sido sequestrada. Chamava-se Ilma.

O Líder Lenar estava em seu lugar no salão principal e voltou-se para a parede onde se comunicava com outros líderes quando necessário. Surgiu então a imagem de Doran, com um olhar pesado.

Lenar o falou:

- O que poderia nos dizer mais, Grande Doran. Ajude-nos a encontrar Ilma, sua filha.

O mantaneiro apertou os lábios lamentando e respondeu:

- Líder Lenar! Como pensar numa hora dessas? Suspirou e continuou: -Ela estava sendo protegida por ter sido investigado que uma criatura inatura planejava sequestrá-la. A criatura já era conhecida, e se chama de Sizna, antigo oficial dos lagartos de Macari, um inaturo-mestre. Procurado pelos quatro cantos do planeta floresta, Sizna havia reagrupado antigos soldados de Macari, na afastada e pouco mencionada atualmente, ilha Alin. Lá planejava unir forças e conseguir condições de mais poder, sobretudo, após o sequestro da filha de um Líder.

Lenar se levantou e deu dois passos em direção a grande imagem de Doran.

- Há algo que possamos ajudar, Doran? Perguntou sem formalidade.

-Sim, Líder Lenar. Prontamente respondeu Doran. - Estivemos nas últimas horas confirmando tudo o que acabei de dividir com sua liderança, mas, nossos sábios nos orientaram a ir até a ilha. Porém, fizeram questão de destacar que não fossemos até lá com um grande exército, e sim, com um pequeno grupo de resgate.

Lenar pode perceber que Doran estava conferindo alguns documentos. E continuou:

- Sabemos que poucos conhecem bem a ilha, Líder Lenar. A região da selva vertical, praticamente, é desconhecida por todos. Mas, estamos levantando nomes. Um deles se encontra em sua capital.

O líder Litorâneo fez um ar de preocupação e perguntou:

- Teria o nome desse bravo, Doran?

-Sim! Chama-se Otolian.

- O filho de Uramur, o Mantaneiro. Completou Lenar.

Doran confirmou e continuou: Ele, ao menos conheceu a ilha pessoalmente durante a breve competição que seu pai organizou há tempos. Estamos com outros que competiram. Um antigo chamado Astor e um tatuno com nome de Mot. Mandaremos com eles dez bravos mantaneiros. Contamos porém, com sua sabedoria, Líder Lenar, caso ache apropriado alguma observação.

Lenar baixou a cabeça, pensou um pouco e respondeu:

-Líder Doran, Temos a disposição os dois bravos que outrora foram os melhores amigos que meu filho Olídio teve em sua vida. Hoje já são bravos experientes, e podem contribuir em muito, tanto na questão de já ter estado na ilha, como em enfrentar qualquer surpresa que o malfeitor Sizna possa oferecer ao grupo.

-Fico agradecido como Líder e como pai por esses seus bravos, grande Lenar. Voltarei a comunicar-lhe sobre tudo o que formos evoluindo. Agradeceu Doran e sua imagem se desfez na grande parede do Salão de Lenar.

Capítulo 8 - De volta a ilha

Estava uma manhã com sol, porém uma tempestade deslizava no horizonte distante, em frente ao Porto da Capital de Lenar. O líder estava pessoalmente entre os bravos que organizavam a embarcação conhecida por "Seta", um modelo de quilha única que se deslocava em altíssima velocidade, deixando apenas a fina, porém quase inquebrável quilha dentro da água. Lenar, acabara de chegar, procurando com os olhos os dois representantes de sua capital. Ambos já vinham se deslocando em sua direção. Nartir, portando uma grande mochila nas costas, e Polinor ao seu lado, uma bagagem menor e um traje cheio de bolsos. Era homens feitos, sendo Polinor bem robusto. Tão diferentes dos jovens que lutaram contra Nama. Lenar também caminhou em direção a eles, forçando que os três ficassem um pouco afastado dos demais.

- Quero deixar claro aos seus corações que não estão obrigados a voltarem até aquele túmulo. Eu compreenderei se não se disporem. Falou o líder dos litorâneos.

Nartir tomou um pouco a frente e respondeu: - Meu Líder, esperei a vida toda essa oportunidade. Preciso voltar a Ilha Alin como um bravo.

-Eu também sinto desde de sempre esse impulso, Líder Lenar. Falou Polinor completando o amigo. - Preciso por meus olhos lá outra vez.

Lenar os tocou nos ombros e falou:

- Será assim então. Estarão hoje junto a equipe de Doran. É esperado que uma pequena embarcação da guarda de Doran os espere no ponto programado. A "Seta" os levará rápido e em segurança, meus bravos. Não deixe de levar o sinalizador que já está a bordo da Seta. Por todo o momento qm que estiverem na ilha, iremos manter embarcações observando se nos enviam o sinal de apoio.

E sorriu o líder dos Litorâneos. Seus olhos pareciam cheios de um orgulho esquecido. Um orgulho pelas odisséias justas que tanto já travara por seu povo, mas, que as tinha tirado seu filho amado.

A esguia embarcação partiu em alta velocidade do porto de Lenar. As nuvens fortemente cinzentas no horizonte foram se agigantando perante os olhos dos pilotos navegantes e seus dois bravos passageiros. Em algumas horas, o que inicialmente surgiu como um ponto negro na linha do oceano, foi tomando os contornos há muito vistos pelos passageiros. A Ilha Alin crescia impávida à frente. Diminuindo a velocidade aos poucos, um dos pilotos exclamou:

-Acho que temos algo a frente, Bravos Nartir e Polinor.

Os dois passageiros se desencostaram de suas cadeiras e puderam ver pelo visor dianteiro o que chamava a atenção dos pilotos, já que todos a bordo ocupavam a minúscula capsula destinada aos tripulantes da embarcação. Viram como combinado, na mesma direção da Ilha, um pequeno barco com alguns poucos que os esperavam. Viram, inclusive a silhueta inconfundível de um Tatuno entre eles, que levemente desequilibrava com seu peso maior o pequeno barco. Porém, também a uma longa distância, se percebia facilmente uma frota de embarcações maiores e em bom número. Estavam, aparentemente, imóveis, com suas proas voltadas para a Ilha Alin.

-Temos que comunicar a chegada ao Líder Lenar imediatamente e a presença da frota. Isso não nos foi informado. Quebrou o silêncio um dos pilotos.

Polinor moveu-se rápido na cabine e abriu um receptáculo na parede, de onde tirou duas Botas-de-jato e o sinalizador de apoio. Entregando um dos pares a Nartir, explicou-se voltando aos pilotos:

- Nos deixem aqui conforme a missão. Vamos nos encontrar com os que nos esperam no bote. Deixe que os líderes conversem entre si sobre essa ação não acordada.

Abriu a porta da cabine e foi calçando suas botas-de-jato, sendo seguido pelo amigo Nartir. E continuou:

-Deixe-nos. E vão em paz. Daqui iremos até a ilha por conta própria.

Os dois bravos pegaram suas bagagens e se lançaram ao mar. As botas-de-jato responderam imediatamente ao contato do pés de Polinor na água não o permitindo afundar. Os dois litorâneos estavam literalmente em pé na água. Com um pequeno impulso para o lado, foram deslizando em alta velocidade na água que, somente aparentemente, era tocada.

A bordo da "Seta", os pilotos rapidamente sumiram do alcance visual de quem estava nas proximidades da ilha.

Polinor e Nartir alcançaram a embarcação do outro grupo e continuaram junto em média velocidade em direção a Ilha Alin.

Enquanto isso, a bordo da Seta, um dos pilotos comunicou a Capital sobre a presença de uma frota de Mantaneiros nas águas da Ilha Alin. Todos sabiam o quanto essas águas eram proibidas de serem navegadas. Até aquele momento, porém, nunca foi necessária nenhuma grande fiscalização por parte dos Litorâneos. A situação havia mudado, e isso não seria bem-visto por Lenar, que ainda via a própria Ilha Alin como o túmulo natural de seu filho Olídio.

Como planejado pelos enviados de Doran, o grupo se uniu do lado poente da Ilha Alin, numa praia rochosa de pouca areia na margem. O que não estava nos planos era a tempestade que agora atingia a ilha. Rapidamente uma parte da equipe tratou de esconder a embarcação.

Astor, o antigo, se dirigiu até Nartir e Polinor, e iniciou conversa:

- Lembro de vocês no que li sobre Olídio e sua morte nessa ilha. Vocês eram os melhores amigos, certo?

-Sim. Respondeu Nartir. Crescemos juntos.

Astor olhou para o Tatuno e explicou:

-Eu e o meu amigo Mot, fomos convocados nessa missão por termos participado da corrida de Uramur. Da mesma forma seu filho, Otolian, que agora nos guia.

Otolian vinha voltando do local onde com os outros três mantaneiros havia ocultado a embarcação. Também havia se tornado um homem forte. Trazia consigo a tradicional mochila alongada do seu povo. Além dela, as temidas armas mantaneiras: uma lâmina média, um conjunto leve de lâminas circulares, bumerangues e as tradicionais 3 lanças voadoras, que um jovem mantaneiro recebia conforme ia evoluindo como indivíduo de seu povo. Polinor e Nartir também trazia armas características de litorâneos, sendo essas as luvas de luz e lâminas variadas. Astor, um antigo, tinha armas de um bravo antigo, ou seja, usava luz sólida para o escudo e luvas de luz, enquanto o companheiro Tatuno, estava devidamente equipado com um grande tacape e um martelo nas costas, algumas redes e a inseparável bazuca de luz, pelos Tatunos chamada de "Cospe-luz".

Foi Otolian que quebrou o silêncio, com um ar de boa receptividade.

- Amigos, é um privilégio participar dessa difícil missão na companhia de suas bravuras.

Nosso intuito é além de livrar uma vida inocente das garras da perdição, acabarmos com a morbidade que habita essa ilha.

- Estamos tentando evitar uma tragédia. Mas, a frota que os acompanhou pode começar outra. Falou firme Nartir.

- Por que Doran entrou nas águas de litorâneos sorrateiramente, Otolian? Sabemos que nunca houve problemas entre os povos-irmãos, mas, a ilha é considerada um túmulo pelo nosso bravo-líder. Perguntou Polinor.

Otolian se voltou aos dois Litorâneos e respondeu:

- Vocês são Polinor e Nartir. Amigos, eu sei que posso parecer errado ao julgamento de vocês, mas, peço que no momento deixemos os bravos líderes se ocuparem desse impulso. Minha família ainda reside na capital de Lenar. Como meus companheiros são estrangeiros, me sinto pertencente as duas equipes. Portanto, gostaria que me vissem dessa maneira. Sendo possível

isso, prefiro que funcionemos como um time que se focará no que viemos fazer na ilha, tentando deixar o que estiver além de suas margens para os outros se ocuparem.

Polinor tocou o ombro de Nartir procurando o acalmar: - Que seja, então, o elo de ligação.

Sejamos um único grupo.

Iniciaram, pois, um atrás do outro, a subida entre as rochas do paredão que delimitava a ilha da praia. A região escolhida não era das mais difíceis, e no topo apresentava uma pequena área plana. Mot foi o primeiro a atingi-la, seguido de perto pelos demais. O tatuno tinha quase um comportamento instintivo de ir a frente, garantido o grupo de qualquer surpresa;

- Vejam daqui! Vejam enfim nossa ilha a frente. Disse ele com voz empolgada, com tom de anfitrião.

A frente do grupo a grandiosidade da ilha se perdia num estranho desfiladeiro. Montanhas dos dois lados se estendiam até se perder de vista se encontrando a distância. Abaixo delas a estranha floresta vertical, plantada nas paredes do cânion se afogava em sua própria escuridão. Muito distante porém, um observador mais atento já poderia perceber a região onde as paredes se afastavam mais, iniciando um vale central, muito longe para se perceber suas características. Bem mais próximo de onde o grupo estava, porém, se via os escombros da vila dos pescadores há muito abandonada. Não se tratava de uma vila pequena, era quase uma cidade morta já sendo coberta pela vegetação. Todos olhavam em silêncio a paisagem, porém Otolian estava com um olhar fixo em um ponto da cidade arruinada. Subiu numa pedra mais a frente como se não pudesse desviar o olhar. Seu comportamento imediatamente, chamou a atenção dos outros que o seguiram, se posicionando ao seu lado se agachando ou deitando nas pedras.

- O que viu, Otolian? O que achou? Perguntou Polinor, tentando achar o que o mantaneiro estava olhando.

- Ali. Entre as pedras maiores. Falou Otolian com os olhos quase fechados e em voz baixa e lenta. Vejam aquelas criaturas.

Estou vendo. Respondeu em voz calma, porém com certa admiração, Astor, o antigo. E continuou: - Tenho lido sobre esses seres, mas ainda não os tinha visto nem assim de certa distância.

E o que o grupo observava, tiraria o equilíbrio emocional da maioria dos seres pensantes daquele mundo. Entre uma estrada improvisada de terra caminhavam dois lagartos da altura de um mantaneiro. Mais que isso, claramente conversavam entre si. Seguindo o olhar por onde se avistava onde a trilha se destinava, se via adiante fogueiras. Levado pela curiosidade, o grupo de resgate avançou um pouco mais a borda da montanha, descendo na face interior do vale da ilha, alguns metros após a borda do topo.

- Vejo mais três deles. Disse Astor.

- Há mais. Sussurrou Otolian ao lado do Antigo.

Então todos se orientaram onde Otolian apontava e viram um vulto de um prisioneiro. Nartir, com sua voz grossa, chamou a atenção dos outros:

- Olhem também as encostas das montanhas que cercam a ilha. Do nosso lado e do outro.

Estão vendo?

Os outros olharam, e Nartir continuou: - São lançadores gigantes de lâminas circulares voadoras, típicas armas dos lagartos da histórica luta de Macari. Percebam como estão voltadas para disparar para o centro da ilha, e não para quem navegar por fora dela.

São para quem vier os desafiar na ilha. Essas armas são para nos. Falou firme Otolian.

- São inúmeras! Observou Polinor.

- Precisamos descer mais para ter mais detalhes da situação lá embaixo. Falou Otolian já descendo a montanha.

Mot logo alcançou o mantaneiro e tomou mais uma vez a frente do grupo. Pelo caminho ia empurrando algumas pedras menores, mais pesadas o suficiente para forçar um desvio pelos outros do grupo. Os músculos dos Tatunos estavam à frente dos outros povos pensantes do planeta floresta.

Astor, por sua vez era o penúltimo, sendo seguido de perto por um dos mantaneiros de Otolian que vigiava a retaguarda enquanto desciam. O antigo não conseguia parar de pensar sobre os evidentes efeitos poderosos que haviam literalmente aleijado aquela ilha. As encostas e o escuro desfiladeiro ao centro já eram uma terrível demonstração das atrofias que a inatureza traria ao seu mundo. Ao mesmo tempo, os pensamentos de Astor os convidavam e os repeliam de que terríveis transformações estariam guardadas na vastidão da floresta vertical.

Subitamente, Astor esbarrou em quem estava a sua frente. Ouviu a voz de Polinor.

-Lá está ela. A jovem Ilma.

Todos puderam ver Ilma aprisionada ao modo como diziam que os lagartos faziam com seus prisioneiros. Realizavam várias amarras em pedras diferentes ao longo de todo o corpo do prisioneiro. Dessa forma, com desconforto, o cativo não conseguia nem ficar de pé, nem se deitar, ficando, com o tempo, muito cansado para fugir ou reagir. Não estava porém sozinha. Um lagarto estava a sua frente, parecendo a interrogar. Era entre eles, o de menor estatura e físico mais franzino. Porém, demonstrava uma certa liderança.

-O que está a frente da prisioneira é o tal Sizna. Comentou Otolian.

- Já era um líder quando no exército de Macari. Lembrou Mot com sua voz grave.

- Sim, meu amigo Tatuno. Como nos informaram, liderou também o sequestro de Ilma.

Concordou Otolian. - Precisamos criar um plano de resgate. A situação deve estar um pouco diferente do que nossos líderes esperavam.

Nartir, o litorâneo de corpo robusto, andou alguns passos agachado entre as pedras e foi seguido pelos outros. Avançaram bastante em total silêncio. A tempestade, que os acompanhava desde a praia estava começando a perder sua força. Onde estavam, tudo se encontrava alagado, porém, na altura da cidadela em ruínas, mais precisamente onde os lagartos fizeram seu acampamento, já se tinha ruas calçadas com pedras polidas e derretidas. O grupo ganhou mais algumas dezenas de metros e alcançaram os limites das ruínas.

Nartir apontou para os outros observarem a sua frente. Os dois lagartos primeiramente vistos, agora estavam pondo pedaços de metais, restos de máquinas e armamentos na beira da entrada do desfiladeiro. E o faziam com pressa, olhando todo o tempo para o interior da bizarra floresta vertical que se estendia a frente deles. Pareciam incomodados com a maneira como as primeiras árvores da floresta haviam crescido nas paredes que iniciavam o cânion central da ilha. Como as copas de um lado tocavam as das árvores da outra parede.

Foi Otolian que puxou o grupo ainda mais a frente. Sorrateiramente, o mantaneiro ia observando os lagartos tentando entender o estranho comportamento daquele grupo, ao mesmo tempo que observava a refém.

Sizna, o lagarto líder, havia deixado sua prisioneira de lado e concentrava sua atenção nos dois de sua espécie que estavam na entrada da floresta. O réptil estava, porém, a poucos passos de Ilma. Parecia incomodamente desconfiado.

De repente, os lagartos se tornaram inquietos, emitindo gruídos de ansiedade e deixando rápido o lugar dos metais. Correram em direção aos outros, aumentando o diâmetro de seus grandes olhos. Atrás deles, saltou, então, uma estranha criatura que possuía muitas patas musculosas. Aparentemente sem ossos em seu interior, mas, com potentes músculos. O corpo e a cabeça possuíam um exoesqueleto de onde partiam dois braços menores articulados. Soltava gritos enquanto se mexia rápido examinando os metais, deixados pelos lagartos apavorados. Sua chegada fez todo o grupo de Sizna, inclusive ele próprio, se afastar rapidamente do local do acampamento. A criatura foi percebida por último por Ilma que, aprisionada, e mal podendo se erguer do chão onde estava, soltou um grito de pavor. A criatura a olhou e partiu em sua direção tão rapidamente que atropelou e empurrou um dos lagartos que, apavorado corria sem direção e ficara em seu caminho. O imenso animal agarrou Ilma em um de seus tentáculos, juntamente com alguns pedaços de metal e sumiu floresta a dentro. Nesse momento, Otolian gritou para o restante do grupo de resgate

e aproveitou a confusão, imaginando ter uma única oportunidade de salvar Ilma. O Mantaneiro avançou na mesma direção da criatura, golpeando com sua lâmina média dois lagartos que cruzaram seu caminho. Seguiram os gritos de Ilma que ainda vinham da mata, correndo o máximo que puderam, deixando o pequeno grupo de lagartos totalmente dispersos, ainda assustados e confusos com tudo que acabara de acontecer.

-Mantaneiros, fiquem na retaguarda! Gritou Otolian para os outros de seu povo, sendo prontamente obedecido. Astor, Polinor e Nartir, seguiram o tatuno Mot.

O grupo entrou na floresta, mas, ainda corriam na horizontal, no leito do cânion. Sabiam que a vegetação a sua frente eram o ponto mais alta das árvores cujas as raízes entravam nas paredes gigantes que se erguiam em ambos os lados. Logo sentiram que desciam. A trilha de destruição deixada pela criatura estava ficando menos evidente. Diminuindo um pouco o passo, Otolian e Mot que seguiam a dianteira, fizeram todos se reagrupar. Otolian parou e olhou o ambiente que o envolvia. Os outros mantaneiros se aproximaram dele e começaram a usar a habilidade extrema que seu povo tinha de interpretar o que estava ao seu redor, buscando entender onde a criatura tinha ido.

Seguiram em silêncio, chegando em um ponto onde o desfiladeiro da ilha se alargava e as copas das árvores das paredes já não se tocavam. Ali, rastros e gritos cessaram completamente. Pouca luz entrava até onde estavam. Já nada se sabia sobre a chuva que os acompanhava há pouco tempo. Havia apenas o estranho caminho à frente. Astor, o antigo, se abaixou e pegou um pouco do solo em que pisava. Olhou o punhado em sua mão e falou:

-Vejam, amigos! A terra está morta. Disse com voz entristecida.

- Esse é o solo que foi tocado pelo corpo em agonia de Nama, a serpente. Falou Polinor. - Se o que não foi tocado ficou como está ao nosso redor, o que se esperar do que recebeu um contato direto com seu inaturo corpo?

-Verdade. Concordou o antigo.

Ilma despertou. Lembrou prontamente que havia sido agarrada por uma medonha criatura. Se sentiu arremessada para os lados e, só então, viu que ainda estava sendo carregada pelo monstro. A horrenda figura soltava gritos enquanto corria, dilacerando árvores a sua frente. Ilma, então, observou atônita a situação em que se encontrava, enxergando árvores estranhas em todas as direções. Olhou para o céu, e ele não estava lá. Numa certa altura, seus olhos perceberam que no lugar do céu, havia uma floresta vista de cima, formada por uma infinidade de copas de árvores. Ilma já tinha ouvido estórias. Ela estava na floresta vertical da ilha Alin. Pior que isso, era carregada mais ainda para suas profundezas a cada segundo. A criatura seguia rápida por entre as árvores. Em um momento, corria com seus "braços" pelo chão, onde as raízes da floresta desapareciam. Em outro instante, corria pisando de tronco em tronco como se a força da gravidade estivesse sob seu comando. Porém, na velocidade em que se encontrava, se apoiou em uma árvore que, com seu peso, se rompeu fazendo com que a criatura e presa começassem a rolar pelas árvores, como se caíssem de um despenhadeiro. Ilma viu o mundo girar. Soltou um forte grito e sentiu um solavanco. A criatura havia batido com toda força em algo. Tudo parou por alguns instantes, e voltaram a cair. A jovem viu que uma outra criatura tinha sido atingida pelo monstro que a agarrava ainda, e agora lutava sendo agarrada pela outra criatura. De onde estava, Ilma tentou ver o que ocorria. Viu algo que lhe pareceu um grande homem velho, porém gigante, com um feixe de pedaços de madeira amarrado as costas. Ilma, lutava para não perder os sentidos, ouviu uma forte pancada seca e tudo escureceu.

A moça não sabia quanto tempo havia passado desacordada. Percebeu, entretanto, que se encontrava "sentada" no chão da floresta que deveria se comportar como a parede do desfiladeiro, vendo a luta dos dois seres a sua frente. Ainda tinha uma grande pedra amarrada em sua cintura, colocada pelos lagartos, e que tornava sua fuga imediata, impossível. "Para onde fugir?" Pensou ela.

Embora possivelmente curta, a luta já tinha tido intensidade suficiente para abrir uma pequena clareira na floresta. Por fim, a criatura se deu por vencida e pôs-se em fuga, recebendo ainda fortes golpes do gigante. Ilma ficou em silêncio, apenas observando a cena. E como se a acompanhasse, lhe pareceu que toda a floresta silenciou subitamente. Chegou a ouvir a forte respiração do gigante homem velho que estava de costas para ela, ainda olhando o local onde a criatura havia se embrenhado. Subitamente, o ser a olhou pelo canto do olho, vindo devagar em sua direção. Parou por um instante como se a examinasse. Virou-se para a esquerda e tirou algumas folhas que estavam num canto, as colocou num ferimento que sangrava um pouco em um dos braços da jovem. Depois, se afastando um pouco, sentou-se onde estava e ficou ali parado. Só então, Ilma sentiu seu ferimento e o cansaço que a envolvia. Tentou tirar as amarras da pedra sem sucesso e se deixou cair deitada. Percebeu o estranho e belo "céu" formado pela floresta da parede oposta do desfiladeiro e perdeu os sentidos.

Capítulo 9 - Em resgate.

O grupo de resgate se organizava rapidamente sentados na estrada sem vegetação. À frente deles, podia-se ver que o caminho ia se alargando a distância. Nos lados, as paredes do desfiladeiro, totalmente cobertas pela floresta, que de onde estavam, crescia de lado. No horizonte se encontravam os paredões. À proporção que iam se deslocando rumo ao interior da ilha, o grupo observou que as paredes do desfiladeiro ficaram tão imensas, que o céu verdadeiro estava se tornando um longínquo rasgo de luz. Sob esse estranho cenário, o grupo parou. Astor permaneceu com Otolian e outro mantaneiro separando alimentos e munições. Porém, no meio, no que sobrara de superfície horizontal da ilha e que um dia fora o local banhado pelo sangue da serpente Mana, nada realmente florescia. Para Astor parecia que aquela região possuía um chão morto por alguma substância oleosa que ainda impregnava o solo. Ficariam, pois, sem alimentos se seguissem pelo meio do desfiladeiro. Dois Mantaneiros seguiram com Mot para avaliar o que estava a frente e se achavam sinais da criatura e Ilma.

Polinor e Nartir voltaram pela retaguarda para ficar a par do que os lagartos haviam decidido fazer após se recuperarem do susto que passaram com o surgimento do monstro. Foram justamente esses dois litorâneos que vieram correndo pela trilha morta do desfiladeiro que retornaram primeiro. Assim, que os viram os três que ficaram se ergueram, os observando.

-Polinor, Nartir. Quebrou o silêncio Otolian, e com um leve sorriso falou. - O que foi feito dos nossos escamosos anfitriões?

Polinor ainda respirando rápido explicou: - Quando chegamos, já haviam se reagrupado. Na verdade havia um pouco mais do vimos quando estivemos naquela confusão.

- Acho que tinha uns doze deles. Completou Nartir, com a face contraída.

-Isso! Falaram alto, principalmente o líder, depois gargalhou insanamente e sumiram em fileira pela trilha. Estávamos a uma curta distância, mas, eles simplesmente sumiram.

Explicou Polinor. -Achávamos que haviam se adiantado e encontrado com vocês.

- Por aqui não passaram, com certeza. Falou Astor.

Nartir respirou mais fundo e disse: - Então, eles sumiram entre nos e vocês em algum ponto. Como fizeram isso?

- Estamos esquecendo que essa ilha é dominada pela Inatureza? Falou serenamente Otolian. - Somos os estranhos aqui. Não eles e suas coisas e formas de ser.

-Sim. Concordou Polinor. - Temos que contar com a imprevisibilidade que esse local possui.

- Vamos partir rápido. Disse Otolian guardando as últimas coisas em sua mochila. - O tempo e os eventos estão contra um destino bom para aquela jovem.

- Otolian, o grupo do tatuno está voltando. Avisou Nartir.

Todos se voltaram para Mot que vinha voltando sozinho, sem os outros dois mantaneiros.

Para um certo espanto dos que ficaram no acampamento, ali improvisado, Mot chegou sorrindo: - Eu tenho uma descoberta para mostrar para vocês.

Parou um pouco olhando o paredão ao longe e sorriu novamente. Apontando para um brilho entre as árvores, perguntou aos demais: - Vejam! O que acham que é aquilo?

O grupo olhou e não acreditou no que viu. No paredão da esquerda, uma margem de um pequeno lago surgia entre as árvores um pouco distantes.

- Um lago na parede? Um lago vertical como todo o restante! Falou Nartir.

Mot, ainda com o sorriso revelando seus fortes dentes, disse: - Ainda tem mais. Fazendo um ar de suspense continuou: - Vimos uma formiga, ou algo muito parecido com uma, que andava como nos, e que atingia minha cintura em sua estatura. Ao perceber nossa chegada, quando ainda vinhamos pelo desfiladeiro, ela correu, pulou na parede cheia de vegetação e começou a subir como se a parede fosse o chão para os seus pés.

Astor atento ao que ouvia do tatuno perguntou: - Poderia ser uma capacidade específica do ser que avistaram?

Mas, atrás de Mot vieram surgindo os dois mantaneiros que o haviam acompanhado andando em pé em uma das paredes. Mot repetiu admirando os dois: - Estão vendo? “Como se fosse o chão”. E soltou uma forte risada.

Um a um do grupo de resgate foram se aproximando dos dois mantaneiros colocando um pé de cada vez, se viram tão justos ao caminha devagar na parede, quanto quando estavam sobre o solo morto em que estavam antes. Como reaprendendo a andar, foram se adaptando ao caminhar para a parte mais fechada da floresta. Alguns olhavam o lindo céu de árvores, que agora estava se estendendo sobre suas cabeças. Astor pensando alto falou para os outros:

- Então foi assim que a criatura e os lagartos sumiram tão bruscamente? Seguiram seus rumos floresta a frente?

Otolian seguindo o raciocínio comentou: - A floresta de ambos os lados do desfiladeiro é a casa deles. Animal nenhum vive no meio do desfiladeiro morto. Por mais que a Inatureza interceda sobre o ser vivo que foi degenerado por ela, ele, um dia, foi natural. Logo, buscará. mesmo inaturado, o que resta de sua essência nessa estranha ilha.

O grupo de resgate seguiu entrando na floresta e rapidamente os mantaneiros encontraram sinais de rastros da criatura. Havia até aquele momento a possibilidade da criatura ter mudado

para a floresta da outra parede. Agora sabiam que estavam em seu encaixe. No caminho, sob a análise de Astor, iam fazendo testes no estranho ambiente, descobrindo que se se concentrassem nas árvores de um modo que as visse como se estivessem numa parede, uma após as outras, a gravidade acompanhava tal razão e os puxava, fazendo cair sobre um tronco enquanto os outros riam. Porém, conforme foram se adaptando ao bizarro ambiente, perceberam que era possível dar grandes saltos ao alternar a percepção da floresta ao redor, ficando em suas mentes, ora horizontal, ora vertical, como quisesse. Voltavam a seriedade quando presenciavam uma marca ou rastro nas árvores que testemunhava a bestial força e agressividade da criatura e temiam pelo pior já ter acontecido a Ilma. Qual não foi o espanto quando atingiram a clareira onde houvera uma luta. A paisagem estava completamente destruída.

Instintivamente Otolian e o mantaneiros correram um pra cada canto e, como um tipo de dança ensaiada, se puseram a olhar para todos os detalhes em todas as partes. Foram descrevendo o encontro, a queda rolando, a luta na clareira. Um dos mantaneiros gritou: "Eu a achei! Estava aqui ainda com a pedra presa! Olhem! Percebem?...Ferida...Levemente...Mas, ferida". Outro completou: A luta continuou... "Aqui! A fera saiu vencida por essa direção. O outro ser arrancou folhas de ervas-irmãs desses galhos... A pedra que prendia ainda a jovem foi tirada e aqui está.

Otolian extremamente concentrado em juntar os achados, completou: - Talvez a cuidou, pois, tem ervas-irmãs aqui também, embora, esses rastros dele o registrem levemente mais pesado... Ele a levou!

Astor, então falou: Então, não sabemos se algo mudou para Ilma e para nós. O fato de ter mudado de raptor e ter sido cuidada não nos dá o direito de diminuirmos o passo.

Concordam? O instintivo avançar em silêncio do grupo de resgate dispensou as palavras de confirmação para Astor.

Na companhia do gigante

Ilma sentiu seu despertar chegar lentamente. Por não saber que situação a cercava, preferiu permanecer com os olhos fechados, escutando o ambiente ao seu redor. Ouviu, então, queixumes e murmuros, pesados passos indo e vindo relativamente próximos de onde estava deitada. Num momento, sentiu alguém a tocar nos joelhos, onde sabia estar ferida, mas não sentiu dor alguma. Os passos pesados se distanciaram e, de repente, cessaram num baque seco. Ilma sentiu um desejo forte de observar o que se passava, e resolveu abrir os olhos lentamente. Foi então, que viu o velho gigante sentado no chão sob uma árvore bizarra inatura. O grande ser mais se assemelhava ser feito de lodo e pedras. Pareceu a jovem observar com atenção os galhos que pegara no chão, como se estudasse a inatureza que nutria a forma do galho. Porém, no mesmo segundo, Ilma percebeu que ocorria algo diferente. Da ponta do galho estranho, começou a brotar uma solitária rosa, que após surgir em botão, pôs-se a desabrochar perante a mão firme do grande ancião, que tudo acompanhava com um olhar fixo e rosto inexpressivo. A rosa ficou linda, sendo devidamente, admirada pelo seu silencioso observador.

-Foi você quem fez isso? Perguntou Ilma quebrando o silêncio de uma floresta amaldiçoada.

O gigante virou sua cabeça em direção a moça, como se tivesse sofrido um susto, e erguendo-se jogou o galho para o lado. Ficou minutos olhando a jovem, e então respondeu com uma voz rouca:

- Não. Mas, creio que tenha sido você.

O gigante deu as costas e sumiu entre as árvores caminhando devagar.

Ilma olhou mais uma vez a vastidão da floresta que formava o céu, e do que mais podia ver da ilha como um todo. Sempre achara que toda a arte proveniente dos inaturos deveria ser feia, suja e asquerosa. Porém, aquela ilha, com sua improvável floresta vertical era belíssima. Mais

de perto, entretanto, reinava a estranheza e a mutação por toda a parte, que parecia torturar animais e vegetais. Somente depois de ter pensado isso, voltou seus pensamentos para si mesma e na situação na qual se encontrava. Parecia que uma parte de sua mente, se sentia segura com seu novo e estranho raptor. Foi então, de repente, interrompida de suas impressões, com o retorno do velho gigante. Ele, mais uma vez em silêncio, a olhou rapidamente, deixou alguns alimentos e voltou a sumir na vegetação. Ilma sorriu ao perceber que o que fora trazido não foi colhido ao acaso. Parecia se tratar dos últimos frutos ainda não influenciados pela inatureza que dominava a ilha. Mordeu um dos frutos e sentiu que estava faminta. Talvez como nunca já houvesse estado na vida.

Um bom tempo se passou e uma Ilma bem alimentada veio a se apresentar de uma maneira totalmente nova. Se sentia forte e disposta. Pôs-se, então a organizar o local de um modo mais “feminino” aos seus olhos, o que com o passar de poucos minutos, se tornou muito divertido para a jovem mais relaxada, que já encontrava segurança e força para mostrar sua natural forma de ser, pondo-se a cantar antigas canções infantis.

O gigante, ao retornar e ouvir Ilma cantando, se aproximou devagar e ficou a observá-la, atento ao que ela fazia e cantava. Ela o percebendo não mais se assustou, mas, ficou séria e calou a canção, ainda com alguma desconfiança e cuidado.

-Trouxe água e mais outros frutos para uma pequena reserva. Disse o gigante. - Seus bravos salvadores estão bem próximos. Amanha, pela tarde, deixaremos que nos alcancem.

-Salvadores? Perguntou a jovem, olhando para o rosto do gigante fixamente pela primeira vez.

-Sim. Disse ele. -Um grupo a procura.

Ilma lembrou dos fatos ocorridos ainda quando estava presa pelos lagartos. Continuou séria e, para um certo espanto do envelhecido ser, aproximou-se e tocou a gigantesca mão da criatura.

- Agradeço pelo que me fez. Espero que eles entendam que você não quis o meu mal.

O gigante ia se virando quando Ilma continuou lhe falando: - Porém, achei que estaria comigo até chegarmos ao outro lado da ilha, de onde poderei ver como partir.

Sem olhar para a jovem o ser respondeu

- Estarei. Acredito que esse grupo tenha uma forma de levá-la de volta pra casa. Para fora dessa ilha. Todavia, duvido que seus bravos, apesar de serem fortes, ultrapassem os últimos desafios dessa floresta por si mesmos. Há coisas mais cruéis a frente deles, que eles desconhecem.

Sua voz pareceu a jovem ainda mais pesada e forte.

Então, Ilma, se aproximando pelo lado, fitou os olhos do gigante pela primeira vez. Percebeu que o cabelo e a barba longa emolduravam um rosto envelhecido e que cobriam um forte maxilar. Notou que seus ombros já continham partes da floresta como gramas, pedras e pedaços de madeiras o envolvendo e dando forma ao seu corpo, como se aquele ancião colossal estivesse se tornando parte da floresta. Mas, nos olhos havia um profundo mistério. Além de uma sensibilidade e de um zelo íntimo, havia uma serena e improvável juventude em seu olhar.

O gigante afastou o rosto, lhe desviando o olhar. Sentou-se próximo e observou como Ilma organizou os frutos numa espécie de tapete de folhas que tinha feito antes da sua chegada, então, viu quando ela sentou também no chão com uma pedra servindo de encosto, pondo-se a se servir.

- Conheço aquela canção. A que cantava quando cheguei. Falou o gigante.

Ilma sorriu e não acreditou no que ouvira.

- Quem é você? Perguntou a jovem.

- Sou, ou fui, um homem da ilha Alin que ficou para trás. Banhado pelo sangue de Nama, eu inaturei, e continuo me inaturando a cada dia. Sou ainda uma obra inacabada dos inaturos. Percebo que brevemente estarei concluído. Então, você deverá está bem longe daqui.

A jovem olhou para o gigante a sua frente e parou para voltar a observar os seus detalhes.

Mas, não havia muita coisa no que se referenciar para concluir suas origens ou seu passado. A

floresta já tinha ocupado muito espaço nas vestes do seu estranho guardião. Seus pensamentos foram interrompidos pelo gigante.

-Poderia cantar outra canção? Pediu ele.

A moça respondeu afirmativamente com um sorriso e começou a entoar uma canção onde um segundo cantor repetia sempre o que o primeiro acabara de cantar, sendo que uma frase sempre era cantada por cima da outra. O gigante a seguiu corretamente.

– Você conhece também? Admirou-se ela. - É uma canção mantaneira de cavalgadas!

O gigante sorriu e gesticulando rodopiando levemente a mão, sinalizou que ela recomeçasse.

Durante um bom tempo, os dois se divertiram muito dessa forma.

Após ver Ilma terminando de organizar os víveres que sobraram, o gigante saltou em pé e, com voz alta, falou:

- Vamos, linda dama. Temos que chegar as cachoeiras ainda hoje.

Com um salto colocou a princesa presa em suas costas, e partiu em alta velocidade entre as árvores. Em um momento tocava em sua cabeça o chão , que era o chão das árvores e nela saltava se desviando e girando nos galhos. Noutro instante, o chão era o fundo do desfiladeiro em algum lugar do seu lado esquerdo. O gigante e a jovem mulher soltavam gritos de espanto e diversão enquanto iam “voando”pela estranha floresta. Em alguns momentos pequenos bandos de animaizinhos voadores, nunca antes visto por Ilma e que lembravam um misto de lagartas com pernas, os acompanhavam também em grande velocidade. Assim ficaram os dois por horas, trilhando os lindamente estranhos recantos daquela floresta que os cercava.

Logo que chegaram a um majestoso complexo de pequenas cachoeiras que se uniam em um raso riacho de águas incrivelmente cristalinas, sendo tudo isso formado na superfície de uma grande pedra, os dois pararam e olharam a vista que os envolvia, sempre tendo a floresta do “céu”enfeitando o firmamento sobre suas cabeças O gigante pegou sua protegida pelos braços e a levou para um acúmulo de pedras que lembrava uma mão protetora petrificada, e que possuía uma pequena área coberta.

- A chuva aqui tem um aspecto bem estranho, parecendo, na maioria das vezes, que os pingos vem de todos os lados. Mas, estará protegida aqui, caso ela nos visite a noite. Disse o gigante.

-Sou de descendência mantaneira. Estou acostumada a não sentir desconforto com as dádivas da natureza. Mas, é muito bom aproveitar de sua hospitalidade... Guardião .

-Guardião? Falou o gigante interessado como a jovem o tinha chamado.

- Não gostou? Achei que iria ... disse Ilma como se estivesse preocupada.

- Não é isso. Não é isso. Gostei e pode assim me chamar... Respondeu o gigante deixando a voz sair lenta.

- Ilma. Meu nome e Ilma Doran. Disse ela com um leve tom de orgulho.

- Estou grato por ter sua companhia. Disse o gigante, cordialmente respondendo como um litorâneo típico.

E ali estabeleceram um novo local de descanso até a noite chegar, quando fizeram uma fogueira, que por ação da inatureza da floresta, possuía uma chama de forma esférica, que mais balançava lentamente, do que se sacudia como uma chama de fogueira faria normalmente. Porem, emitia a luz e o calor desejados.

O abrigo improvisado estava confortável para Ilma. Ela olhava como o gigante a sua frente, sentado observava a paisagem sobre suas cabeças. Podia ouvir, também uma infinidade de sons emitidos pelos estranhos animais daquele local. Pensou um pouco na vida que aquele estranho, porém , sensível ser teria levado desde quando teria ficado na ilha e sido, praticamente, absorvido pela floresta.

- Eu o chamei de guardião, e sei que gostou. Disse ela: - Mas, você já não teria um nome?

- Se um dia tive um, não seria algo que me representasse bem o que sou hoje. Respondeu ele pensativo. E continuou: -Nobre dama...Muitas coisas este lugar me deu, mas, muitas me tirou também. Disse o gigante em tom sereno. E ajeitando as pernas sentado no chão, cruzou os grandes braços, já que começara a soprar um vento frio onde estavam. - Com certeza, uma das

coisas que perdi, foi o que um dia eu possa ter sido. Mas, são pedras que já não carrego comigo.

- E o que ganhou? Perguntou Ilma envolvida numa das grandes folhas que o gigante usou para forrar o abrigo deixando-o ainda mais confortável possível.

- Bem. Acho que nenhum ser conheceu a ligação que tenho com esse local. Talvez os semeadores sentissem isso com o que criavam, e por isso tanta dedicação e amor ao mundo e a nós. Vi aqui muitas coisas incríveis...

Ilma totalmente envolvida com o relato carregado de sentimentos que ouvia não perdeu a oportunidade para perguntar.

- O que viu aqui de mais incrível, guardião ?

- Oh! Admirou-se o gigante, que mexendo na barba longa, mostrou-se inquieto com a pergunta da jovem. – Vejam que pergunta a bela flor de Doran me faz! E deixou escapar uma risada.

A jovem permaneceu olhando o gigante sem mover um músculo com a reação dele, ficando a esperar sua resposta.

- Bem... Não pense que desviarei do que me perguntou. Entretanto, preciso fazer um certo arroteio para respondê-la.

Ilma deu um sorriso e continuou acompanhando em silêncio.

- Ilma. Disse ele em um tom sério, mas firme. - Sabemos que nos foi ensinado que quando os seres nascem num mundo, nasce também um elo entre eles e o planeta. Isso foi ensinado aos nossos antepassados em Atuni, o mundo vermelho. Pois bem, quando os Atunis tiveram que abandonar seu planeta moribundo, e fazer o exílio aqui no planeta floresta, o elo planetário original foi desfeito com eles, e muito dos ensinamentos dados aos Atunis na chamada "era da aprendizagem" se foi junto com o elo planetário de origem. Os exilados se reagruparam como puderam e tiveram que habitar em regiões desabitadas, não prometidas aos povos naturais do planeta floresta, que por sua vez, possuíam o elo com o mundo onde foram semeados, o

próprio planeta floresta. Para os Atunis, um elo foi perdido. Mas para seus descendentes um novo elo foi feito. Dai surgiram as divisões entre os descendentes dos exilados que hoje vemos, os antigos quase puros, os litorâneos e os mantaneiros.

- Isso é o que sabemos desde quando começamos no ponto para responder sua pergunta. Ilma, apesar de novo elo feito com o planeta floresta, uma boa parte da sabedoria ensinada na era da aprendizagem somente foi o elo de Atuni.

- Mas, como você pode ter certeza disso? Perguntou Ilma assustada.- Não é o que percebemos. Se foi perdido por todos, como você sabe da existência de algo esquecido.

-Agora respondo sua pergunta. Disse o gigante .

Certa vez, no ponto extremo pra onde vamos, encontrei algo que devia estar enterrado nessa ilha, e com o movimento que a estreitou e criou as florestas verticais, após a morte de Nama, acho que deixou o pequeno achado, outrora escondido, a amostra de novo. E foi quando eu buscava raízes no ponto próximo ao local mais profundo do desfiladeiro que achei uma velha caixinha de metal prateado envelhecido.

O que de mais estranho você viu na ilha? perguntou mais uma vez Ilma, um pouco mais ansiosa, tentando apressar a resposta do guardião.

Sorrindo, porém, o gigante a lembrou: - Você não me perguntou o que vi de mais estranho, e sim, o que vi de mais incrível na ilha. E riu com os olhos ansiosos da jovem.

Vendo aquilo, Ilma deu uma ligeira esperneada dentro da folha que a cobria e protegia da noite. Antes que pudesse reclamar de algo, o gigante continuou.

-Pois bem, jovem Ilma. O que tinha dentro da pequena caixa de metal eram sementes.

Sementes primordiais!

A ansiedade virou espanto fazendo Ilma arregalar seus olhos.

Você quer dizer que achou sementes iguais às que os semeadores usaram para gerar a vida nos mundos de Nebulom?

Não disse isso. Corrigindo o estranho guardião. -Disse que eram sementes primordiais dos semeadores. Até aí você está certa. Porém, tinham coloração como a do sol.

Ilma ficou em pé num salto. - Sementes primordiais da era da aprendizagem! Falou ela bem alto, dominado pela admiração.

Sim. Respondeu o gigante. - Não eram, pois, sementes para originar seres vivos, ou ambientes e paisagens, pelo que sei sobre elas. Mas, feitas para serem usadas como alimento para uma nova sabedoria. Eram três belas sementes, minha linda flor.

A expressão e o modo como foi dita fez a jovem parar subitamente, e sorrir levemente, paralisada olhando nos olhos da triste figura a sua frente.

E ainda estão comigo. Falou ele, com tom de estar se divertindo com a situação.

-Saiba que apenas ao aproximar uma delas da frente, e a sabedoria surge a mente. Observou Ilma num tom mais sério.

-Verdade. Disse ele.

E o que elas te ensinaram, guardião? Você as estudou, não foi?

-Oh, sim. Elas são irresistíveis nesse aspecto. Respondeu o guardião se aproximando um pouco mais da jovem. E continuou dizendo:

A primeira delas falava sobre o que foi ensinado aos Atunis sobre o que seria a vontade do criador. Nos seguimos isso por tradição, mas, ouvir o relato como se fosse um outro de você, que vive dentro de sua mente, explicando a sabedoria, é uma experiência indescritível. E o que o criador teria ensinado foi que deveríamos estar sempre alerta no que nos forma e também forma o mundo. De como cada ser vivo tem o mundo completo por causa do outro ser vivo, e de como, por sua vez, tem a obrigatória função de fazer o mundo do outro também completo. Todos somos um e esse um está em todos. Que devemos lembrar que por mais que se dedique ninguém será uma autoridade sobre o criador, e, muito menos seu dono. O criador nunca terá uma casa entre nós, mas, sim, em nós. Junto a isso, o criador deu a capacidade de

sentir a ele e o seu poder tanto quanto sentimos o vento. De encontrá-lo no olhar de quem amamos, na risada de um bom coração, e toda a força que isso nos causa.

O gigante fez uma pausa e olhou ao redor. Então, continuou o que dizia, observado em silêncio por Ilma.

-Já estamos em sua casa, e por amor, já habitamos com ele, que quer que vivamos a vida já nos dada. Não esquecer que também é nossa responsabilidade cuidar desse presente, ou seja, a vida, sem perguntar se teremos algo após ela, pois, ela já não basta tão bem feita e gratuita? Não devemos esperar recompensas por nossos atos, pois, mesmo quando fazemos uma alegria a outro, alegamos também nosso coração. Devemos amar porque para amar fomos criados. Não esperar uma eternidade de recompensas. Menos ainda, devemos esperar algum castigo. O que o criador seria se agisse assim? Não é compatível ser capaz de criar um céu maravilhoso como o planeta floresta tem sobre ele, a delicadeza e perfeição de uma flor, o sorriso de uma criança e também arquitetar um lugar de dores eternas.

A jovem tocou o rosto envelhecido do seu guardião e perguntou:

Por que fala nesse lugar de dor eterna?

Porque ouvi maldições de Inaturos que dizia que os seres iriam perder o contato com a sabedoria pronta e perfeita do criador e que foi dada aos povos conhecidos. E para eles, chegaria o dia que os seres pensantes não saberiam mais como as coisas foram feitas, como o universo se mantém e se fez, até como seus corpos funcionam e se curam. E aí, haveriam seres que se dedicariam a descobrir o conhecimento que hoje possuímos. E ao saber delas dominariam os que ainda não as soubessem. E de tanto querer descobrir, inventariam seu próprio criador, e através dele dominariam e determinariam o que seus semelhantes deveriam considerar certo ou errado, sendo os donos desse criador inventado e hipocritamente amoroso.

Ilma acariciou levemente o rosto do gigante e o confortou:

-Isso são apenas devaneios de Inaturos que não conseguem dormir bem com suas ideias contrárias à existência. Essas idéias não poderão existir jamais além desses corações inaturos, meu guardião. E continuou ela: - E o que havia nas outras sementes?

As outras duas falavam de um mesmo conteúdo. Esse, porém, continha coisas que perdemos. Não verdade, conceitos, definições que eram separadas, e hoje chamamos de uma coisa só, sendo na verdade, coisas diferentes. Falou o gigante com um sorriso de suspense e olhando a jovem fixamente.

Explique melhor... Falou Ilma.

A semente falava de palavras para o que hoje todas juntas estão na palavra amor, e por isso, há uma fragilidade que pode ser um caminho para a degeneração dos povos. Por exemplo, dizemos em nossos dias que o criador e seus semeadores nos fizeram por amor. Mas, o criador ensinou aos semeadores, segundo o que a semente guardou, que isso era amor natural, puro e único. E por esse amor, o criador nos presenteou para que o sentíssemos por nossos filhos e por nossos pais. Porém, também se sente o "sana", que fez os olhos de meu país se maravilharem com os de minha mãe, e neles brotou o que aqueceu seus corpos e os levaram a, na carne, produzir nova carne, nova vida. O sana era a chave das gerações para os povos que tinham macho e fêmea nas infinitas moradas do universo. O sana vem e se concentra num ser passando a desejar estar no hospedeiro. E de tanto desejá-lo, evolui para um sentimento dentro do ser desejado. No sana está a verdade e o amor da matéria, sua textura, seu cheiro. Acredite, jovem flor. Podemos e sentimos os sana até por nossa própria carne.

Nossa! Admirou-se Ilma. E apenas num sussurro falou: - Isso se sente.

O gigante lhe sorriu delicadamente, contrastando com sua própria figura rude e completou:- Vê que nada tem a ver com o amor natural que falamos? É algo tão natural quanto o amor entre pai e filho, mas é um erro chamar o sana de amor, usando a mesma palavra para outro sentimento tão diferente. O guardião fez uma pausa e continuou: -Quem teria a coragem de negar o sana? O mais sábio dos antigos? O mais forte e valente mantaneiro?

Ilma sorrir também e continuou atenta a conversa.

Baixando um pouco a voz, o gigante prosseguiu:

-Seguindo com o que chamamos amor, teremos o "lidir", que nada tem a ver com a carne ou qualquer outra coisa material. O lidir é o ideal que orgulha nossos povos, que mantém nossas relações naturais como devem ser. Que deseja ao outro somente o que desejamos a nós. O lidir nos dá a felicidade do outro. O lidir nos lembra que nós somos da mesma origem que a estrela do céu e que precisamos uns dos outros. No lidir está a necessidade de saber que o outro está em paz.

-Isto está ameaçado pelo futuro que os Inatuos planejam? Perguntou Ilma.

Indiretamente, sim. Respondeu o gigante. - Há mais...Continuou ele. -Há o amor que se compõe no que se quer ser. Uma força que faz um litorâneo dominar a arte de fazer suas embarcações com destreza incomparável. Ou um Tatuno ser um grande sábio sobre os climas que teremos nos próximos meses. A isso chamamos "tino". Interessante que para se ter filhos também se necessite ter tino para tal. Mas, por ter se perdido as tais sementes que carrego comigo, atadas essas coisas chamamos todas elas de amor. Então, falamos "tenho amor por ser pescador", ou dominar curas e ervas-irmãs. Não dizemos "tenho que ter tino por curar e estudar ervas-irmãs, pois o tino me faz suportar ver o sofrimento alheio e os ferimentos e não me abalar, me deixando forte para ajudar o que sofre". Falamos apenas no belo amor pelo ofício.

Teria uma situação que poderíamos usar todos esses sentimentos definidos como os semeadores passaram para os Atunis, nossos ancestrais, e que parte da sabedoria da era da aprendizagem se perdeu no êxodo para esse mundo? Perguntou Ilma.

Ah, teria sim. Respondeu o o gigante. - Vamos imaginar dois litorâneos. O sana os fez prontamente um para o outro, com sorrisos os aproximando. Chegaria o momento que a jovem olharia o rapaz e o perguntaria cheia de desejo:"Voce se inquieta pelo calor em seu corpo quando está comigo? Ou seja, você sente sana por mim?". No que ele, apertando-a pela

cintura responderia: "O sana me entontece por você, e meus braços a esmagariam se a força do sana estivesse toda neles". Então ela continuaria: "E se do sana, se gerasse um filho, você acha que seria capaz de sentir o tino para uma família e para ser pai? E ele mais atento responderia mais uma vez afirmativamente. E a mulher faria a última pergunta: "E se com o tempo, nós envelhecêssemos, você acha que o amor natural estaria ainda entre nós, e o lidar nos materia como um?". "Tudo isso me faria mais completo contigo". Responderia o rapaz. E mais completo, seriam para sempre, pois, completos cada uma nascera individualmente, e agora, juntos ultrapassariam tal completude, já não se distinguindo um do outro.

Ilma ficou parada olhando o rosto envelhecido do gigante a sua frente e se perdeu na serenidade e profundidade de seu olhar. Despertou, como de um transe, em um sobressalto e se recolheu se envolvendo na grande folha que a servia de cobertor. O gigante compreendeu que a devia deixar sozinha e se afastou voltando a sentar distante, a mantendo sempre visível pelo canto de seus olhos.

No meio da selva

Otolian havia separado o grupo de Mantaneiros em posição de observação. Ou seja, enquanto seguia pelo centro com Mot, Astor e os litorâneos, os outros do grupo os seguiam de maneira invisível pelas árvores, cuidando uns dos outros enquanto observavam tudo ao redor. A marcha estava tão intensa que todos se alimentavam enquanto prosseguiam indo à frente. De repente, perceberam um tipo de pó branco combinado a vegetação.

-Otolian! Chamou Astor. - Isso é algo inatural.

Otolian fez um sinal sonoro com os lábios e ouviu nove respostas. Erguendo a mão começou a se comunicar por gestos ordenando que os outros não se aproximassem. Mot tomou a frente sendo seguido pelos outros. O corpo forte do tatuno quebrava a vegetação e deixava uma trilha mais fácil para seus companheiros de viagem. Súbito, Mot se viu envolvido por

vegetação coberta do misterioso pó branco. Logo à frente, chegaram numa pequena clareira rodeada por grandes flores brancas, imensas e lindas. Otolian e Astor ladearam o tatuno e observaram aquela inatural vegetação. As suas costas, Nartir e Polinor estavam de olhos esbugalhados de tanto fascínio. Como litorâneos nunca souberam da existência de vegetais daquela aparência. Como eram belas e que estranha e imensa paz traziam aquelas plantas, somente de serem observadas. Subitamente, o grupo foi atingindo por sucessivos jatos de pó branco. Só então, perceberam como já havia uma boa quantidade do mesmo acumulado no chão. Grande parte do primeiro jato atingiu em cheio o rosto do tatuno, fazendo-o cambalear pesadamente para frente, tropeçando em algo que estava oculto sob o pó. Mot caiu e não se ergueu mais. Nartir correu em sua direção e percebeu que o tatuno tropeçara numa carcaça de um animal morto. Bem ao lado, Otolian avistou outros montes de pó ao redor do grupo. Polinor chutou dois deles e revelou que também se tratavam de restos mortais de estranhos animais que ali haviam perecido. Astor observou outros e concluiu que eram cadáveres de insetos bípedes iguais aos que haviam encontrado.

Isso é um local de morte! Caímos numa armadilha! Gritou o litorâneo Nartir.

Nesse momento, um outro "banho" de pó branco caiu sobre o grupo. Otolian, extremamente equilibrado, olhou para as flores gigantes e percebeu que agora se mexiam, e em seus centros surgiram faces com horríveis bocas abertas, com uma infinidade de afiados dentes. Da região posterior de cada flor saía uma espécie de tromba em forma de corneto, sendo daí, onde se expirava o pó branco. Ao mesmo tempo que percebeu isso, pensou confuso se o que estava a sua frente não poderia existir somente em sua mente, por obra do amaldiçoado pó branco que já cobria seus braços e rosto. Otolian sentiu seus pensamentos serem cortados quando viu que precisava ajudar Astor que cambaleava, já em queda em sua direção. Segurando o antigo com a força que lhe restava, percebeu que Mot, ainda desacordado, era arrastado por alguma coisa, em direção às terríveis flores brancas.

-Mot! Mot! Gritou ele, tentando despertar o tatuno, que continuou sendo puxado sem esboçar resposta.

Porém, Otolian resistia, mantendo a consciência do que estava ao seu redor. Os litorâneos estavam ajoelhados um pouco próximo, mas, já neutralizados pela grande quantidade de pó que continuavam ser esguichado das plantas. Foi, então que o mantaneiro ouviu seus amigos se comunicando entre si. De repente, entre as árvores surgiu um laço de aço mantaneiro, que controlado a distância envolveu as pernas de Astor, e o puxou, tirando daquela medonha cena. Otolian se viu livre para correr em direção ao tatuno desmaiado que, apesar do peso, lentamente era levado até as plantas. O pó branco não parava de ser atirado, ficando ainda mais pesado de respirar. Otolian sacou a típica lâmina média dos Mantaneiros e continuou em direção ao tatuno caído.

Mot! acorde! Tente reagir, tatuno! Gritou Otolian cortando a parte da vegetação que prendia seu companheiro de aventura. Enquanto sentava Mot numa posição que o possibilitasse ficar protegido, Otolian viu Polinor e Nartir já sendo içados pelos mesmos laços que salvaram Astor. Viu que Nartir ainda o olhava preocupado. Otolian não via os outros Mantaneiros, mas, sabiam que todos já deviam estar em posições estratégicas.

Mantaneiros! Aqui! O Tatuno é pesado. Gritou ele aos companheiros.

Tão logo havia gritado pelos outros, dois laços puxaram com certa dificuldade o corpo desacordado de Mot, que sumiu nas árvores acima. Otolian ainda ouviu os esguichos de pó o envolverem e perdeu os sentidos, tendo pouco tempo para se sentir envolvido pelos instrumentos de seu próprio resgate. Notou seu corpo ser puxado e não viu mais nada.

Quando Otolian acordou, percebeu que estava parcialmente molhado, deitado às margens de um riacho. Astor e Polinor o olhavam sorrindo.

- Espero que sua bravura não o faça se sentir diminuído por ter sido necessário ser salvo por seus leais Mantaneiros. Disse Astor.

- Não temos isso entre nós. Prefiro arriscar minha vida por eles, e correr o risco de ser salvo todos os dias, do que vê-los exposto a algum perigo em meu lugar. Assim sempre foi com os que montam os Mantas. Respondeu Otolian com orgulho discreto.

Astor abriu mais seu sorriso e continuou:

- Então, recomponha-se com a energia que somente uma boa gargalhada pode trazer vendo essa incomum cena.

E saindo um pouco de lado, mostrou ao mantaneiro a cômica situação em que se encontrava o tatuno Mot, sendo banhado pelos outros do grupo sob a supervisão de Nartir. O grupo se divertia com suas reclamações, enquanto os últimos sinais do pó branco do corpo do tatuno eram retirados. Com as feições ainda de enraivado, Mot virou-se para os outros companheiros e falou:

- Que esse banho forçado nunca seja contado nas verdejantes pradarias dos Tatumos.

E todos reagiram com uma gargalhada que terminou contaminando o tatuno, fazendo-o se unir a eles num sorriso meio preso. Astor, Otolian e Polinor se aproximaram dos outros, quando viram surgir da vegetação dois dos Mantaneiros que sempre iam à frente para observar antecipadamente o que o restante do grupo iria encontrar. Haviam se adiantado precocemente antes do despertar de Otolian, pois, ainda estavam incomodados por não terem percebido a tempo a clareira com as plantas mortais. Saíram da mata correndo, com olhar assustado. Ainda recuperando o fôlego, um deles falou:

- Achamos a jovem. Logo à frente na beira da água. Juntamente com uma criatura alta. Meio floresta, meio homem. Um homem velho, aliás. Mas, muito forte fisicamente. Todos se entreolharam e se voltaram para Otolian.

- Vamos buscá-la! Disse o mantaneiro líder, com voz vigorosa, cerrando os dentes.

E partiram todos, seguindo os Mantaneiros que trouxeram a notícia.

Aviso aos Antigos

Em Artuia, capital de umas das áreas dos Antigos, vivia o governante Danto. Sua vida era predominantemente calma, permitindo a ele se dedicar a maior parte de seu tempo a perpetuação da sabedoria dele próprio e de seu povo. Os antigos representavam a mais preservada linha dos descendentes dos Atunis, a obra-prima dos Semeadores. Praticamente, permaneceram habitando os locais de chegada ao planeta floresta desde a fuga de seu povo original da destruição do planeta Atuni. Com o passar dos anos ficaram mais isolados, embora tenham mantido contato com outros povos e seus "parentes" Litorâneos e Mantaneiros, que se distanciaram dos locais da chegada, procurando outros locais para viver e criar sua própria cultura. Removeram pedras, plantaram florestas, até remodelaram pequenos rios e criaram lagos com ilhas em alguns deles. Acima de tudo, os Antigos visavam a proteção de sua cultura. Consideravam, porém, de igual valor, a sabedoria adquirida pelos outros povos, admirando muitos os seus sábios e seus escritos. Buscavam o equilíbrio com a natureza e vigiavam a relação dessa forma de ser nos outros povos. Danto, então, estava no momento debruçado criando numa folha de luz, uma nova explanação para grupos que viviam próximos a ele. O fazia com muito orgulho e dedicação, usando uma linguagem simples, pois eram palavras para jovens Mantaneiros, Litorâneos e Tatunos.

Depois de alguns minutos, estando pronta a mensagem, finalizou e caminhou pelos quase divinos corredores do prédio onde vivia. Entrou num grande salão onde recebia seus colaboradores e líderes e percebeu um alvoroço. Todos olhavam para o chão onde ficava estampado um grande e belo símbolo dos Atunis. Danto se moveu rápido e logo percebeu algo bem no meio do símbolo no chão. Havia surgido um pequeno, porém, muito, muito intenso ponto luminoso. A curiosa aparição flutuava a pouca distância do chão. Danto se aproximou do ponto, causando a reação de espanto em alguns.

- Não o toque, líder Danto. Disseram alguns assustados. Mas, Danto era um bravo líder. Sabia de seus deveres como tal. Se alguém fosse correr risco, este seria ele próprio. Teria que investigar o que estava acontecendo na sede líder dos Antigos. Se aproximou mais e , protegendo os olhos com uma das mãos, foi estendendo a outra até o ponto luminoso. Enfim, seus dedos passaram pela luz e Danton sentiu algo correr por seu braço.

- Grande Danto?! Chamou um dos que estavam ao seu lado.

- Estou bem. Respondeu ele. - Jamais havia sentido tamanha paz em mim.

Danto se ergueu ao perceber que a luz começava a pulsar, e se afastando, orientou aos outros a fazer o mesmo.

A luz foi perdendo um pouco de intensidade enquanto, em volume foi crescendo e se movendo até a parede mais próxima, até já não se encontrar cercada por nenhum dos indivíduos ali presentes. Tornou-se confortável ao olhar e no seu centro foi se formando uma forma humanoide. Todos ficaram olhando a estranha aparição em silêncio até Danto falar em voz alta.

-Quem ou o que é você, inatura aparição? Como ousa entrar nos mais puros aposentos dos guardiões do natural sem permissão?

- Eu sou Atalassar. Eu venho em paz. Disse o ser luminoso com voz firme.

- Conhece o seu coração a paz, inaturo? Falou firme Danto, em tom desafiador. - Nós guardamos a sabedoria e nossa história. Nossos escritos e nossos espíritos sabem quantos decretos de paz e trégua seu povo quebrou nas eras de Nebulom. Quantos Atunis perderam a vida por confiar em Inaturos? Esbravejou o líder antigo tomando à frente dos demais, bem diante do ser de luz.

Da luz, em contradição a força da voz de Danto, saiu uma fala mansa e segura:

-Danto, líder dos Antigos, o povo puro de Atuni. Uma grande desarmonia está à beira de acontecer entre seus povos irmãos.

Danto, porém, desconfiado a interrompeu.

- A sabedoria me diz que devo te ouvir me libertando de qualquer conceito anterior que tenho de teus semelhantes. Sou forçado a isso. Logo, se apresse. Nos conte sua mensagem, Inaturo Atalassar.

O ser luminoso perdeu um pouco mais de luz, e uma forma humanoide se desenhava ao centro. Percebia-se nos braços um ligeiro tom de pele marrom. Naquele instante que se olhavam, o ser luminoso curvou ligeiramente a cabeça em agradecimento a Danto e continuou:

- Uma jovem por nome de Ilma foi tomada por uma vil criatura e levada para a ilha Alin. Ilma é filha de Doran de Atilonius. O líder ao saber que sua filha foi levada, organizou forças navais e se prepara para desembarcar em massa na evitada ilha. Por questões territoriais, Doran pediu permissão ao líder litorâneo Lenar para realizar sua ofensiva.

Danto extremamente concentrado no que ouvia, questionou:

- E o que respondeu o líder Lenar?

-Ele viu como uma afronta a ele próprio e a sua família. Respondeu Atalassar sempre em voz serena.

Danto, ainda em desconfiança, resolveu testar o ser de luz com uma afirmação.

-Lenar valoriza muito cada pedaço de terra de seu povo.

-Sabemos que não é essa a questão. Respondeu firme Atalassar. - Lenar não resistiu por terras ou por áreas de pesca e colheita marinha. Lenar achou o ato uma ofensa ao tumulo de seu filho Olidio.

Porém, Danto provocou mais uma vez o ser de luz.

-O que sabe você da história de Olidio, o filho bravo de Lenar?

-Líder Danto...Falou pacientemente Atalassar. - O senhor como líder dos Antigos em Artuia, como representante dos mais velhos dos povos de Atuni precisa intervir com os bravos-líderes irmãos. Doran já se encontra com uma grande frota a meio caminho das portas da ilha. E até mesmo um pequeno grupo de resgate já está na ilha há alguns dias.

Todos os presentes deixaram escapar um nítido espanto de como as ações estavam se desenrolando.

Atalassar continuou:

Lenar sairá logo com seus bravos em direção a frota de Doran. Ambos lutam pelo amor que tem aos filhos. Um conflito inédito entre os filhos de Atuni está para acontecer. Talvez, tenha sido forjado inteligentemente nos mais profundos salões dos mestres Inatuos. Danto, líder dos antigos, guardião da mais pura sabedoria dos Semeadores, é a grande esperança da paz.

Danto mantendo o cuidado que lhe era tão peculiar; quebrou seu silêncio:

-Por certo aceitarei essa responsabilidade ela ocorrendo. É por ela que existo. Porém, nos espanta um ser de inatureza vir e se comunicar conosco por zelo de nossa paz. Quem é você, realmente, que nunca o vimos em nossas eras de história?

Com uma voz mais amigável, Atalassar respondeu ao líder.

Mas, eu estou em suas histórias, líder Danto. Não me perguntou talvez o suficiente para me reconhecer. Acaso não percebeu que eu sabia sobre Olidio, filho de Lenar? Pois, direi as circunstâncias. Eu o conheci em vida. Eu, líder Danto, sou Atalassar, a luz de Olidio.

E ficando mais intenso em luminosidade, o ser de luz desapareceu no ar, diante de todos, ficando outra vez um pequeno ponto de luz no chão, que, docemente se desfez.

Danto virou-se para seus irmãos Antigos e falou: - No relato histórico dos companheiros de infância do filho de Lenar, os mesmos citam que havia uma arma secreta dada a eles pelo o que depois se chamou de "A luz de Olidio".

-Está correto, meu líder. Respondeu um dos presentes. - Esse Atalassar usou a mesma expressão da história. Foi também com esse misterioso presente que derrotaram Nama, a terrível serpente.

Pensativo, Danto continuou:

Preparem cinco dos antigos flutuadores. Partiremos para a ilha Alin o mais rápido possível.

Ao ouvirem seu líder, os presentes se assustaram. Os flutuadores era o que restara das antigas naves da chegada do Atunis sobreviventes ao planeta floresta. Nos tempos de glória, Atuni, possuía pequenas naves de pouco valor. Porém, a sabedoria para criar coisas aladas se perdera com a morte dos últimos que a conheciam, e mesmo com a história registrada, não se compreendeu o suficiente para se voltar a produzi-las. O elo natural do Atunis era com o planeta Atuni. Não apenas um planeta morreu na última batalha, mas, também muito do saber de seu povo. Os Antigos com o tempo deduziram que muitas capacidades naturais dos seus antepassados viam se esvaindo a cada geração. Entre tantas coisas, estavam perdendo sabedoria. Por isso, o uso das máquinas aladas só seria feito em uma situação extrema que beirava a lenda entre os Antigos. Danto, porém foi firme.

-Livrem-me desse espanto em seus olhos, irmãos. Se não usarmos os flutuadores numa hora como essa, então quando usaremos?

E dirigiu-se para seu local reservado comunicar sua dama sobre tudo o que ela deveria saber para assumir a liderança de seu povo.

O encontro

Ilma viu seu gigante e protetor olhando a paisagem, ainda estranha aos olhos da jovem por mais tempo que já tivesse passado na estranha ilha. Reparou como ele levava a cabeça de um lado a outro, lardeada por descomunais ombros. Parecia estudar cada mudança do vento, cada cheiro que ele trazia. Voltando-se em passos largos em direção a ela, falou:

-Por agora, devo deixá-la.

Surpresa a jovem perguntou.

Por que? O que houve?

A criatura a olhou diretamente nos olhos, mas, logo, desvio o olhar.

Seus heróis estão próximos. Eles a encontrarão e a levarão segura até sua família. Disse o guardião.

-E você? O que será de você? Perguntou mais uma vez Ilma, agora com a voz bem mais baixa.

O gigante a olhou e num gesto brusco a atirou em suas costas como fizera sempre que estava com pressa. Num salto caiu entre as árvores próximas e continuou em máxima disparada.

Enquanto corria velozmente, invertia constantemente a gravidade que lhe servia, se apoiando em trocos, girando e pisando no chão, voltando a usar as paredes de pedra que surgiam no caminho. E o fazia como estivessem sendo caçados.

-Pare! Pare! O que está fazendo? Gritou Ilma em suas costas. Mas, a corrida somente cessou quando, no meio do trajeto, a criatura escalou um paredão de pedra e se agachou, deixando Ilma escorregar suavemente até o chão do pequeno pico de rocha. De lá do local onde estavam, já se via a paisagem um pouco mais aberta. A indescritível floresta que formava o céu tentando roubar a atenção dos dois observadores que, embora atentos, ainda não viam sinais dos homens que deveriam resgatar a jovem.

- Acho que me deve uma explicação, guardião. Falou Ilma com autoridade na voz, mas com pouca irritação.

A criatura ajustou a postura procurando mais conforto, e sentando à frente da jovem a olhou de novo direto nos olhos.

- Preciso falar contigo, pois algo me acontecesse. Em meio às nossas conversas, descansos e marchas, tenho sido emboscado por algo em seu olhar, Ilma. Ao menos, essa é a forma que acredito estar acontecendo. Vinha achando interessante, mas, não entendia o que era aquilo em seu olhar, que, por vezes, também se acompanhava de um sorriso. Então, houve um desses olhares, que me fez isso...

E pegando na mão da jovem, o gigante a pôs em seu peito de colosso, cheio de plantas e pequenas rochas. Era verdade que a mão de Ilma ocupava uma pequena região do tórax da

criatura, mas, ao tocar, ela veio a sofrer um ligeiro susto, quando sentiu o pulsar poderoso de um gigantesco coração. Arregalou seus lindos olhos e ouviu a voz do gigante.

- No início, acontecia isso e passava. Depois surgiu um frio que não me deixava discernir direito. Um frio no peito que antes aparecia ao olhar para você na primeira visão do dia. Mas, agora, está a todo momento comigo. Me diz, minha flor Ilma, sentes algo assim? Estaria nos acontecendo o amor natural?

Ilma retirou a mão devagar do peito do seu gigante, e a recolheu unindo suas palmas. Ficando com a cabeça baixa, respondeu:

- Não, meu guardião. Eu não sinto isso me acontecer.

O gigante virou um pouco o rosto e fitou a magnífica paisagem que os cercavam tanto na terra como no céu, e falou:

- Oh! Uma desarmonia na grande canção da vida. Isso machuca. Eu não sei muito o que dizer. Amor não respondido? Seria essa a minha dor? Nunca na história dos Atunis existiu um amor incorrespondido, pois o amor natural é perfeito e harmonioso com toda a obra. Não seria natural amar sem ser amado. Oh, inatureza abominável que habita meu coração e minha carne.

Ilma levantou, e ficou de pé diante do gigante que permaneceu sentado. Desse modo, seu rosto ficou na altura da fase da triste criatura. A jovem procurava outra vez o olhar de seu guardião, mas, não o encontrava. Ele, porém, a falou:

- Mas, e aquele olhar? O que era aquilo que vi naquele olhar, por algumas vezes? Não posso dizer que nada vi.

Ilma nada respondeu. Sem voltar seu olhar para ela, o gigante a colocou em suas costas de novo e desceu o pequeno pico de volta a floresta. Que pensamentos dos dois bombardearam suas mentes enquanto desciam em silêncio? E chegando no solo coberto de folhas secas em tom marrom avermelhado, o guardião deitou Ilma, cuidadosamente, buscando apenas um dos braços. Quebrando o silêncio, a falou:

-Não tenha isso como uma apelação de minha parte, Ilma, mas, achei que muito antes de sua chegada a essa ilha, minha maldição estava completa. Por agora, vejo que estava terrivelmente enganado, e a pior parte dela agora me feriu. Uma lâmina fria invisível entrou em meu peito é preciso me refazer. Eu a deixarei aqui onde seus hábeis resgatadores irão encontrá-la facilmente. Já estão muito próximos.

Ilma mais uma vez, olhando o gigante, o fez desviar o olhar. Mas, dessa vez a criatura se virou completamente e seguiu mata adentro. Ilma ainda tentou ficar somente o observando, mas, resolveu seguir seus impulsos. E correndo desesperadamente em sua direção, gritou:

- Espere! Espere! Não vá!

E continuou seguindo a criatura pela tênue trilha que deixava ao enfrentar a mata com seu corpo.

O gigante a ouvindo, voltou-se para ela e disse:

- Vejo atos que não combinam com palavras? Ou só mais uma ilusão da inatureza?

- Não me deixe aqui sozinha! Ela respondeu.

O gigante se apoiou em um joelho para vê-la melhor e explicou:

- Eu jamais a abandonaria, minha flor. Não estamos aqui sozinhos.

E olhando ao redor a jovem viu o grupo de resgate que tanto a procurava. Reconheceu primeiro as vestes do povo mantaneiro e as fortes feições de um tatuno espalhados nas arvores e pedras ao redor. Passado um pouco o espanto, viu rostos conhecidos em eventos dos territórios irmãos. Viu Nartir e Polinor que há anos os tinha visto quando eram mais jovens. Viu também o rosto firme de Otolian que, diferente dos outros que vigiavam cada contração dos músculos do gigante, a olhava fixamente nos olhos.

- Não o firam. Falou Ilma baixinho.

- O que? Quebrou o silêncio Otolian admirado com a surpreendente manifestação da jovem.

- Não o machuquem. Ele tem estado ao meu lado todo o tempo. Continuou Ilma. - A ele devo a vida.

Otolian saiu de dentro da vegetação, sendo seguido bem mais lentamente pelos outros.

- O que é ele? Perguntou o mantaneiro.

- Se for um amigo não é tudo o que importa? Respondeu o gigante em tom desafiador.

- Como podemos saber se teu coração não foi devorado pela inatureza, gigante? Rebateu Otolian.

- Guardião. É assim que o chamo. Interrompeu Ilma.

- Que assim seja. A inatureza parece se utilizar de fatos que nunca existiram. Disse Otolian, querendo voltar ao enfrentamento com o gigante.

- Digo que, com certeza, a única parte de mim que sobreviveu a essa maldição foi o meu coração. Mas, possa ele também estar sucumbindo agora.

Ilma olhou para o rosto do guardião que, ao falar isso, baixou os olhos. Percebendo o semblante, o grupo interpretou sua reação como se totalmente se desarmasse, sem intenção perigosa alguma e baixaram suas armas.

- Muito bem, guardião. O que tem em mente? Alguma rota para deixarmos a ilha de forma mais segura? Perguntou Astor se aproximando da criatura.

- A ideia é nos aproximarmos ao máximo para o outro porto da ilha. Temos feito isso desde que encontrei a jovem Ilma e vocês nos tem seguido com maestria. Disse o gigante.

- Tem nos atraído para locais perigosos? Perguntou Astor.

- O que não é perigoso nessa ilha? Não precisaria usar o veneno da inatureza que habita em mim para pensar em algo que destruísse vocês. Essa ilha quer nos devorar todo o tempo.

Então, vamos seguir nosso caminho como um único e forte grupo. Juntos poderemos enfrentar seja o que for que essa ilha guarda para nosso destino. Falou Polinor que junto com os outros observava em silêncio o embate verbal entre o guardião e Otolian.

- Nem tudo poderemos enfrentar e sobreviver mesmo unidos. Falou o gigante. -Mas, essas coisas poderemos evitar de encontrar. Partamos para o extremo porto evitando o lado esquerdo da ilha.

- O que tem do lado esquerdo? Perguntou Otolian ainda desconfiado.

- Melhor ignorar apenas. Vocês cumprirão a missão de vocês. Logo Ilma estará em casa.

Disse o gigante rompendo a vegetação e seguindo floresta à frente.

Após rápidas apresentações enquanto caminhavam, o grupo apertou o passo até chegar numa região cheia de rochas.

Astor observou logo as alterações marcantes da inatureza no local. Percebeu próximo a seus pés um pequeno lagarto que andava lentamente no chão. Todo o ser era formado por argolas de várias cores que, por vezes, se separavam e voltavam a se unir dando forma ao lagarto.

Num instante parecia que sua cauda havia se partido para ser atraída, como que por magnetismo, e voltar a se unir a outra parte. Noutro momento, o próprio lagarto parecia ter se partido ao meio, voltando mais uma vez a unir as duas partes que o haviam dividido. Mas o mais deslumbrante que Astor observou foi que, ao acompanhar a pequena e anormal criatura percebi que a mesma já passara para trás da rocha, mas, a rocha estava translúcida. Astor pensou "rocha transparente!", mas ficou calado observando, enquanto sua mente era bombardeada por ideias de como aquela rocha poderia ser aplicada na civilização. Astor reconheceu naquele instante o que vinha se negando desde que soube dos poderes da inatureza. Astor desejava dominá-la com todo seu ser. O Antigo não percebera o quanto suas ideias o havia atrasado na marcha e ao reerguer a cabeça voltando à realidade, viu o grupo já bem adiantada chegando na margem da floresta que se formava após o pequeno vale de rochas. Viu que o guardião voltava para encontrá-lo. Por certo, haviam percebido que ficara para trás. De onde estava, Astor nem via os Mantaneiros batedores que sempre iam à frente, pois, estes já haviam entrado na floresta outra vez.

- Encantado, Antigo? Perguntou o gigante se aproximando.

Astor não soube bem como responder. Não queria demonstrar nenhuma afeição pelos efeitos da inatureza já que seu povo, os antigos, eram ferrenhos combatentes contra essa arte, e conhecidos pelo seu extremismo quanto a abominar e extirpar a inatureza de vez de toda a

Nebulom. Limitou-se, pois, a sorrir e por de volta no chão um pequeno pedaço de rocha translúcida que pegara para admirar.

O gigante, no entanto, estava parado o encarando com a face séria. Estava desconfiado a partir dali com o comportamento do Antigo e de suas intenções na ilha. A lealdade costumava abandonar o coração dos seres que se encantavam com a inatureza.

De repente, ouviu-se sons vindo da floresta mais à frente. O gigante se virou rápido e viu Otolian sinalizar com pressa e gestos fortes que ele saísse dali. O guardião prontamente compreendeu e de forma brusca agarrou Astor e o jogou em suas costas, enquanto corria para a porção de margem de floresta que ficaram mais próxima de onde estavam. Astor se assustou e quis reclamar, mas, vendo os outros também se escondendo do outro lado, rapidamente compreendeu que havia um motivo para aquela ação toda. Mal se acalmou e se viu no meio das árvores junto ao gigante. Percebeu como o guardião estava respirando ainda forte, mas, com toda a concentração voltada para o local onde estavam anteriormente. Nesse momento, Astor viu algo brilhar entre os galhos e pedras que formavam a roupa-carapaça do guardião. Não teve tempo de observar detalhes, mas, recolheu um pequeno objeto, e, evitando chamar a atenção do gigante, o guardou em suas vestes discretamente.

- Veja o que justifica o alarme dado pelos Mantaneiros, Astor. Falou o guardião em tom baixo.

Astor escalou um pouco mais o dorso do guardião e pode ver ao que ele se referia. A frente da vegetação que protegia os dois silenciosos observadores, passavam organizadamente, um grupo de uns cem insetos. Entre eles, alguns pareciam apressar o grupo demonstrando uma certa ansiedade. Observando um pouco mais atentamente, logo se via que os insetos levavam uma carga valiosa para eles. Um grande cristal que oscilava uma luz confortável em múltiplas cores que variavam.

-Guardião...Quebrou o silêncio o Antigo. Sendo prontamente repreendido pelo gigante por um gesto.

- Só mais um instante, Astor. Falou o gigante. - Essas antenas inimigas captam mais vibrações do que você pode esperar. Deixem que passem mais um pouco.

E a inquieta comitiva continuou seguindo pelas pedras do local, sempre protegendo sua carga. Um pouco depois que passaram os últimos indivíduos do medonho desfile, o guardião olhou para seu companheiro de situação e movendo a cabeça afirmativamente, o avisou que iriam sair de seu esconderijo.

-Estão se movendo para o outro extremo da ilha, o qual temos também como destino?Questionou Astor com tom analítico.

-Aparentemente, sim, Astor. Concordou o guardião. - Mas, pelo tamanho das fileiras, creio que nossos companheiros tiveram que desviar sua rota para fora. Caso contrário, ou seriam descobertos, ou seriam pisoteados pelos insetos.

- O que faremos? Perguntou o antigo agarrado ao dorso do gigante. - Vamos com eles ou procuraremos os outros?

-Vamos com eles. Respondeu o guardião. -Aliados e inimigos estão rumando para o mesmo objetivo. Sigamos os insetos.

Astor olhou onde os pelotões haviam passado e comentou: - Que seres fantásticos. Passaram aos montes diante de nossos olhos, no entanto, perceba...Quase não deixaram marcas no solo.

-Verdade. Concordou mais uma vez o gigante. - Mas, confie. Ainda estamos na pista. Não os perderemos. Falou o guardião, pondo-se a caminhar, levando em seus ombros o Antigo.

Por muito tempo, os dois seguiram em silêncio. Astor se sentia muito cansado, mas, tentava admirar a estranha floresta e seus fenômenos inaturais. O guardião o olhava, percebendo suas observações.

- Sua cultura antiga o faz ser seduzido pela diferença da inatureza, caro Astor? Pergunta-se o que os estudiosos fariam com ela em suas cidades? Provocou o atento gigante.

- Não é isso. Me causa repulsa a agressão que essa ilha representa ao pensamento natural dos Semeadores. Respondeu rapidamente Astor.

O gigante não respondeu. Deixou que seu silêncio deixasse claro a Astor que ele não acreditava em seu argumento.

De repente, o gigante parou. Observou ao redor, e em cima e embaixo. Parecia sentir a ilha com todo seu corpo.

- Estranho. Falou o guardião. Um pequeno grupo se separou e foi em direção aos nossos amigos. Mas, a grande maioria dos insetos apertou o passo, se aprofundando na ilha.

- Vamos segui-los. Apressou-se Astor. Nosso pessoal pode enfrentar um pequeno grupo desses seres sem grande esforço.

O guardião fez silêncio, olhou ao redor e concordou. -Sim. Vamos com eles para as profundezas do desfiladeiro. E seguiu apertando também o passo.

- Já estive tão fundo nessa região, Guardiã? Está ficando mais escuro, e há algo de gélido no ar. Comentou preocupado Astor, sempre bem posicionado no dorso do gigante.

- Raramente qualquer habitante da ilha se atreve a vir no fundo do desfiladeiro onde copas das árvores se encontram com copas das árvores. Respondeu o gigante com tom de lamentação. E antes que Astor questionasse, continuou sua fala. - Onde as Árvores se encontram, facilmente se tem acesso a outra grande parede da ilha. E lá não é um bom lugar. Nem os braceiros vão lá de boa vontade.

- Braceiros? Perguntou Astor.

- Sim. São aquelas criaturas que você viu uma delas a atacar o acampamento e levar Ilma.

- Ah! Incrível! Existe mais de uma?! Uma espécie! Desenvolvida da inatureza e continuando por si só gerando descendentes. Fascinante. Disse Astor sem esconder a sua empolgação.

- Sua animação me impressiona, Astor. Comentou o gigante.

- Espero que entenda que isso deriva da minha cultura, meu caro guardião. Defendeu-se o antigo. - Mas, o que tem lá do outro lado que afasta os terríveis braceiros?

- Algo que faria sua cultura antiga entrar em conflito entre a admiração e a repulsa extrema.

Astor não quis insistir. Voltou a se concentrar nos fenômenos inaturais que estavam a sua volta e pareciam proliferar ainda mais a medida que seguiam em frente. E o "céu" de copas das árvores da outra parede do desfiladeiro se aproximavam mais e mais.

Passaram-se algumas horas incertas em sua quantidade, tendo o guardião e Astor não parado para descansar. Da mesma forma o grande grupo de insetos que eram seguidos por eles não cessou a marcha em instante algum.

- O fundo do desfiladeiro está bem à frente. Comentou o gigante.

- Esperava que dissesse isso. Falou Astor. - Já há algum tempo que não temos mais nada acima de nossas cabeças a não ser uma floresta igual a que estamos.

- Silêncio agora, Astor. Falou baixando a voz o gigante. - Vamos observar os insetos e o que fazem.

A dupla foi se aproximando lentamente de onde o grupo de insetos parara. O avanço do gigante foi de uma maestria que Astor, mesmo agarrado sobre seu dorso, mal percebia a distinção entre o corpo do gigante e a vegetação que o cercava. Não fosse a presença do antigo em suas costas, o guardião se movia praticamente invisível por entre as folhagens inaturas.

- Lembre-se que eu estou aqui. Chamou a atenção Astor. - Você pode estar contando com uma invisibilidade que já não tenha no momento por eu estar aqui, guardião.

O gigante só concordou com a cabeça e continuou avançando.

Já há algum tempo, observadores e observados se encontravam na outra parede do desfiladeiro. Subitamente, o grupo de insetos que já haviam feito algumas paradas como se fossem baixar acampamento, fez mais uma pausa. Enquanto uns circundavam o local do cristal, outros abriam rapidamente uma clareira ao redor. Um terceiro grupo, apenas andava apressadamente ao redor do cristal. De repente, todos os insetos pararam. Nisso, mexeram suas cabeças como que captando algo com suas inquietas antenas. Se ouviram sussurros entre eles e o chacoalhar de antenas. E, então começaram a correr em todas as direções, sem porém,

abandonar o local do cristal. Iam longe e voltavam. Outros batiam ente sí, levemente, passando a correr em outra rota. O guardião olhava a estranha reação das criaturas, quando foi surpreendido por Astor. No movimento rápido, o antigo decidira saltar para dentro da balbúrdia dos insetos e, mal tocando o solo, correu em direção ao cristal. O solo tremeu e as árvores soltaram folhas que caíram em cima da frenética multidão, quando se ouviu um estrondoso urro. Um grito que silenciou toda a floresta, aumentando, porém, o barulho da dança louca dos insetos. Muitas árvores caíram e então um grande criatura apareceu. Tinha uma carapaça cheia de vestígios da vegetação e de pedaços de rocha e terra, lembrando a aparência das vestes do guardião. Possuía quatro patas fortes e curtas, porém, muito ágeis. A sua face e toda sua região inferior do corpo apresentava uma coloração branca. A face era polida, lisa e reluzente na luz com olhos vermelhos atentos e cheios de raiva. Da carapaça saíam escamas que saltavam rodopiastes cortando tudo à sua frente, inclusive transpassando grossos troncos de árvores. Os insetos a atacaram sem nenhum sinal de temor, mesmo após os primeiros perceberem a gigantesca morbidade que a criatura proporcionava. Seus urros eram atordoantes, fazendo muitos de seus atacantes ficarem cambaleantes, sendo logo esmagados pelos poderosos pés da criatura. O guardião vendo a cena pulou para o meio da batalha e atacou de pronto muitos insetos ao seu redor. O gigante buscava chegar a Astor que já chegara ao cristal. O antigo, porém, foi atacado por insetos que defendiam o cristal. Muitos subiram em seu corpo, agarrando o rosto, braços e pernas. Astor não suportou o peso e caiu sobre o cristal. A estranha relíquia dos insetos caiu no chão e se partiu em dois, soltando um líquido viscoso multicolorido. Ao verem o cristal se quebrar, astuciosamente, como se fosse anteriormente combinado, todos os insetos pularam fora do corpo de Astor e o empurraram dentro do pedaço de cristal. O guardião vinha abrindo caminho até Astor, mas, ao ver o antigo naquela situação, parou e ficou olhando, com ambas as mãos lotadas de insetos agarrados por braços ou pernas. Astor soltou um grito terrível e seu corpo começou a mudar. Começou a puxar as características do solo e da floresta ao seu redor.

Avanço final

Otolian ia a frente a passos rápidos, procurando forçar mais velocidade em seu grupo. Estava preocupado com seus dois mantaneiros batedores que, avançando muito, já não se ouviam os esperados sinais sonoros. Em silêncio em seus pensamentos, o líder do grupo de resgate ia mantendo seu semblante inabalável. Os outros não conseguiriam ler o que Otolian sentia no momento. Repentinamente, parou e ouviu o que estava ao seu redor. Percebeu como sua respiração estava alta. Seguidamente, sua mente o alertou sobre o silêncio em que a floresta esse encontrava. Arqueou um pouco a cabeça para o lado direito, e ouviu os passos dos que o acompanhavam. Porém, ouviu um grito distante, como um gemido muito a frente de onde estava. Focou toda sua concentração, e viu seu coração acelerar com a respiração. Então alguém o tocou. Otolian girou em puro reflexo e caiu em posição de contra ataque com sua arma mantaneira apontada para o agressor. Viu, entretanto, Polinor a sua frente de olhos arregalados, mas, pronto para se defender.

-Voce é bem rápido, Polinor. Disse Otolian.

- Quem sabe não daria um ótimo Mantaneiro. Respondeu o Litorâneo ainda com a voz entrecortada da surpresa.

Os outros chegaram, mas, a cena já estava desfeita, tendo Otolian e Polinor continuado a marcha larga em direção ao que o líder tinha ouvido algo. Apressaram o passo e logo estavam todos juntos de novo. Agora Otolian ia caminhando como que pisando na mais frágil superfície. Devagar, porém, firme a frente. Ficaram todos lado a lado e viram a sua frente, um pouco depois das paisagens que os servia de esconderijo, os dois colegas mantaneiros em cima de um pequeno monte de corpos de insetos mortos. Os dois estavam visivelmente feridos, mas, lutavam como se nada sentissem. De dentes trincados, misturavam no rosto seu

sangue e seu suor. Boa parte da vestimenta também estava cheia de “sangue de inseto”, ou seja lá como se chamasse o líquido asqueroso que garantia a vida daqueles seres.

Até mesmo o grande Tatuno permanecia em silêncio aguardando a decisão de Otolian. Mas, Polinor era um litorâneo inquieto demais...

-Vamos ajudá-los, Otolian! Gritou ele. E saiu em direção ao local da injusta batalha.

- Pare! É uma armadilha! Gritou o líder da equipe de resgate. Os insetos estão nos atraindo com eles, Polinor!

O litorâneo voltou-se em direção ao grupo e viu os outros já sendo cercado pelos insetos.

Otolian ainda ladeou Polinor e falou:

- Eles já estariam mortos se não fosse uma armadilha, corajoso irmão litorâneo.

Polinor fitou os olhos de Otolian com o coração sem esperança, mas, encontrou uma redenção no olhar do mantaneiro. Aquilo o deixou mais calmo, deixando escapar uma pergunta:

- Que faremos agora, bravo Otolian? Que faremos agora?

E como resposta Polinor viu apenas o líder gritar com todas as forças e partir para o ataque.

Nartir passou por Polinor, dando um ligeiro toque no amigo, como o convidando a segui-lo

em seu avanço. Mais rápido ainda correu Mot sacando seu canhão portátil e disprando a

esquerda dos dois mantaneiros feridos, espalhando para todas as direções insetos que vinham

em sentido contrário. O tiro havia sido realizado sobre a cabeça de Nartir que, por reflexo,

sem diminuir a marcha rápida com que ia, se abaixou um pouco sentindo o tiro passar

próximo. Otolian foi pelo centro, direto para os dois amigos que ainda se defendiam sob o

pequeno monte de insetos mortos. O restante dos mantaneiros se deslocaram junto e a direita

dele. Alguns mostraram muita habilidade ao trocar de gravidade correndo pelos troncos das

árvores tendo o que era o solo dos companheiros como uma parede lateral. Alternavam todo o

tempo dessa forma, confundindo o sentido dos golpes de ataque dos insetos. Alguns até

sorriam, sem demérito da periculosidade que as armas naturais que os insetos possuíam em

forma de garras e ferrões, e com os quais eram muito hábeis.

Polinor ainda se aproximava soltando rajadas com suas luvas de luz, quando percebeu ao seu lado a presença de Ilma.

- Poderia me emprestar uma de suas lâminas, bravo litorâneo? Disse ela com seriedade no olhar.

Polinor prontamente sacou uma lâmina média e a entregou. Mal agarrou com uma das mãos e a jovem rodopiou sob os dois calcanhares unidos e derrubou dois insetos que atacavam.

Polinor voltou a disparar abrindo o caminho para Ilma avançar.

Mot era um gigante em comparação aos seus agressores. Causava grande destruição agora de posse do seu martelo. Com um só golpe arremessava pelo ar inúmeros oponentes. Parecia se divertir com isso. Mas, tentava manter um ar sério, enquanto também alterou várias vezes de gravidade, voltando sua concentração para onde estava o fundo do desfiladeiro. Nartir,

Otolian e os mantaneiros estavam no centro, formando um círculo de resistência que privava os dois feridos do combate. Então se ouviu um estrondo. O som não afetou em nada o grupo de resgate. Porém, os insetos pareceram ouvir um toque de retirada. Com pressa se reagruparam e sob muito barulho de antenas e zumbidos, fugiram floresta a frente.

Muitos insetos mortos ficaram para trás, demonstrando a ferocidade no campo de batalha.

Otolian foi ver como estavam seus dois batedores feridos e reconheceu que estavam fora de combate até o fim da missão.

-Aqui estão ervas- irmãs, amigos. Disse Mot trazendo algumas folhas que estavam em seus bolsos.

Otolian pegou uma delas e a colocou sobre um ferimento no braço do mantaneiro e esse soltou um grito horrível de dor. Pode-se perceber que a erva esfumaçou ao queimar a pele do ferido. Otolian, sem perder tempo, a retirou com pressa.

-Grande irmão Tatuno, onde arranjou essas ervas-irmãs? Perguntou.

- Eu as colhi em nossas últimas paradas. Achei que poderíamos precisar e talvez na região não tivesse mais. É claramente uma erva-irmã de pele de mantaneiro.

- Sim, em sua aparência é! Concordou Otolian. -Mas, parece que essa maldita ilha e sua inatureza não poupou nem a pureza da compaixão das ervas-irmãs.

- Vamos usar somente o que trouxemos de fora. Sugeriu Nartir. - E vamos logo para o porto que falou o guardião. Astor já deve ter chegado lá com ele e devem estar nos esperando. Já cumprimos a missão. Vamos embora dessa ilha medonha.

- Temo que nossa missão não esteja terminada, amigo Nartir. Falou Polinor se aproximando do grupo, com a lâmina média que havia emprestado a Ilma. - Eles a levaram...

- Eles ganharão um boa distância. Mas, desde o princípio da missão tem me parecido que não a querem sem vida. Pelo contrário. Toda a ação com a jovem vem mostrando ter algum propósito maior. Falou Otolian com toda a liderança que lhe era inata. - Vamos cuidar dos nossos feridos, e então, resgataremos Ilma.

Não se passou muito tempo até que os mantaneiros de Otolian tivesse socorridos os companheiros e os carregassem comodamente em macas presas ao dorso que se arrastam pelo chão na parte posterior. Feitas com galhos flexíveis que terminavam com folhas que tocavam o chão, o ferido ia de maneira muito confortável, enquanto era conduzido apenas por um companheiro. Mesmo assim Mot quis ir atrás das duas macas para observar se acontecia algo de novo a saúde dos mantaneiros. Em sua cabeça, ainda se encontrava muito pensativo na mudança que encontrara presente nas ervas-irmãs.

O grupo de resgate avançava com a marcha rápida de sempre, mas Otolian observava que o grupo estava bem mais silencioso depois de terem os companheiros feridos, voltado a perderem Ilma e não saber o paradeiro de Astor e do estranho guardião. O líder mantaneiro se preocupava com a “moral” do seu grupo e por isso não parava de dar atenção aos possíveis pontos fracos que pudessem surgir.

Chegaram ao um elevado onde a vegetação ficou bem mais densa, porém, por inatureza, a folhagem era de coloração cinza claro e muito frágil, se rasgando ao mínimo toque. Tiveram cuidado para permanecerem ocultos na sensível mata e seguiram bem mais devagar.

- Ouço sons de insetos. Murmurou um dos mantaneiros. - Veja, bravo Otolian.

Com todo cuidado e sendo seguido pelos demais, Otolian avançou para ver o que estava no vale que se abria além da folhagem em que estavam. Todos se admiraram com a visão tanto quanto o mantaneiro. O que estava diante de seus olhos era inimaginável.

Podia-se ver a praia que banhava o antigo porto do qual quase não havia mais nenhum resquício que existira. Em seu lugar, fora construída uma espécie de torre-fortaleza, feita de areia e pedras, unidas por alguma força desconhecida. Em nada se assemelhava com suas construções conhecidas. A torre tinha uma base larga, sendo arredonda com infinitas janelas miúdas, também redondas. A construção estava ainda em fase de conclusão, pois alguns insetos carregavam, cada um como sua forma podia, pedras e areia. Porém o maior espanto do grupo de resgate era com o que estava ao lado da torre. Havia anexo a construção principal, algumas outras em tamanho pequeno que, deveriam servir para inúmeros fins. Atrás dessas, uma imensa meia esfera se erguia, feita no mesmo material da torre. Dela, via-se sair uma grande e larga chaminé que deixava escapar uma densa fumaça incrivelmente branca. Sua aparência era igual a de uma nuvem rechonchuda que vemos nos dias de céu em calmaria. Mas, quando se dizia que era densa, era realmente dessa forma. Sobre as tais “nuvens”, precisamente nas duas que estavam sobre a cidadela dos insetos, podia-se perceber algumas dezenas de indivíduos caminhando com euforia. Pareciam comemorar por estar ali, enquanto falavam com alguns outros que do chão os observavam. Toda a cena era vista pelo membros do grupo de resgate como se estivessem colados na parede lateral do fim do desfiladeiro que a frente ia se horizontalizando em referência a praia. Em direção a esta, notava-se também o encontro das duas grandes cordilheiras de montanhas que lateralizavam a ilha e quase chegava

a se encontrar naquele extremo, mas, que não ocorria de fato por existir a saída para a praia que as mantinham afastadas.

Com cuidado, o grupo voltou a avançar, chegando na posição que se encontravam com o mesmo horizonte que os insetos. Então, viram o lagarto Sizna surgir dando ordens, como sempre o fazia. Ao seu lado estava Ilma aprisionada sendo ladeada por dois insetos. Outros traziam em um pequeno móvel de madeira com rodas, um cristal grande e multicolorido. De onde estava, Otolian e os outros já conseguiam ouvir Sizna falando com tom de entusiasmo para seus obedientes seguidores. - Traga os galhos! Tragam as pedras! Aproximem o cristal! Gritava o réptil.

Nesse instante, veio o inesperado. Ilma foi atirada entre os galhos e pedras acumulados no chão pelos insetos e Sizna golpeou o grande cristal com um pedaço de árvore. Mostrando grande fragilidade, a suposta pedra se estilhaçou e derramou seu conteúdo sobre Ilma. A jovem soltou um grito terrível de dor e começou a se debater. Qual não foi o espanto do grupo de resgate ao assistir Ilma se transformar diante de seus olhos, numa criatura muito semelhante em aparência, mas, que mantinha características femininas, com o guardião. Sizna soltou a sua conhecida gargalhada ecoante, demonstrando toda sua satisfação.

- Já temos a fêmea! Já temos a mãe de um novo povo para habitar esse decadente planeta! Disse Sizna, voltando a soltar suas gargalhadas. - Agora me tragam o outro para ser seu esposo, meu exército!

E ouvindo isso, os insetos voltaram a apresentar seu comportamento correndo de forma mais ou menos organizada em círculos, girando em fileiras separadas nos dois sentidos ao redor de Ilma transformada e ainda sem sentidos, e de Sizna que de braços erguidos empolgava a multidão.

Perto dali, o grupo de resgate permanecia em silêncio. Nartir se aproximou agachado como todos estavam de Otolian e disse baixinho: -Se temos como enviar um sinal para os nossos

que possam estar nos esperando do lado de fora da ilha, penso que não podemos ter uma situação mais adequada para enviá-lo.

Ao Lado de Nartir estava Polinor segurando o sinalizador que haviam trazido.

Otolian o olhou dentro dos olhos, totalmente dominado por uma seriedade misteriosa e respondeu: - Enviem imediatamente!

Irmãos de Atuni

Doran seguia com sua frota de cinco embarcações rumo a ilha de Alin. Por origem litorânea de sua esposa, e sendo ele mantaneiro de origem, suas naus eram muito semelhantes as naves agulhares de Lenar. Porém, eram decoradas nos cascos com desenhos de ondas de um mar revoltado, em contraste as embarcações de Lenar que primava pela límpida superfície incrivelmente lisa que davam um efeito de espelho refletindo o mar ao redor de onde singravam. No convéns principal, Doran observava a linha do horizonte já vendo a ilha e as barcaças litorâneas de Lenar.

- Corrijam o curso. Vamos direto até eles em máxima velocidade.

Prontamente as cinco embarcações corrigiram a rota e aumentaram seu ritmo de deslocamento e trabalho a bordo. Como de costume, não necessitava de muitos tripulantes para se dominar os potentes barcos. Porém, tinha-se trazido em cada uma, quase 500 bravos para o embate com as forças de Lenar que se opunham a tentativa de resgate forçado de Ilma, a filha de Doran.

Todo o movimento era por sua vez observado por Lenar e os seus a bordo. O líder Litorâneo havia trazido um pouco menos de bravos em suas três embarcações, mas, confiava no potencial de estratégia e força de seu povo no ambiente marinho. Deslocava-se, então, a pouca velocidade, buscando patrulha, em direção a ilha de Alin. De onde estava, Lenar já avistava o porto onde seria o reencontro do grupo de resgate, caso Nartir e Polinor tivesse convencido o

restante como combinaram. Percebia-se movimento em suas areias. Mas, nada muito detalhista do que poderia acontecer naquele momento. Lenar observava em silêncio e alternadamente, a ilha e os barcos de Doran aproximando-se. Estava como um estátua já há um tempo ladeado por alguns de seus bravos.

- Parem as máquinas e nos posicionem de frente para os barcos de Doran. Ordenou com voz firme, porém, equilibrada.

Deixou que Doran se aproximasse ate que se pudesse perceber que já diminuíam a velocidade, sendo que ,em pouco tempo, passava a distinguir os tripulantes no convés onde de lá os observavam. Mas, Lenar sabia a que tinha vindo. Para ele não via como deixar ninguém entrar na ilha que era o túmulo de seu filho.

Mandem que subam os bravos com suas lâminas e luvas de luz. E ele próprio deu um disparo para cima com sua luva, como uma advertência.

Doran respondeu da mesma forma, lotando o convés com muito bravos.

- Deixe-nos passar, Lenar! Deixe-nos passar agora! Gritou o mantaneiro de seu barco.

Lenar encheu os pulmões como pode e esbravejou:

- Não passarão!! E prolongou o grito.

Nesse momento, porém, o céu se encheu de um vento fortíssimo e de um som ensurdecedor há muito escutado entre os filhos de Atuni. Sobre as embarcações duas sombras caíram fazendo os homens voltarem sua atenção para o céu. As duas espaçonaves envelhecidas ainda tinha um ar imponente dos tempos em que trouxeram os Atunis sobreviventes para o planeta floresta. Todas que restaram ficaram de posse dos Antigos, porém a sabedoria de sua produção e sua manutenção se perdera na noite do tempo.

-Parem imediatamente! Gritou uma potente voz eletrônica vinda de uma das naves. Então, ambas começaram a baixar entre os barcos ficando lado a lado deles, até tocar a superfície do mar e formarem uma ponte improvisada que uniam as duas embarcações opositoras. O aspecto achatado das naves favorecia que se caminhassem por cima delas. Tão logo uma

escotilha se abriu revelando Danton e quatro outros antigos, Lenar e Doran caminharam por sobre a fuselagem das naves em sua direção.

Antes que um dos líderes começasse a falar, Danto esbravejou com autoridade sobre eles:

- Que estão prestes a fazer? Que tipo de tragédia querem trazer ao nosso mundo? Irmão agredindo irmão? Querem viver o inconcebível? Esqueceram que são filhos de Atuni? Que tem o compromisso de contribuir com o mundo que acolheu as nós como órfãos? Nada daqui é realmente nosso. Já não basta as agressões descritas quando de nossa chegada a esse planeta? Esqueceram que tipo de maldade os filhos de Atuni tiveram que fazer com esse mundo até ter um lugar para viver? Já não basta essa cicatriz no rosto da história e agora irmãos insinuam agredir irmãos. Acaso a inatureza fez o cérebro ficar a falar mais alto que seus corações?

Lenar e Doran permaneceram em silêncio como se ouvissem um irmão mais velho. E Danto continuou:

- E qual seria o próximo passo? Levar o embate até suas famílias? Suas cidades? Olhem para os que os acompanham. Acaso queriam que uns agredissem os outros, sendo este o primeiro ato que fariam a alguém que nunca viram? Com os quais nunca trocaram uma simples conversa? Percebem que o inimigo poderia ser um bom pai, um bom filho, um irmão, e até mesmo um bom amigo? Que horror estão deixando germinar em seus corações, Bravos-líderes? Conseguem olhar o futuro e ver suas casas em chamas? Seus filhos mortos ou órfãos? Participando por uma forma de pensar que o faria bravo e verme ao mesmo tempo?

Nesse momento, um dos antigos que acompanhavam Danton o chamou a atenção:

- Olhem no céu bravos líderes, um sinalizador de apoio!

- É o grupo de resgate! Eles alcançaram o outro extremo da ilha. Devem ter achado Ilma já desse lado, então. Precisam de nós! Disse Lenar surpreendido.

- Vamos rápido! Completou Doran. - Podem estar em perigo.

- Pelo que avistamos ao sobrevoar de longe a praia, devem estar na companhia de um estranho exército. Desembarquem na praia esperando violência. Falou sério Danton. - Vamos apoiá-los, porém, nossa conversa não acabou aqui, irmãos.

Então, cada líder voltou ao seu grupo. Tão logo Lenar e Doran estavam de volta aos barcos, ordenavam irem a praia em máxima velocidade, Danto ganhou o céu com os seus. Agora os irmãos estavam todos do mesmo lado. O líder antigo pensava que havia atingido seu objetivo mais rápido do que esperara.

O Confronto Final

O desembarque na praia foi feito de forma rápida. Ao se aproximarem das águas mais rasas, a grande quilha laminar que tanto caracterizavam os barcos de Lenar e Doran, foram recolhidas, deixando possível que quase não ficasse uma porção do casco das mesmas dentro da água.

Dessa forma, logo os bravos saltaram na areia e correram já formando um único grande grupo. A frente de todos e como de costume entre os bravos líderes iam Lenar e Doran, lado ao lado, disparando suas luvas de luz nos primeiros grupos de insetos que reagiram ao ataque. No céu, as duas naves dos antigos focaram seu avanço nas nuvens que estavam cheias de insetos. De cima delas, as criaturas tentavam jogar pedras, e outras, chegaram a se atirar estrategicamente no meio das linhas inimigas. Após alguns disparos de luz, Danto conseguiu concluir que as naves não sofreriam danos se se chocassem com as imensas nuvens. Isso posto, poucos minutos depois, as nuvens foram desfeitas quando as naves passaram através delas, fazendo insetos serem arremessados para todos os lados.

Corajosamente, o grupo de resgate liderado por Otolian, assumiu o ataque na retaguarda da praia.

- Vamos ver se eles ainda lembram de nos, amigos! Gritou Otolian atacando insetos que corriam para a praia.

Mot preferiu saltar nas costas de um enorme inseto longilíneo e cheio de mortíferas patas.

Os maiores são meus. Gritou o Tatuno dando uma gargalhada ainda montado no dorso do grande inseto.

Polinor e Nartir iam juntos alternando disparos de luva de luz.

Mas, a grande massa dos insetos se dirigia para o encontro violento na praia. Otolian ao notar que as tropas estavam sem conseguir evoluir com o ataque no litoral gritou para os companheiros Litorâneos: - Nartir, Polinor! Vejam se conseguem provocar algumas explosões. Temos que fazer uma parte deles voltarem da praia.

- Vamos naquelas construções, Nartir. Chamou Polinor.

Praticamente, os dois amigos não eram notados enquanto iam se aproximando do local onde uma nova nuvem era produzida. Entraram e viram alguns insetos alimentando uma estranha máquina com um líquido viscoso.

-Vamos ver se isso é inflamável. Falou Nartir.

E disparou no líquido provocando uma inesperada explosão que os fez, juntamente com três insetos, caírem do lado de fora da construção.

Nartir ainda estava tomando de novo consciência do que acabara de acontecer e viu os insetos se levantarem e saírem correndo num claro desespero.

Olhou para Polinor e nada precisou ser dito. Ambos saíram correndo na mesma fuga dos insetos. Uma grande explosão derrubou a chaminé e boa parte da torre. Ocorreram seguidas explosões, e os dois litorâneos corriam entre milhares de estilhaços. Nisso, perceberam que muitos componentes da retaguarda dos insetos, voltaram na direção deles. Mas, não estavam sozinhos. O grupo era liderado por Sizna, o lagarto, que gritava suas ordens de comando.

Polinor e Nartir se aproximaram de onde estava Otolian e Mot que se preparavam para enfrentar a horda que vinha em sua direção. Mas, das naves dos antigos acabara de desembarcar muito bravos que já combatiam também na retaguarda.

- Então, os litorâneos são muito eficientes em provocar confusão? Falou Otolian sorrindo levemente.

- E são em todo tipo delas, Otolian. Quis completar Mot.

Nesse instante, muitos insetos surgiram de dentro da mata. Corriam desesperados em direção aos outros na praia, surpreendendo até mesmo Sizna.

- O que é isso? Reforços? Perguntou Polinor.

- Não aparenta, Polinor. Respondeu Otolian. - Parecem em fuga, desesperados.

Nesse momento, também da mata surgiu correndo o guardião. Vinha entre os insetos, dando golpes nos que tentavam se aproximar. Reconheceu os amigos e foi em direção a eles diminuindo os passos.

Nartir o abordou logo:

- Onde está Astor?

- Ali está ele! E apontou o Guardião para uma criatura semelhante a seu próprio aspecto que saíra correndo com alguns insetos em suas costas.

- Mas, é outro guardião? Espantou-se Nartir. - Astor se transformou em você?

- Não sei no que ele se transformou. Mas, me preocupa do que ele e os insetos estão fugindo.

Comentou Mot.

O guardião falou com uma voz lamurosa:

- Fugimos de Gamira.

E a grande criatura surgiu da mata. E seu grito chamou a atenção até de quem ainda combatia na praia.

Sem fazer distinção entre quem combatia com quem, Gamira saiu pisando e chutando tudo a sua frente. Irritou-se porém, com algumas explosões que ainda acontecia na fortaleza dos insetos, agora também por obra de outros ataques das naves antigas e dos bravos de Lenar e Doran. Tendo sua ira focada na fortaleza, o monstro investiu toda sua força na estrutura e em quem estava nela, ignorando temporariamente o restante do combate.

- Guardião. Abordou Nartir o gigante, falando com voz calma.

O guardião virou-se para Nartir e o ficou ouvindo.

- O que aconteceu a Astor, também foi feito com Ilma, Guardiã. Ela foi modificada. Disse Nartir em tom entristecido.

O guardião balançou um pouco o corpo e olhou em volta o combate.

-Onde ela está? Perguntou

Mas, não foi necessária nenhuma conversa a mais. Todos perceberam a criatura que Ilma se tornou participando destrutivamente do combate. Atacava impiedosamente os insetos ao seu redor. Não muito distante, Astor também fazia o mesmo atirando muitos insetos pelo ar com violência.

Os insetos eram, então, atacados no ar e na praia pelas tropas, na fortaleza por Gamira, e pela retaguarda, pelos três gigantes e o grupo de resgate, já apoiados pelos bravos antigos de Danto. Em meio ao confronto, Mot e Otolian alcançaram Sizna. O lagarto os encarou com intensa raiva em seus olhos avermelhados. Otolian porém, falou: - Mot, meu amigo. Assegure que nossos amigos estão indo bem. Deixe que eu e esse oponente nos enfrentemos de forma justa. Mot olhou sério para Otolian e consentindo com a cabeça, partiu em direção a Nartir e Polinor.

O que se viu após foi um confronto a parte. Otolian ficou apenas com uma lâmina, situação semelhante a de Sizna. Os dois se golpeavam tão violentamente que , muitos dos golpes, atingiram insetos que corriam ao lado. Foram se esgueirando até um elevado, onde varios objetos estavam encandecentes. Sizna tentou utilizá-los para ferir Otolian, Mas, o Mantaneiro se desviou facilmente de todas as tentativas. O lagarto, entretanto, conhecia onde estava levando Otolian. Subindo um pouco mais alto, chegaram a uma plataforma onde muito material para a formação das nuvens estava espalhado no chão. Reconheceu o tom azulado de um deles e, prontamente, lembrou de como era escorregadio. Permitindo que Otolian viesse em sua direção, deixou que o mesmo alavancasse. Quando o mantaneiro pisou na superfície suja com o líquido azulado, caiu fortemente com as costas no chão. Sizna, porém, estava olhando o quão próximo estava da criatura Gamira, que ainda gritava e tentava derrubar toda

a torre se apoiando com o corpo no que tinha restado da construção. O lagarto voltou a olhar para Otolian e partiu em sua direção com a lâmina levantada e pronta para o golpe final no mantaneiro caído. Mas, mesmo na posição de desvantagem, Otolian arremessou a sua lâmina, na posição em estaca, ouvindo um som baixo quando a arma entrou até a metade no peito de Sizna. O lagarto cambaleou, tirando a lâmina do seu corpo. E quase vida caiu da plataforma onde estava. Todavia, seu corpo não atingiu o chão. Gamira percebeu o lagarto caindo e o abocanhou no ar, o devorando em seguida. Com cuidado, Otolian deixou a plataforma e desceu em direção aos companheiros.

Metade das tropas dos irmãos de Atuni unidos avançou para o topo das montanhas onde pelos próximos dias iriam tratar de limpar os resquícios de acampamentos de insetos armados que lá deveriam existir, assim como, os que fugiram para o interior da mortífera floresta de Alin. Ainda se ouviu o grito de vitória de Gamira que, após ter destruído completamente a fortaleza dos insetos, saiu satisfeita de sua ira, não deixando nada em pé e voltando em silêncio para sua floresta.

Da praia até a borda da floresta, os grupos de bravos estavam se reagrupando sob o comando de seus bravos-líderes. Assim também se aproximavam os que formavam o grupo de resgate. Lenar, Doran e Danto chegaram até eles. De repente, pararam impressionados com os três gigantes que estavam parados a sua frente. O Guardião olhou o ser que um dia foi Ilma e se aproximou um pouco dele. Já o que Astor se tornou apenas observava em silêncio os demais. Ainda havia raiva em seus semblantes.

Todos estavam em silêncio, quando surpreendentemente o guardião mudou a direção da caminhada, e em vez de ir até o monstro que Ilma se tornara, moveu-se até Astor e, sem que se esperasse, deu um forte golpe, o imobilizando por trás com uma das mãos.

O grupo de resgate fez posição de ataque, mas, foram acalmados pelo guardião que, pegando uma das sementes entre os galhos que formavam em sua cintura um aspecto de um cinto, introduziu uma delas com força na boca do monstruoso Astor.

A criatura, soltando um forte grito, caiu violentamente no chão e começou a voltar a ser o Antigo que era antes, e em minutos Astor estava caído sobre os cotovelos, tossindo, ainda confuso. Vendo isso, o gigante que foi Ilma se aproximou do Guardiã. Ela o olhou em seus olhos, já sem nenhum sinal da brutalidade que apresentava até então. Parecia que muito do que fora a moça resistia dentro dessa nova e terrível criatura. O guardião a olhou nos olhos e singelamente a ofereceu a outra semente. Porém, viu-se espantado ao perceber que a criatura a recusou com a mão espalmada sobre a sua, a empurrando devagar. Ela também o fitou nos olhos, e se fez um silêncio colossal. O guardião, entretanto, colocou a semente em sua mão e insistiu com a cabeça. Ela o olhou mais de uma vez, permanecendo a olhar em seus olhos. O gigante então, levou a mão do monstro que fora Ilma com a semente até sua boca. E ela a engoliu, caindo no mesmo instante sobre o guardião, dando-lhe um abraço. Soltou um grito terrível, mas, em instantes, assim como ocorrera com Astor, era Ilma que estava com lágrimas correndo no rosto, deitada nos braços do seu guardião. Ele a colocou no chão cuidadosamente e se afastou um pouco. Nisso se aproximaram mais da cena os bravos líderes que ainda estavam vendo tudo um pouco distante.

-Dignísimos bravos-líderes, este é o Guardiã. O ser que foi nosso guia, que salvou e cuidou de Ilma e de nos. Foi nosso aliado, salvador, e nosso amigo. Disse Otolian.

E ouvindo isso, Lenar, Doran e Danto saudaram o guardião com um gesto com a cabeça.

Ilma vendo o pai, gritou seu nome e chorando ambos se abraçaram.

Todos comemoraram o resgate da jovem com gritos de alegria. O guardião, porém, que só observava em silêncio, olhou para Ilma e depois para os outros e os deu as costas se preparando para deixá-los e voltar para a floresta.

-Espere! Gritou Astor ainda apoiado por Mot. -Espere um pouco, Guardiã.

E, pondo a mão em um dos seus minúsculos bolsos, mostrou algo que pegou do corpo do gigante enquanto foi salvo por ele.

- O que é isso pra você? Eu o encontrei entre os galhos de seu corpo.

E jogou o objeto para o gigante.

O Guardiã ainda examinou o pequeno atentamente e respondeu: - Astor, infelizmente devo dizer-lhe que nada sei sobre do que se trata esse objeto. Se foi meu, não me recordo.

- Ainda resta uma semente, Guardiã? Perguntou Astor.

- Sim. Respondeu em seu lugar Ilma. - Guardiã, você me falou em três delas.

- Muito já foi sacrificado nesse dia. Respondeu o gigante. - Não vamos destruir em vão uma semente dos semeadores. Melhor que os Antigos a levem.

- Por favor, Guardiã! Não podemos carregar isso o resto de nossas vidas. Falou Ilma quase que gritando. - Eu fiz quando me pediu. Pois, agora sou eu que o peço. Prove da semente restante, Guardiã.

Então o guardião, tirando a última semente de seu cinto, a colocou na boca, a engolindo.

Tal como esperado, soltou um terrível grito de dor, mas, a reação foi mais violenta. Começou a se debater violentamente se desfazer em pedaços de pedra e de vegetação. Mas, Diferente de como fora com Astor e Ilma, o gigante parecia perecer.

Subitamente, no céu, surgiu uma grande luz que desceu sobre onde Guardiã se debatia , agonizando.

- O que é isso? Gritou Doran ainda segurando sua filha Ilma.

Danton porém, olhando, respondeu seriamente: - É Atalassar!

-Quem? Disse Lenar

E Nartir e Polinor reconheceram a luz que viram na juventude, e ladeando o bravo-líder

Lenar, gritaram: - É a luz de Olidio!

E a grande luz envolveu o gigante, e o contorno de um homem de pele negra se viu ao seu lado. A aparição estava envolta em grandes ventos rodopiantes que dificultava a todos ver com clareza o que se pasava. De repente a luz sumiu. Somente um pequeno e leve rodopio de vento ficara no lugar e em seu centro estava um rapaz caído com as vestes em farrapos.

O grupo se aproximou e percebeu que o rapaz se levantava com dificuldade.

- Olidio, meu filho! Gritou com toda a alma o Líder Lenar e correu em sua direção.

-Pai. Disse Olidio o abraçando ainda fraco.

-Filho meu. Falou Lenar enquanto chorava de alegria. - Não entendo.

- O objeto que achei era um escudo de vocês, Bravo lider Lenar. Explicou Astor. - Mas, não esperava que fosse o próprio Olidio transformado. Essa ilha é incrível. E percebeu o Antigo que deixara um pouco de seu científico fascínio pela inatureza escapar.

Nartir e Polinor também se aproximaram do velho amigo.

- Olidio. Voce esta jovem. Está na mesma idade de quando o perdemos com Nama. Observou Nartir.

- Nada mais justo. Comentou Polinor. -Que tenha toda a vida que ainda não viveu pela frente, meu amigo Olidio.

Nisso, Olidio olhou para Ilma que sorria para ele ainda abraçada ao pai. O jovem litorâneo deu alguns passos a frente dos outros e estendeu seu braço para a jovem, a pegando pelas mãos. Ela o sorriu com os olhos emocionados, cheios de um brilho nunca visto por Olidio.

Então, a abraçou devolvendo o sorriso. Ilma tocou o seu rosto e o perguntou:

- Ainda vai ser o meu guardião?

- Para sempre, se quiser, minha linda flor. E se beijaram apaixonadamente.

E todos comemoraram a felicidade contagiante do casal.